3 1761 07044475 7

PROSA VII

Editôres: SANTOS & VIEIRA — LISBOA
TIP. DA EMPRESA LITERÁRIA E TIPOGR.
R. da Boavista, 321 ❁ PÔRTO ❁ MCMXVII

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO

PROSA VIL

«...coisas do mundo, umas que vão, outras que vem, outras que atravessam e tôdas passam.»

P.e ANTÓNIO VIEIRA.

4.º MILHAR

EDITÔRES — SANTOS & VIEIRA
EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA

OBRAS DO MESMO AUTOR:

PALAVRAS CÍNICAS, 11.º milhar . . 1 volume
CRÓNICAS IMORAIS, 4.º milhar . . 1 »
LISBOA TRÁGICA, 4.º milhar . . . 1 »
PROSA VIL, 4.º milhar. . . . . 1 »
GENTE DA RUA, 3.º milhar . . . 1 »
GRILHETAS, 3.º milhar . . . . 1 »

PQ
9261
F67P7

LIBRARY
FEB 9 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

Ao

DR. CASSIANO NEVES

Grande amigo e grande médico.

Prólogo

O AUTOR dêste livro declara que nem por sombras pretendeu tratar aqui de coisas profundas ou bordar um estirado sermão sôbre os vários Heráclitos e Demócritos dêste mundo. Para isso era preciso grande cópia de sabença, que êle não tem, e o compulso dedicado de vários eclesiastes ratinhos de capa amarela e 3,50 frs. o volume, que Júpiter o guardou de ter feito.

«O mundo é um tablado onde cada um vem dizer o seu papel e passa». O autor sabendo isso não quis fazer papel nenhum. Contentou-se em, da platea, ir anotando os vícios e as ilusões dos actores, o péssimo

ou o excelente do espectáculo. Uma opinião é uma luneta. Ponha o leitor esta que verá assim.

Obra de espectador, que não deve nem teme, ela é como queiram que ela seja. Fumando o seu cigarro, o autor magica muitas vezes na afirmação de Camilo: «que êste mundo não pode ser reformado, emquanto as cataratas do céu não despejarem sôbre nós um segundo dilúvio. Quando as águas subirem trinta e nove braças sôbre a superfície do globo, andará ainda muita ridicularia a boiar à tona dágua. A cura radical só pode dá-la a quadragésima, a última braça».

Depois, para mau espectáculo prosa vil. Prosa vil, sim, mas tu, pobre gusano da terra, «hipócrita leitor, meu semelhante, meu irmão», julgarás acaso que valem mais os teus vícios ou as tuas qualidades?!...

«Quando o fado é rigoroso...

NADA *vale ao infeliz!...»* Aqui costuma pôr-se um *Ai!...* Não é um *ai* vulgar como o bocejo, é um *ai* muito lânguido, muito quebrado. Depois o fado segue. Também é de molde intercalar-se um *Ora!* muito derretido, muito sentimental. Então não há circunstante que não tenha o comovido *frisson.* As almas galvanizam-se e quedam-se a escutar. E o fado vai narrando relatos pungentes e amores atraiçoados, histórias doloridas, destinos trágicos e fatais. Ordenha-nos o sentimento. E o sentimento dá o seu contingente piedoso.

«Morreu a Cândida Camareira!» E como se um terremoto tivesse pôsto em Tôrre de Pisa os alicerces da cidade, a gazetiferagem citadina com

grande cópia de abundosos pormenores, veio contar-nos que na Travessa da Água de Flor

uma fadista morreu.
— *Dlin, dlin.*

Foi um pânico nas gentes, é claro, e todo o fiel fadistinha armou o crepe no braço e pôs a banza em câmara ardente. Depois do ritual foi-se aos jornais e lá viu o retrato, a lista cronológica dos amantes, o bife de vitela, o leito da agonia e o elogio da boémia. E tão convincente era o elogio jornalístico que mais parece que a Cândida era cá da classe.

Põe a gente a alma a meia haste, não ha remédio! Depois continua-se o folhetim. E na continuação já se sabe que a pobre rapariga levou para o verme meia preta e ligas côr de rosa, porque um *reporter* mais abelhudo soergueu a fralda ao cadáver, para bem informar a história.

Já os cegos tardam: — *O grande e horrível crime...* E em fadinhos, de que ela foi tão amantética, se está a ouvir a canonização fadistal da «pobre, desinfeliz»...

O fado nasceu não sei aonde e não estou tam-

bêm para inquirir. «Quem quiser saber o resto compre o papel.» Mas é decerto engeitado. «Menino e moço» o levaram... para o Limoeiro, ora aí está!

O que sei é que é uma canção de vadios, um hino ou um desabafo de criminais. Apoteoísa o crime, o calão, o degrêdo, a miséria, a prostituição, o hospital. É uma canção de degenerados, de esgotados, e unge-o sempre uma «sentimentalidade canalha», como diz Camilo, que faz safar a honesta gente. Monótono, arrastado, langoroso não é uma canção é um lamento. Um responso não tem mais sornice.

Dizem que é uma canção de raça. Impossível. O fado é absolutamente incompatível com as virilidades duma raça forte, aladroada e corsária, batalhadora e fera, que a nossa foi. O fado é a canção da decadência, uma canção de serralho, sensual, amolengada, fatalista e choramingona. Teve por avô o «doce landum chorado» de Tolentino, cheio de lascívia sentimental, que morreu exactamente como D. João V — caquético.

O fado foi um estroina. Esteve nas esperas de touros, garganteou nas vielas e a horas mortas era a vara de Moisés dos olhos e das almas. Teve

larga bastardia. Fadinhos de todos os quilates e feitios. E assim é que se contam, desde o «triste vida do marujo», da *Anadia*, do *Sepúlveda*, muito choradinhos, até ao patuscante da *Cesária* e do *Jacinto*, e dêstes, com a conveniente escala pelo de *Cascais*, da *Albertina*, da *Sebenta*, do *Liró*, do *Roldão*, de *Pedrouços*, do diabo, até ao da Severa, em que

«O conde de Vimioso
Terrível golpe sofreu»

e ao do *Hilário*, com deliciosos versos dêsses altíssimos poetas que são Augusto Gil, Afonso Lopes Vieira e Fausto Guedes.

Subiu até aos fidalgos quando os fidalgos desceram até aos fadistas. E quando os fidalgos se dignaram dar o braço às rascoas de tamanquinha de verniz e saiote ribaldeiro de baeta encarnada, então, ó gentes! o fado invadiu êste mundo e o outro, o diabo e sua mãe. Mas, como da vadiagem com fidalgos tão cheios de sentimento, êle nada tirasse, pois lhe ficassem as mesmas manhas, subsiste o motivo de repulsa.

O fado é sempre o fado. Canção para amolecer

e derrear, para fazer olheiras e chorar meretrizes e borrachões.

Tão fundamente radicado anda no espírito dos quebra-esquinas da cidade ou dos freqùentadores das vielas e tascos de suspeição que foi agora um chôro, porque morresse a Cândida. E as lágrimas correm às bagadas, pranto desfeito que marulha e cresce, e transbordando dos linguados para o caixotim, dali para as *Marinoni* e destas para as enlutadas gentes, breve teremos o comércio fechado e tudo a dar-se pêsames.

Ora bem. É o caso que uma destrambelhada criatura, sovada ou não pelo amante, morresse. Esta imprensa, que nada a faz sair do seu sério, que não tem um olhar piedoso para um quadro ou uma estátua, que consagra quatro linhas à morte de Courie e dezóito palavras à estreia duma peça, vem ainda de lenço nos olhos e trémulos na pena traçar o necrológio da inditosa. E duas coisas ressaltam e dão motivo para tal celebreira. Ser a criatura um belo coração numa boa mulher e uma fadista de alto lá com o fadinho. E aqui está mais uma apoteose ao fado.

Quando àmanhã o sr. Pinto de Carvalho ou o sr. Alberto Pimentel de então quiserem escrever a

história encontrar-se hão em frente duma pranteada celebridade, que teve mais o agradecimento da imprensa que qualquer modesto e digno trabalhador que tivesse ficado debaixo dum andaime.

Digam-me se o fado não é ainda um seguro passaporte para a eternidade e se não vale a pena qualquer costureirita em início de vida em lugar de seguir senda séria e recatada, dedicar-se a andar em companhia de bailhões cantando o

« Se vires a mulher perdida »...?

E digam-me lá se em vista de tal nomeada não é consolador levar duas cacetadas, e morrer em plena glória ?

Está-se a ver pedir um lugar no Panteon para o *Calafate*. E se as mulheres não são menos, salta o mausoléu para a pobre Cândida. Esta apoteose não admira num país de correccionais. E com a terapêutica do fado, certo é ser o seu final em África, quando qualquer raça vigorosa e sadia nos enviar algemados para as possessões.

Engana-se quem cuida ser o fado uma canção nacional. É isto uma afirmação que convêm repetir. O fado é um labéu, uma coisa que se deve es-

conder como uma tara maldita ou uma doença suspeita.

Bruant tem o seu *cabaret* em Montmartre. Nas suas canções faz-se a apoteose do *souteneur* e da *marmite:* de «tudo quanto a perversidade humana, cínica, miserável, monstruosa, tem de justo e de providencial, a um ponto de vista absoluto», diz o sr. Alberto de Oliveira.

As suas canções encontram-se no seu livro *Dans la Rue*, com ilustrações dêsse acarvoado Steinlen.

«Bruant é o poeta dos que dormem pelos bancos das ruas e apetecem a prisão para terem um lar. É o poeta dos guilhotinados, e o fúnebre arrepio da luneta no pescoço do miserável, parece palpar-se nos seus versos. É o poeta dos que no inverno, se vestem de neve, à falta de melhor manta onde se agasalhem. E é o «trovador do assassino, do ladrão, da mãe que vende filhas de oito anos a velhos lúbricos, da amante que tanto mais adora o homem, quanto mais o homem lhe bate...»

Pois bem. Ninguêm chamará nunca às canções de Bruant, canções nacionais. Ninguêm vive o seu fatalismo, nem arrasta a canga de suas desventu-

ras. A canção nacional deve antes ser a canção que desperte energias, que galvanize as almas de algo de grande e de forte. Deve ser algo que anime e embriague, que encoraje, que leve embora à morte, mas com o coração em festa. A canção nacional não é, pois, a do artista Bruant: será a *Marselheza.*

O fado, canção nacional? Que o fado seja canção da minha rua, se eu morasse na Travessa da Água de Flor, vá, mas que êle seja a canção da minha pátria!?...

Só agora reparo que ia tomando isto a sério. Vá, continuem, meus senhores. Íamos nós...

Quando o fado é rigoroso
Nada vale ao infeliz...

A Cândida, a Cândida, é que cantava isto na perfeição.

O Fado

VÁRIAS vezes se tem afirmado em letra redonda, com gáudio extraordinário da classe amantética de trinados, que o fado é por excelência a canção nacional. Que ela traduz o sentir do nosso povo e que ela, como nenhuma outra, diz mais isto e mais aquilo, que sim, mais que também. Tenho visto isso escrito mas com pavor e já disse o que supunha a tal respeito. Mas o êrro, como bexiga soprada, incha e perverte com seu contágio. E não mais me importaria se não viessem escritores amigos dar fôrça ao êrro.

Afonso Lopes Vieira sancionou-o e agora Simões Coelho veio, a propósito da notícia duma peça teatral, visar a opinião mais do que modesta e pessoal de quem escreve estas linhas.

Ora o fado é um dos males nacionais, insiste-se. Não basta dar caça ao rato, é preciso também exterminar a lenda do fado, para o reduzir às suas justas proporções. O fado veio do crime, nasceu na vasa e nada tem com a raça. É como qualquer outra uma canção. E que «haya una *cancion* más que importa al mundo?»

Digam-me em boa verdade o que canta o fado? A mulher perdida, a partida para o degrêdo, o hospital, o presídio, o chulo e o assassino, sòmente. Onde se canta? Nas alfurjas, nos lupanares e nas tabernas. Tirem-lhe o scenário duma rua escura, um saiote vermelho em coxas de boneja, o mesmo saiote vermelho que na *Severa*, de Júlio Dantas, põe frémitos de luxúria na espinha do bodegão alquilador, o tom compungido duma assemblea romântica e digam-me o que vale o fado? Não! O fado é uma canção de criminosos. Expropriem o Bairro Alto e a Mouraria da lenda, apague-se de todo no passado a espera de touros e matá-lo hão.

Eu não acredito que o fado seja a canção nacional por excelência. A não ser que se dê também lugar à facada, pois que «o fado, a navalha e a guitarra constituem uma trindade adorada pelo lisboeta», diz o sr. Pinto de Carvalho.

Teófilo Braga diz que o fado nasceu e vive nas mais baixas camadas da sociedade. Tinop, Oliveira Martins e Luís Augusto Palmeirim são de parecer que o fado nasceu no mar, ao ritmo das ondas, embalando saudades, cheio dum sentir mais do que melódicamente sentimental. E para prova lá está «a triste vida do marujo — Don, don!»

Mas não. O fado nasceu na cadeia. No Limoeiro ou no Aljube, O *Josézinho de Alfama*, se não é desta opinião, é pelo menos como se o fôsse:

Adeus, ó pátria querida,
Aonde eu fui baptizado!
Adeus, parentes, amigos,
Que eu cá vou degredado!

Aí teem o fado. Cantar as tristezas do galeote e ser o esgôto da tristeza de marafonas, é o seu destino.

¿Mas foi às salas, o fado? Foi. Quando os fidalgos desceram à taberna. Questão de moda. Daí vem, por questão de moda ainda, chamar-lhe canção nacional. Era o fado que subia? Era a fidalguia que descia? Era a mútua atracção.

Os fidalgos abastardavam-se, e de cruzamentos com tipos inferiores saía uma série derrancada de

galdranas e estoiradinhos escrofulosos que eram terreno mais do que próprio para a cultura das tristezas em qualquer tom.

O homem forte é alegre.

A alegria procede da Natureza. O fado, da Noite. Soluça, geme, suspira, crispa-se, sofre, chora e é tudo. Vem depois o sol, «o claro amigo dos heróis», e a tristeza passou. Canção nacional?

«Albuquerque, o terríbil, e Castro, o forte», são incompatíveis com o doce languir do fado. É certo que Pedro «o Cru», gostava de danças e folguedos. Mas quem nos diz que não fôsse vinho.

O português foi sempre amigo de cantigas. É até disso que êle vive. Mas há uma diferença profunda entre a canção e o fado. A canção é um hino, o fado uma queixa.

«Quem canta seus males espanta»

diz a trova, ou então como quere o sr. Bulhão Pato:

«Quem é pobre, e quem lida
Aligeira a cantar o pêso desta vida»!

Os fortes podem cantar, mas o fado não se fêz

para êles. Se não, é ver o género de morte predominante, nos seus cultores. Morrem todos de tísica ou seja a pletora da tristeza.

Quando da devassidão monástica e da pastelaria, também conventual, veio o relaxamento das energias com o relaxamento dos estômagos, quando de todo êsse resvalar para o abismo o fado-destino não admitia demora ou reforma, chegou o fado-canção. Veio na decadência e por isso é um elemento regressivo de que convêm fazer a profilaxia racional. Canções como o fado não constituem um elemento componente, mas dispersivo. Não auxiliam a consolidação das sociedades, mas a sua dispersão. Depois, é bem odioso ver homens cantando e chorando como mulheres. Todos os *gatos de nove rabos* do mundo não chegariam para os azorragar.

Canção nacional? ¿Pois por Nicolau Tolentino ser dum repugnante servilismo e passar a vida lambendo as botas a fidalgos não menos repugnantes, quere isto dizer que a poesia se fêz para solicitar chapéus velhos e ceroulas usadas ou cantar anos de birbantes?

Também o bebedor dirá ser o *cognac* uma «instituição nacional». E todavia não merece louvores. Ora o *cognac* está para o bebedor como o fado para

o português. O fado deu o fadista, seu filho dilecto e amado. O fadista é a vestal destinada através dos tempos a conservar-lhe o fogo sagrado, o jardineiro precioso de seus gemidos e soluços. «Minado de taras, avariado pelas bebidas fortes e pelas moléstias secretas, com o estômago dispéptico, o sangue descraseado e os ossos esponjados pelo mercúrio, — é um produto heteromorfo de todos os vícios, atinge a perfeição ideal do ignóbil», diz Tinop. Eça de Queiroz, falando do fado, diz que «... é uma comédia. Tem uma orquestra de guitarras e uma iluminação de cigarros. Está mobilada com uma enxêrga. A scena final é no hospital e na enxovia. O pano de fundo é uma mortalha.»

¿Querem saber onde o fado se dá e quais são os seus cultores? É uma infinidade de lugares suspeitos e uma lista de machos e fêmeas inscritos nos registos do Limoeiro e no livro das toleradas. É a estrada de Palhavã, a Rabicha, Arco do Cego, o Beato, a Madragoa, as esperas de touros. É o Sousa do *Casacão*, o *Ratado* e o *Calcinhas*, com a Severa, a Rosa *dos Camarões*, a Beatriz, a Maria José *Loura*, a Maria Pia, a *Borboleta*, a Ana *do Pôrto* e outras que, no dizer do autor da *História do Fado*, «morreram de amor como aquela siciliana cujos

desgostos pagãos soluçam églogas de Teócrito.» Boa gente para mandar representar a pátria ao estrangeiro.

Rezador de poltronarias, buenadichismos, espadachinagens de navalha, tristezas, dolências & C.ª, o fado teve a sua Roma na rua do Capelão, na taberna da Rosária *dos óculos*. O seu orago, a Severa. Mestre Vimioso, o Sousa do *Casacão*, sargento de sapadores e outros que tais, seus profetas. Mas isto mata, isto arrasa, pulveriza a lenda. Onde está a poesia? A Severa adoeceu na sua casa da rua do Capelão para ir acabar tristemente no hospital, vítima roída dos males secretos, que os maldizentes dizem trazer o amor no seu séquito:

« Quando a Severa faleceu
As guitarras soluçaram
Tôda a Mouraria gemeu
E os fadistas choraram.»

Depois a lenda, a grande mentirosa, tomou-a à sua conta. Endeusou-a. Dava um artigo interessante: «Como de comborça, se vai a deusa». É êste, atenuado, o caso da Cesária, que não tem no céu dos fadistas mais do que um altar lateral.

Provado como está ser o fado uma canção de

correccionais, inútil é poetizá-lo, inútil é esquadrinhar razões para o alçapremar à admiração dos indiferentes. Fique-se no que é. Um desabafo de regalões moinantes, porejando podridão e dizendo desventuras, desgraças de vidas que outra coisa não tem. Sentido? Certamente. É a sentida canção da confidência nos momentos vinhosos e tristonhos. ¿Canção nacional por excelência? ¿Tradução fiel das qualidades e defeitos dum povo? Que demónio?! ¿Pois não é êste um caso de insânia colectiva? ¿Que teem os cavadores com o fado? ¿Os que trabalham no fundo das minas? ¿Os que de sol a sol mourejam e se arrastam? O fado é inteiramente desconhecido a quatro milhões de portugueses. Menos conhecido que uma letra de alfabeto ou os brilhantes *Bera*. Afirmar que o fado é a canção portuguesa será dizer que o catolicismo é a mais espalhada religião do Universo. Enganam-se redondamente os que supõem que o fado autobiografa uma raça. Afirmá-lo é falcatruar a História e embaçar a curiosidade do leitor. Sim, porque dar foros de canção nacional a êste entretenimento de rascoas lá me parece duro. Pois a raça portuguesa estará condenada a viver, amar e morrer como a triste heroína do amor do Vimioso e do candieiro de petróleo!?...

Não, nenhum português pode ter mais do que uma simpatia tolerante por essa ladainha de tristezas. Que eu, desde já o declaro, de tudo o que conheço do fado, só tenho simpatia por aquele Rafael a que o sr. Pinto de Carvalho se refere, fadistófobo sem pavor, que um dia, ao encontrar no botequim *do Pedro* dois fadistas, prometeu corrê-los a cacete se lá voltassem. Voltaram e já não eram dois, eram vinte. Pois o Rafael chegou, entrou, e apesar de dois amigos o tentarem demover, daí a minutos não se ouvia lá dentro senão um reboliço enorme, e não se via senão sairem de lá, a correr, fadistas e fadistas de toutiço aberto e sangrante, levando mais um motivo de plangências sem fim, pela noite morta e desolada, nas cordas da «doce lira».

Fragmento duma carta

INHA querida amiga:

. . . . . .

Lembra-se de quando há dias me dizia que eu deveria andar sempre correcto, o vinco das calças brumelesco, arqui-chique o corte do *paletó?* ¿Recorda-se ainda da minha resposta? — Que não podendo ser o *maior,* abdicava. É isso. ¿Pois o que é a vida senão uma constante abdicação? ¿Mas então não é ambicioso, foi ainda a sua pergunta? Sou, e porque o sou, e muito, é que abdiquei da ambição. ¿Assim, porque me não vê *dandy* e pretencioso? Porque, em matéria de elegância, não podendo ser «o mais elegante», cortei as minhas relações com ela. Conhecemo-nos, é certo, mas não nos falamos. Daí, êste à vontade. Depois um

fato novo é uma preocupação. Só o mêdo de o sujar, caramba!... um fatinho novo!...

Eu entrei na vida, ambicioso, é certo. Hoje sou-o, também é certo, mas para dentro. Sonhei ser grande, o maior de todos. Foi sonho. E como não possa ser o maior, contento-me em ver, mero espectador, lobo que ri, um pouco contrafeito talvez por não poder descer ao povoado.

Pensei em ser o maior no Amor. Não encontrei fêmea que valesse o sacrifício. Pensei em ser grande pela Arte. Para qualquer parte que me voltasse havia nomes inapagáveis. Pensei em dominar os homens. Tê-los a meus pés como um rebanho Qual?! Todos o fizeram, porque a todos pediram empregos, a todos exigiram serviços, todos conseguiram favores. Eu, incompreendido, *bípede implume que ri,* de Platão, lancei fogo às minhas ilusões, regando-as um pouco com as minhas lágrimas solitárias. Uns medíocres arranjaram-se, outros agatanharam-se e os que valem estão saciados. Eu estou contente. Sou o *senhor zero à esquerda* do conto de Ingegnieros. Alguns, na ânsia de me deslumbrar, mostram-me o que podem. E eu, como velha embaladeira, conto-lhes a história dum vizir que mandou justiçar uma cidade, dum sultão que justi-

çou um vizir, dum carrasco que justiçou o sultão, duma figueira que enforcou o carrasco...

Abdiquei da ambição e sou o mais ambicioso. E aí tem por que eu não sou rico, grande, amado, desejado, invejado, talentoso!

....

V. diz-me: Veja o meu lindo vestido! Custou uma fortuna. Com ela construiria um bairro para indigentes, com ela um navio mais sulcaria os mares, com o seu preço faria felizes um milhar de proletários. Cuida V. que me deslumbrou? Eu responderia... Ah! minha querida! É que desconhece a *sortie de théâtre* de Miss Kliff. Custou a um nababo o preço de cem das suas *toilettes*. É que V. desconhece o punhal de Aladino. ¡É que V. nunca ouviu falar do travesseiro de Salomão!

E V. fica curada. ¡Não mais, como eu, terá vaidade!

¿Pois de que me serviria ser rico, muito rico, imensamente rico? O primeiro maldoso a quem eu patenteasse o meu poderio, cheio de inveja haveria de dizer: Não há dúvida, meu caro amigo: ¡Mas falta ali o célebre ovo de avestruz! ¡E não tem o seu palácio a decorá-lo pinturas de Miguel Ângelo!

Se acaso eu coleccionasse pintura, V. veria. Ainda que eu tivesse um dos primeiros museus.

É certo, meu amigo, que V. tem um belo Velasquez! Mas o Prado!! Que museu! Nunca V. terá o que tem o Prado! Mas eu à custa de esforços sem conto consegui um Rafael, um Watteau, um Franz Hals. Logo o cavalheiro: um Franz Hals? Mas V. não viu o museu rial de Amsterdam? Isso é que tem quadros.

Eu tenho livros. E não tarda a resposta. Ah! se V. visse a livraria do Vaticano! Tenho autógrafos. E logo o cavalheiro: Tem V. algum de Dante? Ah! não tem? E de Shakspeare? E como também não tenho, nem eu, nem êle, nem a sua avó, envenena-me a colecção...

¿De que serve pois ser ambicioso? Basta um riso, um dito a tempo. E logo a gente se cura. V. construiu um prédio e um jardim que é o seu orgulho. Eu vou e digo: sim, não é mau, mas iniludívelmente é zero ao pé dos jardins suspensos de Semiramis! V. tem óptimas rosas. Rogarei que me dê uma, só para ver que nem as roseiras conhecem dono e implacávelmente o hão picado.

Se V. me revelar o propósito de dormir a sesta, eu dir-lhe hei que há sombras envenenadas como a

da mancenilheira, reptis daninhos, a Morte espreitando! E V. não dormirá.

E porque V. tem a algibeira cheia, eu conto-lhe infindáveis histórias de ladrões e V. terá pezadelos. Porque V. come gargântuamente e eu sou dispéptico, tudo será lembrar-lhe cancerosas doenças do estômago. — O homem que come a carne, o câncro que come o homem. — E V. terá cólicas. E nada, nada passará, sem que eu manche e agúe com a minha dedada peçonhenta. A vida feliz. ¿Pois V. não vê que se eu fôsse o *dandy* que V. sonhou, viria um cavalheiro dizer que o corte das calças de Zacarias XX da Tibéria era mais elegante e com isso eu ficaria surdamente irritado? tão irritado que não lhe saberia sequer perguntar quem era êsse tal Zacarias de vintêm e onde ficaria essa tal barataria Tibéria. Ah! minha querida amiga. ¡Quão pouco azêdo é preciso para avinagrar o vinho dum homem!

¿Depois disto quere V. que eu seja bom, grande, *dandy*, rico, feliz, talentoso, o diabo? Quere? ¿E se eu o fôsse não seria a sua boquinha de ouro a primeira a ir à estrada assassinar as minhas ilusões? ¿Mas V. acha duro *assassinar?* ¿Pois bem, comprometê-las, gosta? Se V. não gosta inventarei outro

têrmo. No fundo, que quere! é o mesmo. Mas V. não ama, não me poderá amar. Lembre-se V. que o amor, uma vez à chuva, destinge. As almas crentes não reparam na chuva e mandam freqùentemente pintá-lo. Mas a camada de tinta vai-se, e depois, e depois, nova pintura. Não encontra V. amor sem Ripolin.

«É sina, é sina remador voltemos...»

E aqui termino. Para se ser feliz é necessário alijar as ilusões ao mar. Em noites sonharentas dizem que elas veem boiar como a taça do rei de Thule. Ilusão ainda ou imperícia. Onde pararão as minhas? Ah! eu não as lancei à água corrente. Queimei-as uma a uma. Um vento valedor dispersou-as. Hoje sei lá, minha querida, onde essas cinzas foram servir de adubo! Creia-me V.: Vaidosa, julga-se talvez feliz. Eu abdiquei. Sou um morto que come e ri. E para se ser feliz na vida ou é necessário transpor as portas da doutrina búdica, dêsse Buda que durante doze anos se alimentou de perfumes, ou querendo agir e lutar descer à vida a aferir as almas. Pouco basta. É tão ténue a camada da ilusão!

Em última instância. Seja V. a dona da propriedade nova. Eu para mim reservo o papel de garôto sujo, que, vingadoramente, vai escrever nas paredes pintadas de fresco, palavras nuas, roçagantes, obscenas.

Políticos...

UMA das coisas mais curiosas que tem êste *Almanaque de A Lucta* é sem dúvida a secção coordenada segundo o *Anuário Comercial — Operários sem trabalho e trabalho... de Hércules.* É a relação de duas dúzias de criaturas que são tudo cá na terra. Tudo quanto é possível ser com honra e proveito, mas muito mais proveito do que honra. Todos políticos...

À vista da relação, o período de Teixeira Gomes, que em Portugal não há emprêgo mas empregos, toma foros de axioma. Um para o almôço, outro para o jantar, outro para sustentar a Paca, outro para pôr os meninos no colégio, outro, outro e outro... ¿Há lá criatura que tenha menos de 8 empregos?! De algumas sabemos nós que coleccionam

*

azulejos, estampilhas, autógrafos, pentes, cartas de amor, armas gentílicas e pratos de sopa. Êste Almanaque trouxe-nos uma variedade de coleccionador. O de empregos. Há o de empregos chorudos: muito procurada esta variedade e para privilegiados. Há o de honoríficos: presidências de assembleas gerais. Há os eclécticos, que não teem especialidade, tudo lhes convêm. Êsses são os que coleccionam empregos, tanto governamentais como particulares. Não escolhem. São o maior número.

Políticos? Abro aqui um parêntesis para relatar um caso: O de Timóteo. Timóteo entrou na Arcada, seguro de que ia cumprir uma missão messiânica. Levava na algibeira uma carta de empenho. Zumbaiando, humilde, servil, Timóteo, que ia dizer a sua pretençãozinha, saíu da Arcada amanuense. Os contínuos, nessa tarde memorável, ao verem o ministro afagar Timóteo, deram-lhe excelência, sem embargo das suas botas cambadas. Timóteo sentiu-se alguêm e como não era tolo filiou-se. Filiar-se a gente é o início duma carreira. Escolheu, é claro, o partido de maior clientela. Cultivou os chefes. Levava-lhes cartas ao correio, ia chamar o trem, dava-lhes água para a barba, ouvia-lhes as confidências e catrapiscava-lhes as filhas.

Assim se sobe na confiança dos chefes e assim Timóteo subiu. Subiu, subiu, subiu e hoje só lhes direi que, um provinciano vindo a Lisboa, negociante ou negociador, vai à Direcção do Banco de Portugal, e quere falar ao director de serviço: É Timóteo o director. Vai à Companhia do Gás: É Timóteo quem lhe fala. À Companhia das Águas: Lá está Timóteo a dar ordem ao expediente. À Companhia do Crédito Predial: É Timóteo quem o escuta. À Companhia dos Caminhos de Ferro: É Timóteo quem o atende.

Mas trata-se de meter um petiz na Casa Pia. É Timóteo o provedor. Quere fazer um seguro e vai a uma Companhia qualquer: É Timóteo o gerente. Não pára mais. Timóteo é chefe de repartição no Ministério da Justiça, Conservador na Biblioteca Nacional, professor na Escola Politécnica, administrador da Companhia de Lanifícios Arrentelense e redactor da Câmara dos Pares. Temos além disso que Timóteo é membro do Conselho da Arte Dramática, Director do Jardim Zoológico, Director do Dicionário da Academia e Deputado da Nação.

Como vêem, Timóteo é o Pereira Merelo dos empregos, e pode dizer-se isso com verdade. Pereira Merelo era bibliófilo apaixonado. Coleccio-

nava livros, não para ler, mas para os guardar. Arrumava-os em sacos, mas pagava-os. Timóteo colecciona empregos. Nunca lá vai ou quási nunca lá vai. Em compensação, recebe de todos êles. A alguns conhece-os sómente de nome, mas não lhes ignora os proventos.

Mas Timóteo é o inencontrável. O provinciano, se realmente deseja falar com êle, começa por se lhe dirigir a casa. São 10 horas da manhã, hora matutina para Timóteo. Timóteo dorme, diz-lhe a criada. Timóteo ressona ainda. Bem. O provinciano voltará. A que horas se levanta S. Ex.ª? Almoça ao meio dia, dizem-lhe. E êle volta ao meio dia. S. Ex.ª saíu, respondem-lhe.

Vai o bom do homem correr tôdas as companhias, empregos, cargos públicos e particulares de Timóteo. Em alguns dizem-lhe que esteve. Esteve cinco minutos e já saíu. Em outros que preveniu pelo telefone que não ia, noutros em que mandou ir o *pastinha* a casa para a assinatura e em outros finalmente riem-se dele desabridamente.

— O sr. Timóteo? nunca cá veio. Manda o criado no fim do mês receber e é fineza.

— Fineza? Fineza, sim, porque senão teria que ir o contínuo levar-lhe o ordenado a casa.

E o provinciano, positivamente banzado, retira-se sem ter visto Timóteo e convencido de que Timóteo é um mito.

Estou, como o provinciano, crente não de que Timóteo seja um mito mas de que Timóteo é um símbolo. Símbolo do político, espécie de filoxera nacional, polvo de empregos que tudo lhe serve, tudo rouba e ainda fala de tudo. As condecorações, pingas honoríficas, dizem que lhe chamava o sr. Ramalho Ortigão, são paga de serviços vários; ¿os empregos de que inconfessáveis favores, de que descaráveis cinismos serão prémio?

Mas não há que refilar, não há que dizer. Tudo isto é justo até que a maioria espoliada queira voltar os bolsos à minoria espoliadora. Fazem assim no Juízo de Instrução aos gatunos professos. Ora um Juízo de Instrução não se forja assim, mas os tempos são fecundos em acontecimentos. Dizem até que há exemplo de com um candieiro e um esparto terem tirado duma vez dúzia e meia de empregos a uma criatura.

Mas Timóteo, símbolo de político, ri. Ri e faz bem. E, como tem uma filosofia sua, assevera que isto de ter empregos é uma coisa que, não dando

nenhum abalo à consciência, não deixa de dar a conta no fim do mês.

Dá a conta, sim! E a conta que dá a Timóteo chegaria bem, sem usura, para comprar uma rua inteira de pobres, um bairro completo de famintos...

A Dança

RITA Saccheto, que acaba de passar por nós, no D. Amélia, é, segundo pessoas conspícuas e entendedoras, a Vestal moderna destinada a guardar as tradições da Salomé e a não deixar apagar nas almas o fervor sagrado da sua arte.

Revivendo as danças francesas do século XVIII, em que ela é verdadeiramente grande e original, transporta-nos a êsse tempo. E está a gente a ver, com a colaboração das páginas dos Goncourts e as figuretas preciosas de Watteau, os empoados, os pares, as intrigas subtis, o salão, as tafularias. Não esquece um velho cura, postado em qualquer recanto, conversando com alguma marquesa dura, as histórias intencionais de suas mocidades. Geme

lá dentro um velho cravo. Numa galantaria, requintadamente preciosa, a figurinha de Saccheto aparece, mesura grave, arqueando o busto, e entra, pelo braço do seu par ideal, no turbilhão melancólico do baile. ¿Estão a ver, não é verdade, a marquesa gemendo saudades ao padre? E de tal maneira a imaginação polvilha a scena da suavidade, que chegamos a sentir saudades do cura, dos empoados e da figura que baila, preciosa e linda, ouro e rendas, vespa dourada que volita cheia de graça.

Cessou a aparição, ainda em meus ouvidos gemia a música do velho cravo e eu recordava Versailles, Watteau e as páginas impecáveis e pacientes dos irmãos Goncourts.

Agora, no meio duma floresta, Rita Saccheto, vaporosa, envolta em gaze, enleva-se em surdina. É o «encanto da sereia», uma coisa lenta e monocórdica. Para mim, todo o enlêvo se foi. Entretanto, a música penetra o ar do seu ambiente opiado de sonolências, e eu vou ressuscitando Salomé. E é ela quem dança agora diante de mim, é o seu perfil que eu vejo passar embriagador e calafriante. Sôbre a sua nudez traz jóias guizalhantes, «muitas jóias» e vem «enleada em pedrarias, um rebri-

lhamento de gemas batendo, tintinabulando nos tornozelos, nos punhos, nos braços, em tôrno do pescoço, apertando a cintura, fazendo com os seus reflexos mais obscena ainda a obscenidade infinita dessa carne de âmbar...»

Sim, eu recordava-me de ter lido o radioso poema de Oscar Wilde. E um artigo de Gomez Carrillo, o Gauthier da prosa espanhola, cantava-me na memória dizendo que «a sua luxúria é um abismo e a sua perversidade um oceano» e que é preciso que «as pérolas morram de amor no seu peito, que o perfume da sua virgindade empalideça esmeraldas, exalte o fogo dos rubins, que a própria safira perca, sôbre a sua pele febril, o tom imaculado do azul.»

E aqui está como eu sonhei a Salomé. Mulher ambrósia, mulher serpente, fruto de algum conúbio amaldiçoado entre um génio do Averno e alguma virgem fugida do Olimpo.

Depois, Saccheto exibia danças peninsulares e danças húngaras. Já não era a mesma Saccheto preciosa, de complicada valsa e evocadora indumentária. Era uma criatura vulgar. Mas todo o tempo eu me entretive em acrobatismos de memória, visionando ora a Salomé, ora uma dança lenta

e hierática de baiadeiras, uma ronda cheia de perfume e de sensualidade. Salomé era a obcecação, nua, constelada de jóias, capitosa e sugante, exigindo para ali a cabeça de Jokanaam. E eu, Herodes Antipas, tetrarca da Judea, regateava. Oferecia ametistas e topázios, crisólitas e berilos, crisobrázios, safiras, rubins e pedras da Calcedónia. Para a deslumbrar referir-lhe-ia os revérberos de cada jóia, as scintilas de cada facêta. As dos «topázios amarelos como olhos de tigres», as dos «topázios côr de cravo como os olhos dos pombos», as dos «topázios verdes como os olhos dos gatos». Oferecia «braceletes guarnecidos de carbúnculos e de jade, vindos das bandas do Eufrates». E para a seguirem, comitiva de rainha, daria, alêm de tudo, cinqùenta pavões brancos, enormes e deslumbrantes, como nunca houve em tôda a terra.

Nada a moveu. Queria para ali a cabeça do profeta, sangrenta, numa salva de prata. E a sua voz cariciosa era tão inebriante como a sua dança. Até que, não podendo mais, de loucura, de amor, de ócio, de bebedeira, eu disse, lasso: «Pois cortem lá a cabeça a êsse patife».

Acordei do meu marasmo; já a imagem fugaz

de Saccheto se evadira para bastidores. Mas não tinha nenhuns pontos de contacto com a minha evocação. Saccheto é uma criatura fria, rica de ademanes, mas de pouca irradiação. A sua figura é pouco sensual para deusa da dança, religião em que as sacerdotizas são o pecado feito carne. Se ela revive com tanta intensidade as danças do século XVIII, é porque os gestos frívolos da época, hipocrisiada e diplomática, se dão bem com o seu ar de manequim animado. Mas a dança é mais. É uma religião que tem milhares de sectários, para não lhe atribuir freguesia de panacea. A Índia, essa Índia misteriosa, está cheia de sacrificantes. Todo o Oriente se subjuga e prostra ante as plantas da baiadeira sagrada. São os seus gestos hieráticos, coleantes, e o corpo estátua da volúpia; são os mil segredos da estatuária; são as mil atitudes passionais. É o seu ondear de serpente e são os seus olhos, carbúnculos vivos que fazem subjugar as multidões. A música lenta e lenta, ritualesca e sagrada, abre aos iniciados e assistentes as portas dum mundo desconhecido de visões e de sensualidades inéditas. A dança?! Mas a dança tem o seu culto antigo como o mundo e radiante como a estátua acreditada dum velho Deus.

Rita Saccheto é a evocadora magistral das preciosas. Aí é íntima, pessoal e erudita. Mas a dança não é só aquilo, nem o mais que ela possa fazer. A dança é ainda uma coisa quási desconhecida, odiada e amada, forte como o Destino e capitosa como um vinho antigo.

E Salomé? Salomé não vem para o caso. Nem, creio eu, Rita Saccheto, que é decerto boa rapariga, terá veleidades de nos pedir a cabeça de S. João.

João Rosa

Nós somos afinal como o possuidor dum vetusto solar carunchento e desabante, um velho fidalgo arruinado que, tendo dado com tudo em pantana, sómente conseguiu salvar do desbarato as velhas pratas monogramadas com letras de família e preciosidades de que êle nem sequer sonhou o preço. A pouco e pouco se afunda e não tardará que uns homens venham escrevinhar e meirinhar o que resta.

Nós somos o habitante do solar e a nossa época é a época do naufrágio. As nossas pratas de família são a meia dúzia de nomes que os nossos maiores nos legaram e que a Morte sinistramente avara vai arrolando e chamando a si, talvez para servir de garantia ao nosso nome, talvez com receio

de que elas em nossas mãos perversas se patinem de opróbrio e de tristeza. O certo é que vão a pouco e pouco desaparecendo, sem que sejam substituídos. Assim foram, assim irão todos. Basta recordar Rosa Damasceno, Taborda e João Rosa.

Dir-se-ia que nós nascemos para os ver morrer. Dir-se-ia que a nossa missão foi vê-los partir. Malfadada época em que vivemos! E malfadada também a geração que, de braços cruzados, se não prepara para deixar às gerações de amanhã a saudade, e a comoção que neste momento a confrange e oprime.

*

* *

João Rosa foi uma das grandes figuras do nosso tablado. Êle, com dois ou três vivos, constituiam os restos gloriosos duma ainda mais gloriosa falange. Desaparecida ela, o nosso teatro é morto. Que restará? Meia dúzia de talentaços, dúzia e meia de vocações e algumas dúzias de radiosas promessas. João Rosa, que durante quarenta e tantos anos viveu para o público, vive hoje para a saudade. E agora enfileira ao pé de Santos, de Epifânio, do pai Rosa, de Emília das Neves, de Tasso, de

António Pedro, de Manuela Rey e de outros, de tantos que lá tem a Morte, que foram, que passaram e que serão sempre lembrados, porque, refugindo do que hoje por aí se arrasta, mais nos acostumámos a viver com os mortos do que com os vivos e mais nos acostumámos a recordar do que a admirar, tantos motivos nos faltam para a admiração como nos sobram para a saudade.

Rosa comoveu, Rosa sentiu, Rosa foi grande, foi correcto e foi pessoal. As figuras que êle viveu estão ainda connosco, as palmas que o aplaudiram ainda delas resta o som e ainda das flores que lhe ofertaram, o perfume queda no espaço. Nada dele se pode dizer senão, olhando a floresta, contar da clareira que a sua queda abriu. E tão grande ela é, que a multidão, ocupando-a, aïnda a não preencherá.

*

* *

João Rosa, que ante-ontem falecera na casa de saúde «Portugal-Brasil», foi transportado para a igreja dos Mártires, onde ontem matinalmente fomos olhar o seu féretro ladeado de ciriais morrinhentos. E essa visita encheu-nos de amargura.

João Rosa não deveria ter sido transportado para o sobrado litúrgico dos Mártires, como qualquer endinheirado e estúpido burguês. Os mesmos tocheiros, as mesmas lantejouladas sanefas nos altares e os mesmos panos de dó na frontaria que teria qualquer politicante medíocre ou qualquer merceeiro tranqùilizado com a sua digestão e com a sua alma. João Rosa deveria ter sido transportado ao teatro de D. Maria, o teatro onde êle passou tantos anos, ou ao jardim do D. Amélia, a que êle tanto se consagrou. Aí, numa apoteose comovida, o público iria deixar a sua última recordação e o seu último adeus. Iria dizer-lhe as impressões da última figura que com êle viveu. E iria, não o público hipocrisiado e formalista dos enterros de sensação, mas o público ruidoso das *prémières* e o anónimo da récita costumada. Iria o público do galinheiro, o público da geral, o da superior, dos camarotes, das plateas. Iria ao tablado do caixão ver a sua última máscara e dizer-lhe entre soluços o quanto lhe custava a sua retirada.

E todos, comovidamente, deixando uma flor, diriam uma palavra sincera e grande sôbre a carcaça do lutador que dormia o seu último sono. E o velho actor teria então, inconsciente por um

hábito de ofício, a frase contumaz: — «Bem boa a casa!»

Uma lágrima rolaria pelas faces côr de cera e seria a última de quem tanto soube chorar, de quem tanto soube fazer desencadear as paixões.

Seria uma homenagem, seria a última récita.

Assim, confundido, anonimado na turba, João Rosa não voltou ao teatro. E não tardará muito que ao falar-se dele, nesta boa terra de sol e moscas, de matulões, de cretinos e indiferentes, cada um diga ao seu vizinho, impacientado, parodiando sem saber a frase de Júlio Cesar Machado: «Era um grande actor, não falemos mais disso!»

E assim a pouco e pouco se vão as pratas, as glórias do solar...

Chapéus e animatógrafos

Em qualquer cidade da Suíça, há tempo já, os cavalos dum trem, olhando um dos chapéus da moda, um dêsses chapéus mais altos do que as pirâmides do Egipto e mais amplos do que a praça da Concórdia, tomaram o freio nos dentes e não pararam sem ter pôsto em alvorôço meia cidade e mandado ao hospital alguns feridos. O povo indignado, na impossibilidade de linchar o chapéu em questão, determinou queimá-lo, para exemplo e para que as senhoras possuidoras de tais monstros, vendo o chapéu da vizinha a arder, não saissem com os seus à rua. Determinou queimar o chapéu. Durante dia e noite mil e quatrocentas pessoas andaram carretando madeira, algodão impregnado de alcool e mais combustível para

o Terreiro do Paço lá da terra. Dia e noite a lenha se juntou e a fogueira cresceu desmesuradamente. Era uma pira maior do que a estátua de D. José e, ainda assim, as abas do chapéu ficavam de fora. Ardeu durante não sei quantos dias e foi um acontecimento memorável.

Sua Excelência o Senhor Governador Civil de Lisboa, tendo visto o que ocorreu no estrangeiro e querendo de algum modo evitar tão desagradáveis acontecimentos, acaba de dar o golpe de misericórdia nos supracitados chapéus. Nunca mais as madamas poderão ostentar a tôrre Eiffel de sêdas, veludos, arames e setins que usam trazer na cabeça, para eclipse do céu e temor dos cavalos e das gentes.

Proibidos primeiro no teatro, os chapéus derivaram escandalosamente para os animatógrafos. Acolheram-se à sombra discreta e protectora do apalpão e do chapéu sem medida. E o chapéu, julgando-se inatingível ou esquecido, desandou a crescer de tal maneira, que os próprios espectadores protestaram... por não ver a escuridão. O sr. Governador Civil veio escorraçá-lo do último reduto. O chapéu não mais empanará a vista ao espectador curioso e não lhe cerceará comoção nas fitas

maquiavélicas, trágicas, dramáticas, singulares. Imagine-se a tortura duma pessoa que entrou para ver a desopilante fita *Bébé em bolandas*. Tudo aquilo treme na escuridão. «Bébé come a sua tijela de sopas. Bébé tem uma idea. Bébé desce da sua cadeira, desce a escada, desce à rua e perde-se. Bébé cogita. Um polícia acha Bébé». Aqui, no melhor da festa uma madama lembra-se de inclinar um pouco a cabeça. Horror! A enorme massa de coisas várias que ela traz na cabeça de tal modo tapou a vista que não há maneira de ver uma polegada. Exactamente como se na nossa frente tivessem levantado uma espessa parede de pedra e cal. E tudo são aflições, tudo são temores. ¿Que demónio teria acontecido a Bébé? ¿Que lhe teria sucedido depois do polícia o encontrar? ¿Que coisas más, que traquinices terá feito aquele endiabrado Bébé, depois que êste espantalho de chapéu se colocou em nossa frente?

Na ânsia de saber o que sucedeu a Bébé, começa a gente a estender o pescoço, a andar com a cabeça à laia de pêndula de relójio, a esganiçar-se, a levantar-se devagarinho, a espreitar por entre as fendas do chapéu, a pôr-se nos bicos dos pés, a subir para cima da cadeira, a trepar para as costas da

cadeira, a pendurar-se no pescoço da madama, a instalar-se na aba do chapéu.

Aí chegados, respira-se. Vê-se mais um bocadinho, sim, mas lá de cima da copa é que seria um lugar de truz. Como chegar lá? Colocando uma escada. E a gente olha em roda, na esperança de que tenha, na vastidão daquele chapéu, esquecido alguma escada a qualquer acendedor de candieiros. Não há. Não calculando a ascensão também a gente não trouxe *alpenstoks* valedores. E olhamos a montanha, desanimados. Mas a vontade é tudo. Principia a ascensão por nos colocarmos sôbre um enorme varão de ferro, mixto de espêto e de guindaste. Depois, trepando por um laço de setim, pelo dorso duma ave sem nome, pela caprichosa cordilheira de veludo, eis alcançada a copa. Finalmente! Eis atingida a culminância. Divisa-se tôda a sala. E fica a gente a pensar na conveniência que teria a Propaganda de Portugal em estabelecer lá no cocuruto um *chalet* para regalo dos excursionistas. Para vender *sandwichs* e para fazer uma necessidadezinha. Mas, oh decepção! mal nos acabamos de instalar, eis que a sala clareia e Bébé se extingue.

A gente debruça-se. ¿Que terá afinal sucedido a

Bébé? Há comentários em voz baixa. Suspeitámos duma grande desgraça. Morreria Bébé? Teria partido alguma perna? Teria engulido fósforos? Ninguêm responde. Que fazer, Santo Deus! Pobre Bébé! Desventurado Bébé! Não há como o animatógrafo para estas comoções!

Eis que o solo sôbre que nos achamos se começa a mover. E eis que principia a nossa angústia. Calcule o leitor a angústia dum homem que começa a sentir-se transportado não sabe para onde. Calcule o leitor que, achando-se na rua do Jardim do Regedor, às 8 e meia, graciosamente instalado na copa dum chapéu de senhora, e tendo de estar às 10 horas na Estefânia, por exemplo, se sabe transportado para Bemfica, para o Beato ou para Belêm?! ¡Calcule o leitor a nossa cara quando a senhora possuidora do chapéu se desfaz da prenda, em casa, e encontra a nossa pessoa transida de incerteza, ao abrigo dum caramanchão de setim! ¿Que espectáculo tão divertido, não acha? Desculpa para aqui, desculpa para acolá e se a gente não levou dinheiro para o carro, ter que vir a pé de Belêm... ¡Não há, decididamente não há como o animatógrafo! ¿E que sucederia a Bébé? ¡Sempre aquele maldito espinho da curiosidade,

sempre aquela maldita incerteza! Teria Bebé morrido? Teria sido preso? Há coisas que succedem. ¿E se a gente fôsse saber ao hospital? ¿E se a gente fôsse às esquadras de polícia? ¿E se a gente perguntasse à mãe de Bébé, ao pai de Bébé, ao polícia que o encontrou!

Tudo isto, tudo pode suceder à criatura que um destino mau persegue. Depois, se a dama tem maus fígados, ¿quem nos diz que não nos pode mandar prender por estar empoleirado num chapéu alheio? ¿Quem nos assegura que o marido, o pai, o amante dando pela nossa presença nos não alanhará com uma sova mestra?

Fêz muito bem o senhor Governador Civil. Livra-nos de tôdas estas angústias e ao mesmo tempo permite-nos saber o que sucedeu a Bébé, aquele engraçado Bébé que ia fazer coisas tão bonitas quando o maldito chapéu o eclipsou...

Viagens

Há, é certo, criaturas tão incorrigívelmente possuidas da sua tara de vagabundagem que em ponto algum do globo criam raízes; outras, então, sabem sómente, da cidade em que habitam, a casa onde moram e o *club* onde arrancham tôdas as noites a uma partida de dominó. Nada mais. Umas, semi-boémias, com a sêde perpétua do movimento; outras, com a imperiosa necessidade de quietação e de repouso. Esta crónica é, por assim dizer, uma *interview* com uma das criaturas da segunda espécie, incorrigívelmente viajante... em espírito. Um teórico...

Falando das cinco partes do mundo com um desassombro petulante, descrevendo regiões, inventariando trajes, lembrando costumes, comentando e

descrevendo, sempre uma nota calma, precisa e justa para cada terra, dizendo de seus monumentos, nos monumentos de seus pormenores, nos pormenores de suas belezas, mais se diria que estava ali um *glob-trotter*, ou uma criatura cansada pelas *cabines* de todos os transatlânticos e pelos enchumaçados de todos os *wagons-lits*.

O globo não guardava segredos para êle. Diria de todos os itinerários, de tôdas as marchas, de tôdas as maçadas e tôdas as perspectivas. Diria, se possível fôsse, da demora e da despesa em réis, de Lisboa a Bombaim por terra, ou de Hamburgo à Califórnia, com vapor a New-York. Contaría tudo, pois tudo lhe é familiar, num estilo loquaz e pitoresco, com comentários de criatura saciada e gestos muito *blessés*. E, todavia, era, quem o diria... um teórico.

Simples a sua história, sem *trucs* imaginosos nem complicações scenográficas. Tudo o que há de mais simples. Criatura a quem a vida, sugando-lhe o mais que pôde, deu em troca quási nada, reformando-a, ao fim, num reumatismo decente que a faz ler perpetuidades de papel impresso, eternidades de estilo descritivo, montanhas sem fim de fólios, quartos e oitavos. Seleccionara uma espe-

cialidade: — a das viagens. Assim ela, que não passara da Outra Banda, para o mar, e, para o lado da terra, da Porcalhota, conhecia todos os oceanos, tôdas as estradas, todos os caminhos de ferro e tôdas as diligências.

É curiosa a descrição. — «Comecei por viajar em Portugal. Tentou-me o Minho. Tem V. ali o *Minho pitoresco* e o do D. António da Costa. Conheci depois o Douro, a Extremadura, o Algarve. O Biel, na *Arte e a Natureza*, deu-me óptimas fotografias, ao passo que os escritores me davam a paisagem e os *guias*, o itinerário e os preços. Estive *quatro dias na Serra da Estrêla* com Emídio Navarro; fui à pesca do atum em fotografia. Conheço o Norte pelo Camilo e pelo Ramalho, o Sul pelo Fialho. Braga, conheço-a como os meus dedos, dos bilhetes postais ilustrados e das oleografias o Santuário; sei do Choupal de Coimbra e do Penedo da Saudade pelos suspiros dos trovadores. Fui à Batalha e a Mafra com poucos portugueses e alguns estrangeiros. Sei que o sr. Guerra Junqueiro chama a Barca de Alva paisagem «para um profeta ou um bandido, Ezequiel ou o cura Santa Cruz», e Byron denomina Cintra o «paraíso terreal». O Bussaco é-me familiar

pelas fotografias do Arnaldo Fonseca e pelos bonecos do Bordalo».

E como um velho *cicerone*, puído e gasto de rezar a mesma estafada ladainha, êle fala «do romântico castelo de Almourol com ruínas denticulando um luar de prata», na «armação dos bois do Douro» e do «sol, faùlhante, luminoso e arco-irisado do mar do Algarve». Não saíu de Lisboa e da sua cadeira de rodas, vejam os senhores.

«O estrangeiro foi-me fácil de conhecer, diz. Há itinerários completos sôbre aldeias, calhamaços enormes sôbre estradas. Depois, há o *Baedecker*. Pelo *Baedecker*, o luminoso, o grande, o imperecível, sabe-se tudo ou pelo menos tem-se a certeza de se saber tudo quanto os outros sabem.

No saquitel uma guia de conversação e algumas *sandwichs;* na bôlsa uns francos e algumas libras; a tiracolo um binóculo; na bôca uns ohs! e uns ahs! a propósito; estômago seguro, paciência infinita e aqui está um *touriste* completo, um verdadeiro cidadão cosmopolita».

Depois, com o *Baedecker* vai-se a todo o mundo. Com o *Baedecker* e com os itinerários *Cook*. A Paris, a Londres, a Berlim, ao Indostão, à Jamaica, ao Inferno. Tôda a esfera não tem incógni-

tos para mim. O pólo? Sôbre o pólo tem V. uma biblioteca. Sôbre as pirámides do Egito uma civilização. Depois ainda, V. sabe muito bem de Paris o Louvre, o Luxemburgo, conhece o Bois, os Campos Elíseos, Montmartre, a grande Ópera, e a Igreja da Madalena com as suas colunas de templo grego; de Nápoles, pelo menos o Vesúvio; de Madrid a Puerta del Sol, a Praça de Touros, Recoletos, a Calle d'Alcalá; de Pompeia a casa de Vetti e o Foro; de Roma a Via Appia, o Coliseu, o Castelo de Santo Ângelo (aquele da *Tosca*), e a bazílica de S. Pedro.

— V. conhece certamente Montevideu, o Rio e Buenos Aires? Não? Mas conhece os vapores que fazem a carreira para lá. Sabe de certo a altura desmesurada dos prédios de New-York e Boston; sabe alguma coisa sôbre os Peles Vermelhas, aqueles Peles Vermelhas que assaltavam o combóio da *Volta ao mundo em oitenta dias,* de Júlio Verne; sabe dos pagodes da Índia e tem idea das castas, ouviu falar nos rajás; contemplou com admiração os cisnes do oriente pintados em papel de arroz a tinta da China, e ouviu horrorizado que no celeste império o alfabeto tem milhares de caracteres. Sabe que se viaja em trenó, em camelo, de diligência,

junco, caminho de ferro, às cavaleiras, a pé e em primeira classe da Mala Real Inglêsa. Sabe que se come no Baldanza e no Tavares, de garfo e à mão; que se dorme em tôdas as posições e de todos os feitios; de pé, deitado, de cócoras, em colchão de penas e numa tarimba impassível como a eternidade.

Creio que é já saber algo. E se isto tudo vos não bastar êle vos impingirá uma estopada, falando de tudo e sabendo tôdas as coisas. Não lhe digais nunca, por exemplo: «Venho de Tóquio, meu amigo!» Tereis que aguentar a história de todos os monumentos, ruas, *bars,* casas de ópio e não descrito, que êle conhece dos inumeráveis livros que tem lido.

Como esta criatura há centenas, milhares delas. Centenas de milhares, milhões, porque o mundo está cheio de teóricos. Criaturas que falam de viagens e são paralíticas, pessimistas que falam da vida e são saudáveis, ricas e bem tratadas; optimistas que são cancerosos irremediáveis; utopistas que não chegam sequer a pobres diabos; inventores que nunca passaram de idiotas. Assim, tudo em teoria. É por isso que eu desconfio sempre das criaturas que são apenas teóricas; que falam da

vida sem terem vivido, são optimistas sem terem gozado, pessimistas sem conhecerem o sofrimento, cosmopolitas não saindo duma cadeira de rodas. Considerai um pouco.

Dizei-me agora, como o cego de Bartrina: Para quantas coisas não passais de simples teóricos, irritantes teóricos? Pois bem: sofrei, viajai, vivei...

E o reumático, teórico *à outrance*, com o seu risinho de escárnio, diz-me dali que vai publicar em breve o seu livro de viagens.

O seu livro de viagens! O livro de viagens dele...

A questão ortográfica

Uma das muitas questões latentes que existem em Portugal é a questão ortográfica. Sem ter a importância da económica nem o perigo terrível da religiosa, a questão ortográfica não deixa de ter feito correr rios de tinta e esmurrar mútuamente uma boa dúzia de gramáticos. Ortografia nacional não há e cada um segue a que bem lhe dá na gana, sem que por isso deva satisfações a cada qual. O sr. Gonçalves Viana chama a isto «anarquia ortográfica» e abaixo explica os porquês: «A ortografia da Imprensa Nacional difere das que usa a Academia Rial das Sciências, e ambas das que a Universidade de Coimbra tem seguido, sem contarmos que estas são já em si mesmas diversas, conforme os tempos e os escri-

*

tores.» Se ainda restarem dúvidas veremos que «nunca existiu ortografia uniforme em Portugal».

De tudo isto sucede andar uma criatura às aranhas, sem saber ao certo como alinhavar a prosa, porque um escreve *poz* e outro *pos*, puxando ambos a brasa à sua sardinha e ambos jurando ter razão.

Assim, sucede procurar-se no Caldas Aulete *tio* e não se achar, porque o bom lexicógrafo ortografava *thio*. E porque um jalapeiro amigo quere que seja *pílula* e o meu padre Vieira escreve *pírola* e porque contumaz seja, escrever *perguntar*, e haja uma dezena de clássicos a escrever *pregunta*, aqui fica a gente sem saber ao certo as letras que deve cerzir. E letras ainda é como quem diz, porque Camilo, por exemplo, escrevia *letrado* e ortografava *litteratura*.

Depois, embaída por leituras várias, tendo com mão diurna e nocturna manuseado os clássicos, a criatura continua às aranhas. Alexandre Herculano escreve *lagrymas* e *epocha*, *thio* e *farol*. E o bisbilhoteiro do sr. José Veríssimo dali a perguntar: «¿Porque escreve Herculano *cahir* com *h*? ¿porque escreve *thio* com *h* e *farol* com *f*? ¿Não veem am-

bos do grego com *h* um e o correspondente do *ph* outro?» Latino Coelho escreve *deiante* e *diante*, *época* e *escola*. Porquê? Castilho escrevia *meo*, *teo*, *insina* e várias coisas, ao passo que Garrett ortografava *hynverno*, *ricco*, *injôo*, *pictoresco*, *sette* e *fummar*. Tudo questão de letras e porquê? Ora porquê! Porque, explica o sr. Cândido de Figueiredo e com razão, porque «todos os escritores estão convencidos de que ortografam bem e, entretanto, cada qual ortografa de sua maneira. Como descargo de consciência, supõem praticar a ortografia usual. A ortografia usual reduz-se à ortografia de cada um, o que dá em resultado cem ou duzentas ortografias diferentes e quási tôdas autorizadas». Mas não é de hoje o mal. Já lá vem de traz e é do mesmo filólogo que «raro será o clássico, antigo ou moderno, que não tenha perpetrado galicismos, passando estes ao domínio da língua». Ora vejam lá os senhores se, depois duma informação destas, ¿ainda terão coragem e fé para recorrer à

«...antiga e veneranda fonte
dos genuínos e clássicos»

tão apregoados por Filinto? É claro que não.

Dá-se com os gramáticos o mesmo que se dá com os médicos. Cada um tem seu processo de cura; mas sucede que matam sempre. Uns porque são alopatas, outros porque são homeopatas, outros porque são curandeiros, o que é certo é que todos são fornecedores do cemitério.

Exactamente os gramáticos. Uns porque são clássicos, neo-clássicos, outros porque são sónicos, outros porque são simplistas, outros porque seguem trinta ortografias numa notícia de dez linhas, o certo é que nenhum se entende. Que sucede então? Sucede que, sem rei nem roque, cada um escreve como lhe apetece. Uns, como o senhor dom Miguel, de veneranda memória, que escrevia *Migel*, o que o não impedia de armar uma fôrca em cada candieiro; outros, como vários pândegos que não desdenham de ornamentar o nome com letras dobradas e caprichosos *ii* gregos. Mas sabe-se lá como é, afinal!

Se D. Miguel escrevia *Migel* e tinha pelo seu lado a fôrca, D. Miguel tinha razão. O argumento da fôrca é sempre um argumento convincente, mesmo em questões de ortografia.

Diz ainda o sr. José Veríssimo que os « gramáticos são grandes discutidores e brigões ». Isso são.

É uma verdade. É ver como êles se unham em represálias e se atiçam em mordentes ferroadas, porque X quere que *Hipólito* seja *Hipolyto,* ao passo que Y quere que *Hippolito* seja sómente *Ipolito.* E não é só o *Hipólito,* — nem sei como escrever — é também o *Felipe,* que é *Filipe,* e não só *Filippe* como *Philippe,* exactamente como aqueles gatunos que são fulanos e não só fulanos mas também dão pelo nome, etc., etc.

Ora eu não ligo nenhuma importância à questão ortográfica. Prezo muito os que a debatem, e assim é que amorosamente leio os srs. Gonçalves Viana, Júlio Ribeiro, Júlio Moreira, Cândido de Figueiredo e outros, que nas minhas estantes teem um lugar de honra. Mas a questão em si não vale um caracol e não creio que deva medíocremente preocupar alguêm. Que cada um escreva como queira, mas que cada um escreva que se entenda. Demais, aonde todos se entendem não há discussões. Não me parece que se vá à imortalidade por ter pôsto um L em boa altura, nem que se alcance a celebridade de Erostrato, o incendiário do templo de Diana, por ter roubado um R a qualquer palavra, ainda que esta seja por demais eufónica.

Não é a língua que faz o escritor. ¿ De que serve

ter o barro, óptimo, maleável, único, se se não teem gadanhos que o animem, que o insuflem, que o vivifiquem? A língua! Boa desculpa dos trinchadores de sentenças e caraminholas. A língua é a desculpa dos que só a ela possuem. ¿Que me importa saber as regras ortográficas, se com elas eu não consigo comover a multidão? É por isso que, como Gauthier que aconselhava aos novos a leitura do dicionário, eu direi que a gente nova se deve preocupar pouco com ortografias. Ter ou não ter talento. Ter ou não ideas dentro da cabeça. Os que as não teem, que não nos importunem. Algum Sansão lhes aproveitará os queixos.

¿Mas existe realmente questão ortográfica? Cumpre ao instituto de surdos-mudos que dá pelo nome de Academia Rial das Sciências resolvê-la. Em quanto o não fizer, à semelhança da Espanha, a questão ortográfica é uma questão de letra a mais ou letra a menos. Uns porque escrevem dobrado, outros porque escrevem singelo. Outros até, como aquele Latouche, que Camilo cita nos *Narcóticos* e por sinal foi cônsul no Pôrto e se chamava Oswald Crawflurd, porque comem as letras. Dizia êle, maravilhado, que os portugueses não escreviam cão sem pôrem uma estrêla adiante do c. C*. Camilo

atribuia o facto a ter êle lido « em uma esquina de Lisboa o seguinte letreiro: « Travessa do ôlho do c* ». Ora digam-me todos os que se interessam por estas questões: ¿ Há por aí alguêm que, em boa razão, não saiba que « ôlho do c» estrêla adiante, é cão ?

Óscar Wilde

Homero tem hoje, e ainda se não sabe ao certo se êle existiu, uma literatura inteira que o discute, que o comenta, rejubila, escouceia, tripudia e se baba. É como um grande queijo cheio de bichos, Homero. Os bichos são os sábios e os literatos que arrastam sôbre êle a sua paciência e a sua enfadonha erudição. Mas, vivesse ou não Homero entre os mortais, arrastasse ou não o seu tédio debaixo do sol, coçasse a lepra sôbre um monturo como Job, ou dormisse em leito de ouro como Salomão, fôsse uma geração ou uma criatura, o certo é que êle se perdeu na noite dos tempos, se apagou, se diluíu. Resta só a lenda.

A lenda é quási sempre metade dum grande homem. A de Óscar Wilde começa agora, como se

êle não fôsse uma criatura que a dispensa perfeitamente.

Morreu há oito anos, duma meningite, Óscar O'Flahertie Wills Wilde. Já tranqùilamente apodreceu na escuridão da cova, decerto, isento de mundanais paixões. A lâmpada sempre acesa da ambição, que todos temos dentro de nós, nêle já há muito se apagou.

A Glória, sua ex-amante, amante de quási todos os homens de génio, abandonou-o. O seu dandismo faiscante e insultador e a sua miséria confrangida e trágica tambêm há muito passaram ao rol das historietas vividas e esquecidas.

Mas a lenda, porêm, aranha que tece os seus fios em volta dos nomes áureos, entretece agora sua teia em volta do nome do poeta. E o subtil autor de *The Picture of Dorian Gray*, *Poems*, *Intentions* e dessa capitosa e original Salomé ressuscita.

Contam várias pessoas que o teem encontrado no sul da Europa, em vários pontos da Itália e até em Nápoles.

As revistas evocam de novo a figura do escritor, recortando-lhe o perfil no mármore dos seus escritos; queimam incenso à sua ressurreição e,

romantizada, a história da sua morte, vem de novo fazer esvoaçar a avezinha irrequieta da curiosidade que cada leitor tem sempre dentro da cabeça. É abundosa de pormenores, essa história, roçando quási pelo misterioso: Uma dama velada que acompanhou o escritor ao quarto e desapareceu; o criado que no dia seguinte, batendo à porta, como não lhe respondessem, entrou e encontrou, coberto, um corpo que julgou ser do Sr. Wilde, mas tão desfigurado que não o reconheceu; mil coisinhas que, como bôlhas de sabão, se dilatam e irisam ao sabor da fantasia novelesca de cada qual.

Foi um tipo curioso êste Óscar Wilde, de quem entre nós tão interessantemente tratou já o Dr. José de Lacerda no seu artigo *A Psicose do Estilo.* Filho dum médico e duma poetisa, estudante distinto e premiado, artista enternecido e esteta, «loiro, fronte grega, olhos infantis e azuis, nariz romano inglês, bôca sensual e irónica, calmamente belo como Apolo, supremamente elegante como Brummel» êle, que foi um dos mais altos poetas do Reino Unido, é sem dúvida uma das mais estranhas, originais e intensas figuras de tôdas as raças literárias.

Depois, irmão-gémeo de Baudelaire na excentri-

cidade, se como aquele não pintou nunca os cabelos de verde, se não deixou cair sôbre as vidraças do comércio dum pobre vendedor, um vaso de flores, se não quis ou se não lembrou de sair à rua com um cágado guiado por um fitilho como um tótó, exibiu-se, em compensação, ante o alto mundanismo de Londres envergando um fato de pobre, esfarrapado e sujo, fabricado expressamente por um dos primeiros alfaiates da côrte, que se prestara ao capricho pelo caprichoso preço dum fato rico.

Mas não parou. O seu exibicionismo tornava-se irritante. Vaidoso, extraordináriamente vaidoso, flagelava desapiedadamente a sociedade inglêsa, que se pagava — odiando-o. Na noite da primeira representação duma das suas peças, da *Lady Wendermere's Fan*, depois de chamado rogadamente pelo público que enchia o teatro, apareceu emfim a rir, com um cravo verde a sair-lhe dentre o fraque e o peitilho, e a fumar um cigarro... «Minhas senhoras e meus senhores, não é talvez muito correcto fumar diante de vós, mas... não é mais correcto tambêm perturbar-me quando fumo...», disse.

Êsse ódio, todo êsse ódio transbordou no escân-

dalo Queensbery-Wilde. Aí cevou-se. Todos sabem o resto. O poeta foi preso, condenado a dois anos de cadeia. Sua mulher, Constança Lloyd, morreu de mágua, seus dois filhos, Cyril e Vivian, são hoje sacerdotes.

Depois da prisão, a ruína, a decadência. Veio para Paris, que já não era o mesmo para êle. O Paris, que êle visitara glorioso e festejado, era agora egoísta e brutal. Já os literatos lhe não davam banquetes, as mulheres aristocráticas lhe não pediam entrevistas e o Dinheiro passava por êle sem o conhecer. Usava punhos de borracha e «casacos sovados, êle que fôra o dândi, o príncipe da moda!» O seu talento já não era a estrêla de primeira grandeza, cujo brilho ofuscava e envaidecia; era uma estrêla pálida, agonizante.

Óscar Wilde morrera já. O que vivia não era êle nem a sua sombra. Era uma criatura ex-forçado, o C. 3. 3 da prisão, que nada tinha com êsse talento fúlgido que fôra Wilde. É que morrera definitivamente. A águia fôra ferida de morte. O seu espírito não resistira a ter que encontrar-se frente a frente e desprezível, durante dois longos anos.

Há criaturas que vivem a fugir de se encontra-

rem. Talvez Wilde fôsse uma delas, ¿quem o sabe?!

Tanto sabia que Óscar Wilde morrera e êle era o cadáver dum nome, que determinou chamar-se para a morte Sebastien Melmoth. Com êste nome foi enterrado.

Morreu e de vez. ¿ Que farçada seria essa de dar homem por si à Morte amiga? Com que fim? Não certamente com o do personagem dum conto de Conan Doyle — passar por morto para se locupletar com o seguro de vida.

Não para iniciar vida nova, regenerada e honesta. Não para fazer de novo uma vida de arte, povoar de sonhos o seu ambiente de solidão, viver de novo uma aflitiva vida de insucesso e fracasso. ¿Para a viver sómente, no anonimato da turba? Para que então?

Não, não pode ser! ¿ Pois seria possível que êle voluntáriamente aceitasse o encargo de sofrer *isto*, outra vez? Ilusão. ¿ De que servia a vida a êsse pobre diabo vazio já de talento como um bôlso voltado, sem beleza, sem dinheiro e sem mocidade? ¿De que lhe serviria o anonimato senão para se ver morrer um pouco todos os dias? Óscar Wilde era como uma planta que só vivesse com o ruído, com

o brilho, com a multidão. Exilaram-na, definhou-se. Depois a sua vaidade. Uma criatura vaidosa não se castra assim de ambições. Pensar que as multidões já lhe não sabem o nome, elas que se apaixonaram até à idolatria e rugiram até ao furor! Seria horrível. Mesmo que assim fôsse, ¿ que tem que ver êsse velho de 54 anos com Wilde? ¿ Tem a sua beleza, tem o seu desdêm, tem o seu talento, tem os seus vícios? Não tem. Pois que não nos importune.

Óscar Wilde, o luminoso Óscar Wilde morreu já há muito. Hoje, segundo a frase de Harborough Sherard, «só restam dele alguns dentes furados tapados a oiro, e as obras primas».

E talvez mesmo, quem sabe lá — porque afinal que sabemos nós? — êle esteja a esta hora sonhando em refundir pela centésima primeira vez a sua *Salomé*, essa princesa pálida cuja palidez «parece o reflexo duma rosa branca num espelho de prata»...

. . . . . .

Teatro da Natureza

UGUSTO Pina e Alexandre Azevedo, dois artistas de *élite*, projectam inaugurar entre nós o teatro do ar livre, vaga semelhança do teatro grego, adaptada pelos franceses com o título de teatro de «la nature». Nêle pensam representar a tragédia e a comédia, scenas idílicas e autos, pantomimas e recitações. Para isso contam já com a colaboração de vários poetas e autores dramáticos.

É óptima a idea e cumpre erguê-la bem alto no fumo de incenso dos adjectivos elogiosos. Numa terra onde a arte forma à esquerda de tôdas as manifestações de vida, justo é o preito.

Escolhido já o local, o jardim da Estrêla, breve o plano será uma realidade. Primeiro, creio, se

*

pensou na tapada da Ajuda, e não era nada mal escolhido o local. Árvores, silêncio, piso ladeirento e por scenário grandioso o mar ao fundo e o casario branco da cidade amontoado em baixo. Local escolhido para perorações de tragédia, trechos alucinatórios e ao mesmo tempo para a serenidade aristocrata dos assuntos de Watteau. ¿ Mas quem deitaria até lá, se considerarmos a indiferença do portuguezinho valente que sita e palra, cresce e aparece da Livraria Ferreira, na rua do Oiro, à missa da uma no Loreto?

O teatro que ora se pensa em ressuscitar vem menos dos gregos que de Versailles. Ali foi representado o *Tartufo*, por altura de 1664, tendo o céu por pálio e arbustos a valer por scenário, teatro móvel, à luz do sol, cuja decoração era a própria Natureza. Mas teatro sem violências, próprio para a multidão sentir como é de uso que ela hoje sinta. Falta à multidão de hoje o nível da multidão grega ou romana. Falta ao nosso teatro a grandeza do teatro antigo. O teatro de hoje pode ter por fundo um pequenino bosque e uma casota em ruínas. O teatro de Taormina tinha o Etna por fundo. Também agora um comediante se contenta com um estipêndio modesto, e Golos se orgulhava de ter ga-

nho um talento (quási um conto de réis) em duas noites.

Embora assim, êsse teatro é uma necessidade. Êsse teatro impõe-se. Em França foram os grandes artistas os arautos da nova idea. Sarah Bernhardt vai ao Teatro d'Orange, dar a sua bênção de arte ao muro romano que o limita; Mounet-Sully inaugura em 1903, com o *Œdipe-Roi*, o Teatro das Arenas de Nimes, onde Peladam fêz representar a *Semiramis;* Cauterets e Champigny-la-Bataille inauguram também o seu teatro.

Um movimento enorme se faz a favor da idea e o teatro de ar livre, decididamente consagrado, entra na vida como instituição necessária.

Chega a vez a Lisboa. Um teatro é um templo. Que Lisboa, que tão religiosa foi, tome de novo o fervor religioso... da religião da Arte.

*

* *

¿E porque se não há-de evocar o teatro grego? Há para a evocação wagneriana o santuário de Beyruth, onde uma caravana de gente eleita ou cabotina vai saciar os ouvidos com o seu manjar de

som! ¿Porque se não fêz já ou não se faz um novo Beyruth do génio helénico onde de novo êsse génio ressurja e deslumbre? Um recanto da terra criado para satisfação das almas devotas, onde a pascacice cosmopolita fôsse de *Baedeker* em punho deixar a sua elevada quota monetária. Ali teríamos inteiro, vívido, palpável, êsse teatro de 560 anos antes de Cristo, com o seu patriarca Ésquilo, rude e enérgico, «forte como a rocha, tumultuoso como o mar embravecido, ardente como o fogo»: A tragédia. E após êsse Vítor Hugo da antiguidade, malabarista do gigantesco, viria Sofocles, o da vida terrena, das paixões e dos instintos. Do Olimpo baixar-se-ia à terra. Viria depois Aristófanes, êsse Aristófanes que Platão tanto admirava e cujas obras Dionísio, o tirano, tinha no leito à hora da sua morte.

E até para que a ilusão fôsse perfeita, um vestiário anexo daria às criaturas o meio de, por uma hora, se libertarem das contingências da vida, até pela concessão de sairem do invólucro banal e horroroso que os Amieiros de tôdas as ruas fornecem à gente. Quem diz o teatro grego diz, por adição, o romano e está o leitor a ver como seria delicioso assistir a uma comédia de Plauto ou ouvir um epigrama de Catulo, que a Arte é assexuada, entre

uma multidão de toga sôbre a túnica, toga branca de cidadão ou de *picta* como a de cônsul; orlada de púrpura como a *pretexta* ou preta como a *pulla*; larga como a *fusa* ou traçada *á gabina* como a *militaris*.

E por entre todo êste ondear de trajos, as matronas e neo-patrícias de *stola* de púrpura ornada a descobrir-se sob a *palla* ou *peplum* dos gregos, com o calçado vermelho e cabelos polvilhados de oiro dentro de suas coifas de rêde que poderiam ser como o *reticulum*, de fitas como a *vittæ* ou de ornatos como a *mitra*. Seria belo e vale a pena refugir das cotoveladas do presente no sonho impossível de realizar dum longínquo passado.

*

* *

Dir-me hão que as paixões que faziam vibrar as multidões de Atenas, a coroada de violetas, se deliram já na memória das gentes; que tudo aquilo é velho e incapaz de comover o auditório. Velho? Mas *nihil novi sub sole*. Êsse teatro foi a máter inspiradora de muito do teatro de hoje e as paixões ainda são as mesmas. O ódio não deixou de ser ódio. O amor é e será ainda amor.

¿Pois não é o *Médico à fôrça*, de Moliére, o Agorakritos, político à fôrça dos *Cavaleiros*, de Aristófanes? ¿Racine, Shakspeare, Beaumarchais, Machiavelli e Corneille não buscaram freqùentes vezes os seus assuntos na Grécia e Roma do teatro?

Não. Cumpre ressuscitar os tempos que passaram no que êles tinham de grande e de belo. E não se podendo fazer embora com a magnificência e pompa que Plutarco diz que tiveram as representações das *Bacantes*, das *Fenícias*, de *Œdipo*, de *Antigona*, *Medêa* e *Electra*, que importaram em mais do que tôda a guerra persa, faça-se ao menos com todo o amor e tôda a devoção de que as almas votadas ao Belo são capazes.

Mas deixando o sonho ao sonho; esta idea de Augusto Pina e Alexandre Azevedo, ainda que fracasse, nem por isso deixará de ser uma idea que reclama, na história do teatro português, pelo menos a lápide que o sr. visconde Braga costuma pôr aos artistas estrangeiros no *foyer* do seu teatro.

A gastronomia, sciência da vida

De há tempos para cá que os médicos, num grande furor iconoclasta, veem espalhando entre as gentes que dentro do presunto de fiambre, do *foie-gras*, do suculento cozido à portuguesa está a Morte espreitando. E, como os padres com o inferno, êles amontoam as penas a que está sujeito, num cuidado damoclesiano, quem trincar uma nica de perdiz trufada ou beber dois dedos dum velho Pôrto. São as enterites, as gastralgias, as dispepsias, os cancros, as indigestões, o diabo e a sua sogra.

Todavia... todavia, que é a vida? Jantar, responde Guerra Junqueiro. E a morte? Ser jantado.

> «A vida é boa ou má, faz rir ou faz chorar
> Conforme a digestão e conforme o jantar.»

¿Julgarão talvez que tal propaganda terá dedicados prosélitos? Pobres criaturas. Para destruir um ano dessas frioleiras bastará um prato de guisado ou uma arrozada de pardais. Há lá doutrina que resista?! Mas a morte espreitando? Ora! D. Fernando, duque de Bragança, quando estava no oratório para ir a ser justiçado, pediu figos e vinho, findo o que passou pelo sono.

Mas... há o cancro? E depois?! Também há a peste, as bexigas, as pernas partidas. Há a indigestão? Mas também há a fome. E se da primeira Vítor Hugo disse que «era encarregada por Deus de moralizar os estômagos», da segunda disse José Agostinho de Macedo que era a mais terrível de tôdas as doenças. O melhor será continuar como até aqui e remeter o doutor, que diz que a morte se foi alapardar dentro duma simples batata recheada, para o Gil Vicente:

«Diz lá o exemplo velho
Dá-me tu a mim dinheiro
E dá ao demo o conselho.»

*

* *

Comer, comer é tudo. Depois beber. Porque assim como «sobremesa sem queijo é como mulher bonita sem um ôlho», segundo Brillat-Savarin, magistrado e gastrónomo, comer sem beber é como pão sem sal. Quem come e bebe pode morrer de tudo, mas não morre de fome.

«Dize-me o que comes, dir-te hei quem és.» ¿Ora há coisa melhor na vida do que um jantar à portuguesa, o belo lombo assado, o magnífico leitão, a galinhazinha com suas batatas a lardear? Depois, numa unção, como quem ouve música religiosa, ir a pouco e pouco entornando-lhe suavemente uma ou duas garrafinhas daquele divino licor, tão divino que até é imprescindível à missa e que, segundo especialistas, ajuda a digestão. ¿Mas a Morte? ¿E que tem a Morte com o presunto?

A Fome não é só inimiga da Virtude. A fome gera a abjecção e a revolta. ¿Que visão poderá ter da vida um faminto? E não lhe vão prègar moral. «Ventre com fome é surdo», clama Filinto Elísio. Uma gamela lhe dará ouvido, asseveramos nós.

Um homem com fome será sempre um inimigo

da sociedade, um niilista, um revoltado. Um homem que jantou, será, ao contrário, um optimista um conservador, um amigo da boa paz. Domestica-se o homem saciando-lhe o estômago. E não terá remorsos. ¿Pois não se parece um ventre satisfeito com uma consciência tranqùila?

Só come bem quem tem saúde. E estômago que não faz uma contumélia a um pitéu é estômago que só servirá para vender como sucata ou andar tôda a vida na mão dos caldeireiros.

Abram o seu Ferriére (Os Mitos da Bíblia): «mesmo entre os povos pretendidamente civilizados basta uma fome um pouco prolongada para que apareçam factos de antropofagia». É ver o caso da *Medusa*. Com fome não há talento, não há dignidade, não há virtude. É só por isso que os homens matam, roubam, dinamitam.

¿Que comer é uma função animal? Será. Mas pobre alma escrava do estômago. Esaú vende a primogenitura por um prato de lentilhas e não diz a História que se arrependesse. E até um selvagem australiano, ao perguntar-lhe o missionário o que era o Bem e o Mal, respondeu: O bem é comer o inimigo. O mal ser comido por êle.

*

* *

Comer seja o que fôr, mas comer. Ou mel do Himeto, como no tempo de Péricles, ou ratos do cano, como no cêrco de Paris. Que os estômagos são vários. Os reis de Bisnaga comiam ratos, gatos e lagartos, como reza a sua crónica; os guerreiros de Salambô nos jardins de Hamílcar deliciavam-se com cães pequenos de rosado ventre, propositalmente engordados para assar, e bolos de mel. E o apetite vai dos ninhos de passarinhos até uma coxa de carne humana. Que a carne humana, sendo tenra, diz Swift, não deixa de ser agradável.

É claro que quando se fala em comer, já se não pensa em fazer banquetes em que à mesa venham bois assados com cornos e tudo, nem em beber pérolas que custem rendimentos de cidades.

Também não é preciso recordar os queijos de Siracusa e as tâmaras da Fenícia, tão apreciadas em Corinto. Não é preciso lembrar o Falerno e o Tokai, o espúmeo Chipre e o Lácrima Cristi. Nem recordar os vinhos de cinamomo e lotus.

Não é. «De quão pouco um homem necessita

para ser feliz! Um simples prato côvo de chorudo caldo com pedacitos de cenouras boiando — e logo o ressentimento se dilui, e a vida se reconhece como valendo a pena de viver-se» (Bruno — A Ditadura).

Há quem odeie o vinho. «Quem não gosta de vinho alcunha-o de vinagre», diz-se no *Tartufo*. Mas também o latim assevera que o bom vinho alegra o coração do homem. *Vinum bonum lætificat cor hominis*. E sendo assim, o oratoriano Bernardes que chama ao vinho «luxuriosa coisa» e «licor fogoso e atrevido» e «solene bebida» ao chocolate, lá diz que o espírito triste raras vezes procede de Deus. Donde só será anatematizado quem tenha o vinho sorumbático.

*

* *

«Devem os portugueses ter estômagos de avestruz para digerirem a grande quantidade de saborosas viandas com que se empanturram. Os seus vegetais, o seu arroz, as suas aves são todos estufados, cozidos na substância do presunto, e tão fortemente temperados com pimenta e cravo, que

uma colher de ervilhas ou a quarta parte duma cebola são suficientes para deixar a bôca a arder». Isto diz Beckford no seu livro sôbre Portugal. Mas sete ou oito páginas adiante, falando dum jantar a que assistiu, conta: «O serviço era esplêndido, um banquete em forma. Tivemos manjar branco e manjar real, e entre outras saborosas iguarias, um certo guizado de frângãos com arroz, que muito me agradou». Estão a ver o cavalheiro a repetir e a dizer, apertando o lóbulo inferior da orelha: Está daqui!

São assim todos os aristarcos.

Se abrirmos o último livro de Capelo e Ivens, lá teremos o prazer de jantar, o infinito prazer de atochar os dentes ainda que seja num bocado de «carne assada na brasa ou nadando em um môlho que pode ter por origem todos os ingredientes, desde o azeite de palma até ao tutano de elefante». ¿E a isto o que nos dirão os doutores? Ainda os não queremos aterrar com tôda a antiguidade, os Lúculos, os Faraós e até êsse conspícuo Solon, que só considerava jantar de tom o que tivesse para mais de trinta pratos. E com a lista de todos os comilões, desde aquele Ciacco famoso que Dante viu sofrendo a chuva

« Voi cittadini mi chiamaste Ciacco :
Per la dannosa colpa della gola,
Como tu vedi, alla pioggia mi fiacco.
Ed io anima non son sola,
Che tutte questa a simil pena stanno
Per simil colpa, e più non fè parola. »

até àquele Jaime I que fazia cozer vivas tôdas as mulheres de virtude. Depois bebia-lhe os caldos e dizia: era uma feiticeira, ou, esta não era.

¿ Vale mais ser Santa Izabel Taumaturga, que jejuava uma semana sem comer nada? ¿ Quem haverá aí que não trocasse a canonização de semelhante martírio por uma simples *sandwich* de vitela com mostarda?

Deixai passar as opiniões. ¿ Pois uma fatia de perdiz não nos dará tanto prazer como ler a Eneida? ¿ Não vale tanto um copinho da Madeira como um soneto de Musset e não equivale uma garrafinha de boa cerveja a certas scenas de Shakspeare?

A morte não está em comer. Está precisamente no contrário. Que, deixem-se de histórias, vale uma epopea, o cozidinho à portuguesa, com seu chouriço, o seu arroz tostado, presunto, o cheirinho de ressuscitar mortos e... acabou-se que a conversa faz fome...

Scena primitiva

Foi por êste tempo, lembro-me bem, que ao chá, o académico X, instado pelas meninas da casa, pitadeando-se, começou gravemente a contar uma velha história erudita.

Tudo fêz círculo, a galhofa esmoreceu, a má língua esfriou um tudo nada, e dominadora, cadeado de curiosidades, a bôca do velho académico ia descerrar-se. Que diria? X entrara na Academia apresentado pelas suas obras; um volume in fólio sôbre as civilizações primitivas, um volume in-4.° sôbre a fôlha de parra, e não sei quantos volumes in-8.° sôbre o namôro medieval. Apesar, porêm, de tôda esta sabença, tinha piada, espírito de moço sem mulher e filhos, o velho académico.

Instado, ia falar. Instado, pitadeado, assoado,

tossido e bebido. Isto fazem os académicos que se prezam. Ouvidos apuraram-se e estreitou-se o círculo dos ouvintes. Começou alfim:

«Foi há vinte mil anos:

Bem, disse comigo. É o comêço dum romance de Rosny, que se chama *Vamiré*.

«Foi há vinte mil anos», repetiu. E logo, em termos empolados, começou a descrever a madrugada. «A lua, em foice, vinha caminhando no horizonte, pálida como a face de Jesus na noite do Calvário, sangrenta como a salva onde poisava a cabeça do Baptista.

«A aragem fazia entrechocar os esqueletos ressequidos que pendiam duma árvore sepulcro. Lá para o fundo, na fundura erma do vale, onde entre sombras, ravinosa e catadupante, passava a fita alvacenta dum regato, o vento gargalhava e gemia. A lua ia fugindo e já uma baça claridade ia chamando a vida às coisas.»

Verboso, tremendo e fácil, todos esperavam o desfecho. Adejando, uma mosca poria nas almas o mesmo sobressalto que o grito duma sentinela, em noite escura e sossegada, chamando «às armas».

«Mas a terra não era deserta. Um vulto humano palmilhava a encosta, clava poderosa de carvalho

no meio dum campo, perto dum montículo de rocha. Não podia recuar, podendo fugir. O homem, dum relance mediu o perigo. Não fugiu. Achegou as peles ao busto e embrulhou o braço como defesa. Com a dextra empunhou a clava, e esperou. Dir-se-ia que a Natureza parara no seu caminho para ver espectáculo tão desigual. Não se ouvia mugir o vento, as águas quedaram no seu rumor de correr e nas árvores as fôlhas paralisaram-se.

«O homem agora esperava, os músculos retezados, as veias túmidas, os olhos incendiados, curvado e firme como para esperar o arremêsso. Vinte passos só: o urso era enorme, parecia um carvalho centenário visto na sombra. Bamboleante, marchava cadenciada e pesadamente. Vira o inimigo e ia-lhe ao encontro, farejando vitória fácil. Foi um momento só. Quando do carnívoro a massa colossal embatia o homem para o abraçar, êste, dextramente, recuou. Depois, alevantando a clava, deixou-a pesadamente cair sôbre o crânio da alimária, que vacilou, entontecida. Novamente avançou e novamente a maça desceu monstruosa, enorme e ciclópica. Foi o caos. Depois não pôde o homem dar novo golpe. O urso dum abraço levou-o agarrado e ambos foram ao chão. Mas o homem, mem-

brudo e nervoso, puxou da sua faca de sílex brunido e cravou-a na gorja da fera, que estrebuchou, despedaçando-lhe as peles em que se envolvia. Um arranco convulsionou ainda o animal e foi o último. O homem levantou-se. Contemplou um momento o cadáver do inimigo feroz. Um raio de sol levantava-se no horizonte entoando um hino à Fôrça e à Natureza. O homem apanhou a clava que rolara, compôs as peles e olhou em roda. O vale era agora verde e do lado oposto do ribeiro outros homens apareciam. E...»

E como o sábio se demorasse, logo mil bôcas formularam a sua impaciência. Diga! E depois? E então? E...? Todos estavam ansiosos pelo fim da trágica história. Mas X, sem se apressar, buscou a caixa de rapé, elevou uma pitada, atafulhou a venta e concluiu:

«E, tendo pôsto o pé sôbre o urso, o homem, olhando sobranceiro todo o horizonte, pôs a clava ao ombro e dirigiu-se à primeira paragem do eléctrico...»

— — — —

O Senhor Richepin

SENHOR Richepin, antigo blasfemo e hoje académico contrito, é autor duns quarenta volumes sólidos e um dos maiores poetas da França contemporânea.

Depois disto, é um cavalheiro muito bem conservado, apesar dos seus 60 anos no papo, possuidor duma cabeça leonina e com uma silhueta um tudo nada lembrando a do nosso Marcelino de Mesquita.

Velho, célebre, académico e imortal, o sr. Richepin, convidado por um empresário, resolveu-se a vir até ao nosso D. Amélia. A sôldo como o sr. Papuss, jejuador célebre, ou como Mr. Antoine, *clown* famigerado e célebre prestidigitador.

O culto que de há longo tempo mantínhamos

pelo poeta, um tudo nada de fetichismo literário, e o muito que cuidávamos da conta em que se deve ter um autêntico *imortal*, tudo nos fazia duvidar que viesse. Mas era certa a notícia. O sr. Richepin sempre vinha. O público, que se fôsse preparando para ouvir enormidades, pois que para o seu cornaca do Tesouro Velho já os jornais cornucopiavam elogios.

Entretanto, a primeira conferência chegou. *La Mer* se chamava. ¿Que demónio iria Richepin dizer sôbre o mar? ¿Que novidades, que coisas inéditas nos traria a nós, «heróis do mar, nobre povo», parentes do «Gamà e Camões»? Não seria certamente que,

«No mar se pesca o atum
No mar se pesca a sardinha».

E já era descoco incomodar-se a vir de Paris aqui, do tacho de água suja que é o Sena, às águas do Tejo, para falar duma coisa que a gente tem ao pé da porta. E representava um insulto a nós, que todos temos na família um carapau ou um herói.

Mas não. Richepin veio sómente ler o seu livro,

calculando que a gente o não soubesse ler. E pouco lhe faltou para nos dizer que era edição Charpentier e custava apenas 3,50 fr. Um ápice mais e o ilustre poeta sacaria da algibeira duas dúzias de volumes que poria à disposição do público ao preço habitual. Apenas, — e aqui sorriria, — os que o desejassem com autógrafo pagariam mais 5 francos.

Teve a conferência um prólogo-apresentação pelo sr. Chabi Pinheiro. Calculava tôda a gente, ao removerem o sr. Chabi Pinheiro para a scena, que o ilustre actor abrisse em batentes para uma surprêsa. Havia apostas. Mas não. O ilustre S. Tiagado não se abriu senão para dizer que era um arauto. Não faltou na imprensa quem asseverasse que o sr. Chabi tinha um talhe apolíneo de arauto, sim, senhores. Mas o sr. Chabi foi-se, paquidérmicamente, como lhe é habitual. O sr. Richepin recitou as suas rimas e cada um retirou encantado. Os preços foram elevados, e não faltou lá *snob* que se preza. De mistura com criaturas cultas, havia a fina nata da asneira endinheirada. Já Richepin dizia, e ainda cavalheiros de ôlho de goraz e casaca entravam, arrastando os pés, sem consciência pela nossa algibeira nem pela nossa atenção. Depois a imprensa regamboleou-se, dizendo que era

delicioso, delicioso, delicioso. Que o sr. Richepin era um actor, um primoroso *diseur* e que já a sogra era a mesma coisa, sem saber afinal se êle teve sogra algum dia.

Se soubesse que êle nascera na Argélia não faltaria a chamar-lhe preto; sabe lá a imprensa de que côr são os argelinos!? Assim chamou-lhe todos os adjectivos. Exactamente como faria se se tratasse do chefe Ferreira ou do senhor advogado José de Arrentela. Esgotados os adjectivos, recorreu aos substantivos. Cremos que lhe chamaram assobio... Depois veio a lenda de Napoleão pelos poetas. Uma hora. Recitou Hugo, Heine, Schiller, etc., e disse sôbre «Napoleon» o que tôda a gente já sabia ou vinha a saber se voltasse a fôlha. Por sinal que se enganou no Hugo e teve que ir ao caderno. A impressão foi de que o poeta estava cansado, *très fatigué*. ¡Pudera! Ter visto as mamarrachadas pictóricas do sr. Higino de Mendonça, ter olhado a cara focinhudamente simiesca do sr. Petra Viana e ter atravessado o cartório de asneiras que é o sr. «Tavarês de Mellô», se não é para arrasar.

Pobre Richepin! ¡Ser o maior poeta da França, ter escrito *Les Blasphemes* e *La Chanson des Gueux* para vir cair nisto! E a scena das apresentações?

O sr. Magalhães Lima, muito envergonhado, olhando em roda e a não ver ninguêm notável e por fim sempre se enchendo de coragem para apresentar os três, chamando-lhes ilustres, ao que êles se empertigavam. ¡E o olhinho malvado, o olhinho curioso de Richepin depois de os ouvir um quarto de hora, prometendo limpar-se a êles em os encontrando a geito algum dia!...

Não! É preciso explicarmo-nos. O sr. Visconde de S. Luís a importar homens de génio, a despachar a Academia Francêsa pela grande velocidade, dá vontade de rir. E é que corremos o perigo de ser desacreditados lá fora. Viram um dia o sr. Luís, por êle calcularam todos os portugueses, e é o que se vê. Divertem-se connosco. Ora a gente costumada a ver um grande homem no silêncio do seu gabinete, afadigando-se e trabalhando, ¡¿pode lá de bom grado afazer-se à idea de o ver andar a sôldo de qualquer troca-scenas, como um pelotiqueiro?! Amanhã, o sr. Luís de Braga chamaria o Pasteur se êle viesse. Se Pasteur lhe não fizesse um manguito e viesse, aí o veríamos a dizer coisas e os traques traques dos jornais a chamarem-lhe — delicioso, boquinha de oiro...

Vem agora uma madama. Peor para ela. Nas

mulheres não se bate nem com uma flor, dizia o lamecha. De acôrdo. Mas bate-se com uma caneta de dez réis, quando elas dão em ser mulheres no trajo e homens na gramática. De resto, que nos não julguem imbecis, recitando-nos coisas que todo o mundo sabe, em pílulas que já deram a volta ao estômago de todo o universo.

¿¡E efectivamente, ir incomodar Richepin para nos dizer aquilo?! Mas havia coisas cem mil vezes mais interessantes. As suas revoltas, a sua vida, as suas relações. Com as relações do escritor vive a obra de Arsène Houssaye. Mas que nos dissesse dos poetas franceses, da prosa francesa, do Diabo, de qualquer coisa de interessante. Agora de Napoleão... Um artigo cheio de transcrições que qualquer revista recusaria...

Decididamente, Richepin julga-nos tolos. Isso vem-lhe de ter olhado para a cara dos que o acolitaram durante o tempo que por cá andou. E ainda êle os não viu todos. Blasco Ibañez tão farto ficou que na sua passagem agora foi para o hotel requisitando polícia para a porta. E até disse ao polícia que se visse o sr. Petra Viana, «um senhor assim com cara de... que o matasse, que o prendesse ou então que êle ali se oferecia em holocausto»...

Na Boa Hora

Lá fora, no Largo, encostados às grades, grupelhos conciliabulam ou bocejam sornamente, emquanto a sentinela vai dum ao outro lado, rítmica, igualmente, como se de corda provida lha tivessem dado antes de começar o seu passeio.

E como as 11 acabam de soar nas tôrres, gente apressada vem chegando. Um ou outro beleguim, de processos debaixo do braço, um *cabeça de pau*, nome específico dos leiloeiros corujas, um *rata*, magotes de testemunhas, espectadores, o demónio.

Se uma criatura sobe os quatro degraus que levam ao vestíbulo do Tribunal ex-convento, encontra-se num lugar escuro para que Dante parece ter

escrito a sua legenda terrível. Nichos de escrivães ao lado, cacifos imundos circundados de resmas de papelada velha, tetos desabantes, sobrados podres, mobília miserável, ambiente nefasto e imundo, intoxicante e fétido, e seus habitantes. Um calabouço ao fundo. Um desvão escuro à esquerda. Gente vária parasitando. Pomposamente penetrando naquele antro, lê-se na bandeira duma porta: *Gabinete do juiz.* Mais escrivães, mais guardas republicanos, memorialistas e requerentes, gatunos de carteiras e *vigaristas*, *repórteres* e *pascácios.* E homens honrados? ¡Que Diógenes se não lembre de outra vez acender a sua lanterna!

Da direita, a porta que leva à cocheira do carro celular. E uma escadaria de pedra que lhe fica ao lado mais parece a escada do Calvário, tantas lágrimas a teem regado sem que a dureza daqueles degraus se tenha comovido e molificado.

*

* *

Subida a escada, entra-se no claustro. Gente, muita e vária gente, que espera e palra. Há soldados, operários, burgueses, *rufias*, bonejas, estu-

dantes: há jurados, beleguins, fôrça pública e povo. Uma ou outra loureira facaia de cabelo em bandós e porte de Severa, saia de grande barra vermelha e botinas altas, figura a que só falta a tábua de meia porta, a navalha e a guitarra, distribui hálitos de calão aos circunstantes.

Se acaso encontrou parelha, outra desvergonhada ou tipo fruste, eis que se arma uma conversa algaraviada de «gajos, estás a ver» e termos correlativos.

Um perito policial poderia etiquetar as criaturas com a sua legenda do crime. «O *Morte em pé*, a *Micas sardenta*, o *Farçola*». E são figuras dignas de estudo. Homens de barba por fazer, calça à bôca de sino, gestos de arremêsso ou então os *petits-crevés* da Mouraria e dos bairros do vício.

Mas a um ângulo num grupo que espera, há movimentos convergentes para a porta. É que um oficial de diligências veio, fanhoso, dizer aos senhores jurados que podem ir andando. E o público vai tambêm entrando para assistir à audiência; estranho espectáculo se vai desenrolar. Nós vamos ver da casa, das caras, dos crimes e das obras daquele tribunal.

A sala é rectangular, com janelas gradeadas

para a rua. À volta uma larga barra de azulejos com inscrições latinas prende-nos a atenção. A meio, uma balaustrada que divide o tribunal do público. Bancos para os espectadores dum lado, bancos e tribunas do outro. Correndo junto à parede, nove ou dez *fauteuils* para o júri. À frente da tribuna do juiz, a banca do escrivão, rodeada de pano vermelho, surrado e com uma *patine* de poeira que lhe amortece a côr.

A parte reservada ao público enche-se rápidamente. Para encher a outra começaram a entrar por uma portinha escusa, ao fundo, numa longa bicha, as testemunhas. Há um claro, e entra procissionalmente a bicha dos jurados. Entram mais o escrivão, os advogados, o delegado do ministério público, o queixoso. Tudo isto, mais quatro praças da guarda republicana e o oficial de justiça e pouco lhe falta. Espera-se. O oficial tem uma capa à espanhola sem bandas nem cabeção, em pano preto fino, transparente aqui e alêm, remendado. É calvo, mete os pés para dentro e tem um leve defeito num dos olhos. O escrivão é janota. Usa luneta de aros de oiro, sobretudo da moda e barba à «Guise». O delegado é o delegado. Deixa-se a pintura à fantasia do leitor. O defensor é magro, mo-

noculante, guedelhudo. Olha de roda com aprumo, conchega os punhos, lê um jornal e finge que toma apontamentos nas costas dum sobrescrito que tem defronte. Mas eis que o juiz saíu da portinha e aparece sôbre a tribuna e logo o oficial, que tem a qualidade de ser fanhoso: «Fazem favor de se levantar!» Parece de mola tudo aquilo, que todos à uma se ergueram, para um segundo depois, a convite do juiz, novamente se sentarem. E eis que o oficial diz: «Está aberta a audiência *jaral!*» Faz a chamada das testemunhas:

«981, 341, 131.»

— ¿Mas êle está a vender cautelas? pergunta-me de lado um velhote. «Não, senhor, são *p'liças* de testemunha!» explica uma madama que tem um vergão na cara. Uma lindeza dum *traço* que é mesmo um amor.

«Domingos Cantante!»

«Pronto!»

«Manuel Meco!»—moita—«Manuel Meco», grita o fanhoso. «Presente!» diz um cavalheiro que se alapardava ao fundo.

«Joaquim Rosário!»

«Belisário, Belisário é que é,» diz o incriminado no rol. E assim vai até ao último nome, silabado

e gaguejado. Faltam três de defesa e uma de acusação. E o juiz consulta os homens da beca. «Pode seguir. Eu pela minha parte...» Bem. Agora chama-se o júri. Metem-se os cartões numa urna e tira-se à sorte. Vão tomando os *fauteuils* os enrascados daquele dia. Lá há um ou outro rejeitado e êsses vão-se embora lépidos, mas os que ficam sempre teem uma cara de entêrro... Não se me dava de apostar que o primeiro impulso seria de fazer enforcar o réu que se senta defronte, olhando por baixo, mirando a furto. É um crime de burla.

Depois de vários incidentes, encurraladas as testemunhas num casinholo pequeno e fechada a porta, eis que o juiz, depois de ter ouvido a leitura do processo pelo escrivão, diz ao oficial, que insensívelmente fechou os olhos e dorme sôbre um pé: «Solte lá a primeira testemunha!»

Há uma espectativa e eis que o criaturo sai num arranco, declina o nome e mais partes e vai sentar-se defronte do advogado, que o começa a estrangular num torniquete de perguntas saloias, feitas muito ingénuamente, com ar de quem se aborrece.

Mas eis que a testemunha se descai e logo o advogado como um galfarro se precipita, gesticula

para os jurados, descompõe o pai, a mãe, a tia, a avó da testemunha; diz, comenta, inventa, argumenta, critica e ferra no pobre diabo uma descompostura de tal ordem, que êste julga chegada a sua última hora. O delegado intervêm e a coisa assume proporções de escândalo. Intervêm o juiz e a coisa lá serena mais. Tréguas para o sr. advogado limpar o suor e o monóculo, puxar os punhos e pôr mais um risco no sobrescrito.

Vem uma, veem duas, veem três, nunca mais pára. E quando chega aos discursos, ah! pai! aquilo é que é veia demosténica. Senhor juiz, senhores jurados, etc., etc. E o delegado descobriu que, porque mais isto e mais aquilo, o réu é um sujeito de maus instintos; mas que já o avô dele, de que fala o nobiliário do conde D. Pedro, não era boa rez. Que êle bate na mulher, que êle coça na cabeça, que êle tem um calo agravado. E conclui dizendo que «a sociedade, fazendo a expropriação dum criminoso de tal quilate, não faz mais do que um dever». E senta-se, no que anda muitíssimo bem.

Mas ai de nós, ai de mim, ai do público, ai do réu, ai do senhor juiz, ai dos senhores jurados, que se levanta detrás da mesa onde se amesenda o senhor advogado de defesa. Concerta outra vez o mo-

nóculo, ageita a beca, puxa os punhos, bebe água e serenamente começa: «Meus...» mas já lhe não ouço o resto. Livra! Ganho duas horas e meia. E depois, no fim de tudo, o pobre diabo deve sair condenado.

O sol ilumina o pátio e dá um tom alegre ao claustro, um tom de feira. A mesma gente, apesar de serem outras as criaturas. Os mesmos bêbedos, os mesmos gatunos, os mesmos guardas, os mesmos senhores jurados. Ao fundo fica um calabouço. Há nesta ocasião uma franduna rameira que falseteia o fado, com uma lazeira canalha que põe arrepios na espinha:

«Aqui neste tribunal
se julga o fatal destino;

e logo olhando para fora, para um rufia que passa: «Fala à gente, ó *coisa!*» E continua:

«Chora a mãe do assassinado
junto à mãe do assassino».

E quando nos apanhamos no largo, ainda tudo aquilo parece a lembrança dum pesadelo.

Jornais & Jornalistas

É INCALCULÁVEL o número de jornais que nascem, vivem, e morrem, sem que ninguêm dê por isso. Todo o menino que acabou de meter o dedo no nariz, ou ainda mete, julga-se no dever de fundar um jornal. E funda-o. À pena, ao copiógrafo, à máquina ou impresso, o jornal sai. Todos são jornalistas, e, o mais curioso, por culpa dos jornalistas. Todos teem jornal, e por culpa dos jornais.

Para ser jornalista não se exige curso, aprendizagem, nem responsabilidade. Uma criatura entra por qualquer redacção, instala-se, pede um bilhete de teatro e limpa as penas. Acaba secretário da gazeta e às vezes com menos talento do que tinha quando entrou. É ver como e quem faz os jornais.

Faz a rua o *repórter*, e o hospital, a marinha, a alfândega, o informador respectivo. Se há fogo, o bombeiro virá *fazer*. Tudo assim. O resto vem feito e é questão de cortar aqui um *o*, acrescentar acolá um *a*. Depois um frasco de goma e uma tesoura. Criatura que chegue a encarreirar com o frasco de goma e a tesoura morre « velho e conceituado jornalista ». Se salamalequeia, chega a deputado. É claro, o adventício, logo que entra, manda imprimir nos cartões « redactor de *** » para pedir bilhetes de teatro, e não se cansa de chamar burros aos que encontrou suando à mesa da redacção. Êle faz tudo. O artigo de fundo, a gazetilha e o anúncio. Traduz o folhetim, faz as cintas, leva cartas, espera resposta e tem um pousadeiro, onde todos os pontapés se quebram sem mossa mínima. E se lhe chamam ilustre, o que se diz hoje de todo o cão, baba-se.

O jornalismo é feito de transfugas de tôdas as profissões. Quem não sabe engraixar, faz notícias de qualquer coisa, e quem perdeu um ano de qualquer curso sai redactor principal em menos tempo do preciso para lhe lavrar uma certidão de incompetência. Um vadio dá um *repórter* razoável. Um intrujão dá um razoável redactor. É isso o que

se vê em geral nos nossos jornais. Quem os faz? Gente anónima que passa e não lembra mais.

É por isso que êles morrem tão depressa. Os que ficam são raros e ainda hoje são lembrados. Um Rodrigues Sampaio, um Teixeira de Vasconcelos ou tal. Dos outros *sic transit gloria mundi.* Pode o leitor rezar-lhes por alma.

Ora é questão dum pouco de paciência. O leitor não tem manias? ¿Nem sequer é coleccionador de jornais? Pois se o fôsse, veria. Há de tudo. Há os zoológicos e os musicais: *A Pêga* (1854), *O Tigre* (1849), *O Besouro* (1849), *O Moscardo* (1871), *O Grilo* (1875), e *O Berimbau* (1884), *O Zabumba* (1832), *O Zé P'reira* (1884), e *A Trombeta Lusitana* (1836). Há os magríssimos como *O D. Quixote,* e os gordos, como *O Sancho Pança* (1868); os que fazem muito barulho, como *A Matraca* (1847), e os que mal se ouvem, como *O Pipia* (1826). Há os comedidos, conservadores, que não querem zaragata, como *O Amigo da Ordem* (1821), *O Conciliador* (1821), e *O Amigo da Religião e do Rei* (1827), e os petroleiros, que não se contentam senão com metralhas, combates, revoluções, como *A Barricada, A Metralhadora,* (1873). Há os meteorológicos: *O Tufão* (1879), *O Mil Tro-*

vões (1872), *O Arco da Velha* (1838), *O Corisco* (1887), *A Faísca* (1881), *O Trovão Lusitano* (1826); e os infernais: *O Lusbel* (1868), *O Trinta Diabos* (1869), *O Trinta Mil Diabos* (1872), *O Lucifer;* os farmacêuticos: *O Cáustico* (1883), *A Ventosa* (1880), *O Sinapismo* (1886), *O Vesicatório* (1864); e os políticos: *O Progressista* (1889), *O Regenerador* (1881), *O Independente* (1881), *O Republicano* (1881) e *O Radical* (1888).

Há os profissionais: *O Quinquilheiro* (1835), *O Carapuceiro* (1837), *O Cozinheiro* (1839), *O Bacalhoeiro* (1883), e *O Cortador* (1837). Há os regionais: *O Leiriense* (1854), *O Tripeiro* (1882), *O Alfacinha* (1882) e *O Bracarense* (1872). Há o que não está com meias medidas: *O Tira Teimas* (1840) e o de tôdas as horas: *Jornal da Manhã* (1887), *Diário da Tarde* (1871), *Jornal da Noite* (1871).

Há o jornal gente, como *O Agapito* (1859), *O Sr. Bordalo* (1880), *O António Maria* (18..), *O João Ratão* (1884) e o jornal ferramenta, como *O Serrote* (1877), *A Broca* (1883), *A Garlopa* (1886), *A Verruma* (1887) e *O Pingalim* (1887). Há o jornal flor como *A Violeta* (1887) e o nojento, como *O Escarro* (1888).

Há os que alumiam como *A Lanterna* (1868), *A Lâmpada* (1872), *A Lamparina* (1869), *O Archote* (1869) e *A Luz Eléctrica* (1869); os que não estudam, como *O Çábula* (1884) e aqueles que é indispensável abotoar o casaco quando se leem, como *O Ladrão* (1885), *O Pirata* (1838), *O Salteador* (1843). Há os que não estão com arcas encoiradas: *A Calva à mostra* (1888), *Os pontos nos i i* (1887); os maçadores, como *A Cegarega* (1821); os conspícuos, como *Regedor Filho* (1828) e os que ainda durarão no dia de juízo, como *A Trombeta Final* (1827).

Mas há o jornal para o calor *O Sorvete* (1855), e o jornal para dar um calor, *O Cipó* (1879). Há *O Amarelo* (1863); o que aperta, *O Torniquete* (1863); o que se come, *O Petisco* (1866); o aristocrata, *O Barão dos Assopros* (1865); o democrata, *O Povo* (1884). Há *O Sereno* (1868) e o *Furibundo* (1868). Há o último de todos, *O Dia de Juízo* (1837).

Há *O Dez Réis* (1841), *O Cinco Réis* (1843), *O Baratíssimo* (1852) e *O Gratuito* (1832). Há *O Atrevido* (1843) e *O Malcreado*. O que fala muito como *O Tagarela* (1847); o bem pôsto, como *O Ianota* (1851), o cheiroso, como *O Perfume* (18..),

e o que se contenta com o que tem, como *O Modesto* (1775).

Há mais *O Topa a tudo* (1884), *O Gabirú* (1889), *O Az de Copas* (1888), *O Toucador* (1822), *O Fiscal dos abusos* (1826), *Aí vem o papão,* (1831), *Mais uma tosa nos liberais* (1831), *A Tôrre de Babel* (1836), *O chega a todos* (1838), *Êste jornal não tem nome* (1844), *O Pirolito* (1854), *O Ómnibus* (1854), *O Pistarola* (1876), *O Gajo* (1887), *O Petiz* (1882) e *O Mandarim* (1881). Emfim, há de tudo.

Tudo o que o leitor lembrar e ainda mais um poucochinho. Jornais de *sport,* de marradas, de teatro, de classe, do demónio. Hoje quem se lembra deles? Passaram e passaram de todo. E não há um ajuntamento, um grupo, um quarteirão, uma rua que não tenha tido um jornal. Mais bem feito, mais mal feito, reunem-se quatro súcios, juntam-se as algibeiras e o jornal sai. Mas após, não deu a receita para a despesa, logo a vocação dos fazedores empalidece. O país não se pronuncia? Súcia de burros, que não reconhece aquele vespeiro de talentaços. E a vocação empalidece, empalidece e morre. Morre e não ressuscita mais.

Todo o menino sentiu pruridos jornalísticos. O

que não faz a mocidade! ¿Mas que trazem êsses jornais de novo? Tôdas as profissões se defendem, tôdas. O médico persegue o curandeiro, o especialista o charlatão e em tôdas as profissões os que se não defendem perseguindo defendem-se com o desprêzo, com o asco pelo intruso. O jornalista, não. Quem quiser que venha e arme banca. Quem quiser que se chame ilustre, que se louve, que se diga génio. É o que vemos. Dessa inconsciência sai que tudo são talentosos e que não há cidadão que não tenha no seu passado um «ilustre jornalista» às escarranchas, ou um consagrado «nosso colega» na carteira. Urge sanear, não lhes parece? Que cada um faça o seu jornal, está bem. Que o faça em casa com tôda a família, ou que o faça no quarto solitáriamente olhando o estuque. Agora que nos venha maçar trazendo uma centena de milhar de revistas, revistinhas e revistecas, não está certo. Diz um grande cronista brasileiro, João do Rio, que o «jornalismo é como o cigarro. Não há quem não tenha experimentado». ¿Ora não haveria maneira de muralhar o ofício e defender da invasão? ¿Porque demónio é que para ser limpa-chaminés se exige prática e atestados e para lidar com coisas graves, «orientar o público», se não

exige instrução primária? Temos conversado. Teixeira de Vasconcelos, ao ser-lhe recomendado um pândego, perguntou-lhe para que se sentia apto: — Deputado? Amanuense? Para nada o cavalheiro servia. E logo o velho Vasconcelos: — Está bem. Serás jornalista.

Foi jornalista, é claro. Mas morreu ignorado como as fôlhas em que escreveu. Hoje ninguêm se lembra, e se as apanhassem estou certo de que ninguêm teria escrúpulo em se limpar a elas — talvez porque não apanhasse o cavalheiro a geito.

E que ruma enorme de papel que ninguêm leu, de jornalistas que ninguêm soube terem existido...

A Religião do Riso

« Que o riso desopila o baço, di-lo a sabedoria das nações; que o riso é mais anti-diarreico do que a limonada láctica, também o digo eu. Não há vibrião que se aferre a um ventre, sacudido pelas convulsões ridentes do diafragma ».

RICARDO JORGE.

PARAFRASEANDO a frase célebre de Sienkiewicz «o querer é uma sciência», escrevo eu: «o riso é uma religião».

Escrevo-o convicto. Não ri quem quere, nem sabe rir tôda a gente. Saber rir é uma coisa difícil, tão difícil mesmo que criaturas há que nascem, vivem e morrem sem nunca terem rido. Do riso se pode dizer como Zola do ódio: O riso é grande, o riso é santo.

Para rir é necessário vocação. É preciso ter nascido risonho, como se podia ter nascido macambúzio ou bilioso, escritor ou sapateiro, músico ou moço de fretes. Chorar quási todos choram. Rir é

para os raros apenas. A verdade desta afirmativa, que está a uma unha negra do paradoxo, é o que diz Mantegazza: — «A criança chora logo ao nascer e só ri alguns meses depois, sendo também capaz de sentir um número maior de sensações desagradáveis do que aprazíveis, — triste profecia do futuro humano que a espera.» É em virtude disto, da maioria ser dos que choram, que se combinou chamar tragédia à vida.

O riso é uma religião que breve se extinguirá da face da terra. Em séculos futuros tudo haverá: o automóvel relâmpago, o dirigível fácil, prodígios de mecânica, invenções supremas, a electricidade Deus, descobertas maravilhosas. Para viver cem anos, diz um provérbio arabe, é preciso rir trinta vezes ao dia. Nossos netos terão tudo. Sómente não saberão rir. O riso é a saúde, o riso é a alegria e a êsse tempo já a alegria terá há muito desaparecido de todo, como certas espécies que vivem só na poeira dos museus ou na memória dos estudiosos. O riso será então uma lenda.

Hoje já se ri menos do que ontem, e assim até ao bom, sábio e grande Demócrito. Demócrito é para o riso o que Jesus é para o cristianismo e Júpiter para a antiguidade. Pai do riso, Demócrito,

que se conserva no museu de Nápoles, será motivo de peregrinações — o busto do homem que sabia rir. Platão que era um hipócrita e um vaidoso, guerreou-o sem tréguas. Quis queimar-lhe a obra. Difamou-o, invejou-o. Nem por isso nos seus lábios e nos seus olhos se extinguiu o riso. Vaidoso, miserável Platão, que te corroeste, que tiveste cólicas e tormentos! Havia no riso de Demócrito muito desdêm por ti!

Demócrito foi pois o Deus do Riso. Depois, tem o riso, no seu *Flos Sanctorum,* o nome do ventrudo abade Rabelais, de grande riso franco, do bom Cervantes, do irónico Moliére. E por aí abaixo uma lista intérmina de grandes sacerdotes, que teem consagrado a vida e a obra a manter o prestígio dêsse culto e para maior glória dessa religião.

Foi o riso em tempos já passados um dos grandes bens da lotaria da vida. Muitos o tinham de herança, outros o alcançaram por trabalho ou sorte. Era nos tempos dos grandes risos aristofanescos. Mais tarde, pelo andar dos tempos, como se fôsse anemiando o culto, necessário foi engrandecê-lo e consagrar-lhe criaturas que, como as vestais, conservassem sempre acesa a chama sagrada. Inventaram-se os bobos, os truões, os jograis, os chocar-

reiros. O bobo era um sacerdote do riso. Não do riso bom de Demócrito, mas do riso mau.

O bobo perverteu o riso, como o padre inquinou a religião. O padre tornou-se torpe como o bobo. Ambos falsearam a sua missão. O bobo não sabia rir. O riso do bobo era o fôrro duma careta. Por fora via-se o riso que por dentro era ódio. Triboulet, o disforme, rugindo, pensa: «O direito que tôda a gente tem de chorar não me pertence a mim!» Era o riso do Louvre. Turlupin pensava assim também. E era o riso da lama. Os bobos proféticos de Shakspeare não deviam ir longe disso, e como sabem eram quási todos filósofos.

O bobo era o mercenário do riso. A religião descia. A humanidade ia-se esquecendo de rir. Depois vieram os artistas e, curvados a lutar, estereotiparam o seu riso. Hoje o riso é uma coisa vaga, apagado culto que mal se relembra e evoca. Quem ri? Quem sabe rir?

O riso da criança é hoje pálido, um riso adulterado, um riso doentio, com seu scenário de lábios exângues e descorados, à flor dum rosto baço e triste. Os velhos não teem risos, são achacosos e graves; os moços são protocolários e vaidosos. Não sabem rir. Uma íntima ambição se lhes enros-

cou na alma, que lhes perturba o sono e lhes seca o riso. Quem se rirá pois? Uma ou outra criatura que ria, gargalhe, que entre na vida cheia de alegria, breve a verá fenecer. O riso está condenado. O homem perdeu o hábito de rir.

Eu falo dos grandes risos, o riso dos fortes, dos que se sentem bem, que podem entrar na luta sem receio de ser vencidos. Não falo dos que se riem por hipocrisia ou profissão, porque não julgo ninguêm feliz. Falando do riso, penso já falar duma religião extinta. O riso é a religião dos felizes. ¿Quem há que se julgue feliz?

«Um dia apresentou-se ao célebre médico Abernethy um homem que o desejava consultar. Depois de o ter examinado cuidadosamente, o médico diz-lhe: que Grimaldi, o célebre cómico, o faça rir um pouco; que vá ao teatro; que as boas e francas gargalhadas que Grimaldi lhe há-de arrancar serão para êle mais úteis do que outras quaisquer prescrições... Ora o cliente era Grimaldi em pessoa!»

Todos nós temos um pouco do palhaço célebre. Vistos de fora ainda o rosto arrepanhado poderá dar a ilusão da máscara do riso, por ter tôdas as suas características. Analisemos, porêm. Era falso

aquele riso. Se o baterem, como moeda que se experimenta, verão. É um riso falho.

Gwynplaine, criatura monstruosa a que o cérebro de Hugo deu forma, é um símbolo do homem risonho e invejado. Já no tempo de Hugo o riso era mentira, a alegria era uma palavra vã. «Era rindo-se que Gwynplaine fazia rir; e contudo não se ria. O rosto ria-se, o pensamento não.» «O assombro que sentisse, o sofrimento que suportasse, a cólera que o acometesse, a compaixão que experimentasse, não teriam feito senão aumentar-lhe a hilariedade dos músculos; se chorasse, rir-se-ia.»

¿Quantas criaturas não estão condenadas a sorte idêntica? As criaturas pícaras, ridículas, risíveis.

É por isto que eu sinto sempre piedade pelo homem que faz rir. E tenho tanta por êle como pelo padre. Raras vezes, muito raras, poderia ter dito como Guilherme de Azevedo, dos saltimbancos:

«Eu gosto de vocês!»

Desaparecerá o riso e para sempre. Só um ficará inalterável e eterno: o da caveira. O riso da caveira que ri de *l'infinita vanitá del tutto.*

Os risos polichinelescos não são risos, são esgares, e não vai o tempo para Demócritos. Demó-

crito, se voltasse, teria de se suicidar. Mas não poderia rir. Não. Hoje quem se ria blasfema e um riso é sempre um insulto.

Ressuscitam-se cultos mortos há muito. ¿Porque meia dúzia de espirítos não ressuscita essa bela religião? ¿Porque de novo se não ergue a estátua de mármore que Licurgo em Sparta fêz levantar ao riso? A humanidade está cheia de dor, os povos cheios de opressões, a época cheia de tragédias, as criaturas cheias de cuidados. Cuide-se do riso, a sublime terapêutica. O riso faz sangue novo. O riso faz os homens grandes.

O busto de Demócrito sábio, alegre e forte será venerado. O de Heráclito será o busto banal do homem sofredor. Amanhã, ser grande na dor é não ter grandeza. Heráclito será pois banal; Demócrito será divino.

O riso! Como o riso era belo! Como o riso era grande! Pelo riso a vida era. Pelo riso se castigava. Juvenal o prova. Pelo riso se conquistava, pelo riso se vencia. Riso Deus, riso onipotente, soberano absoluto, místico anestesiante da dor, inimigo do pesar, eu te saúdo! Como ao sol que morre, riso, culto que desaparece, eu te evoco. Que o riso de Demócrito seja connosco...

*

Mas, ai, amanhã nada restará. A dor é um dilúvio e na arca de Noé o riso não entrará. Por isso, se nós o recordamos, será já lenda para nossos netos.

Depois, sim, depois dele se dirá como se lê na *Notre Dame*, de Hugo: «O homem que escreveu esta palavra nessa parede apagou-se na memória das gerações há muitos séculos já; a palavra, a seu turno, desaparecerá da parede do templo, como êste desaparecerá da terra, muito breve talvez.»

Catulle Mendés

DIZEM os árabes que « o Destino conduz os seus cavalos pela Noite ». No seu preguiceiro fatalismo, isto diz que nada, nada neste mundo lhe pode fugir e que todos os ambages são inúteis. O Destino é inexorável e contêm em si o imprevisto. E o imprevisto é quási sempre bem extraordinário.

O telégrafo é o porta-voz ou o eco do Destino. Tem a mesma sequidão, a mesma insensibilidade. Há tragédias latentes nas suas fitas e êle não vibra: há amarguras, heroísmos, cobardias, torpezas, misérias, abjecções e êle não sente. O Destino executa, êle anuncia. O Homem completou o Deus.

O Destino é Deus. Seu Profeta o telégrafo. Bem estranhos e bem curiosos, ambos.

Catulle Mendés acaba de morrer. É o telégrafo quem o anuncia, secamente, sem pormenores. E quando se esperava que o poeta tivesse sucumbido a uma congestão sôbre uma ceia opípara, êle, que foi o cronista do instante supremo do abandôno e da perfídia, rajá da volúpia, imperador do perfume e da lassidão, eis que a realidade nos vem dizer a sua informação brutal. Catulle Mendés foi encontrado num túnel, a cabeça esmigalhada, o chapéu alto num bôlo, a bengala quebrada.

De casaca, o peitilho lustroso manchado de sangue, todo êle amachucado, enovelado e frio, ¿quem diria ali, na solidão da linha, perdido, o corpo do espírito que tantos anos foi uma das potências literárias da França contemporânea?

Porque decididamente foi uma potência literária êste contista frívolo, êste parnasiano ameno e elegante.

Quando êle escrevia, uma multidão de mulheres esperava com impaciência que a inspiração bafejasse o poeta e o último verso saisse da sua pena para lhe decorar os versos. Quando os seus contos passavam nas colunas dum jornal, um milhão de corações batia mais apressado ao ler o intróito duma pouca-vergonhazinha ideal ou duma subtil,

discreta psicologia de mulher. Que, não haja dúvida, tinha dedo para isso, êste Catulle...

Mimado da fortuna e das letras, sem tragédia na sua arte nem na sua figura porque era uma verdadeira figura burguesa, quási escandalosa mesmo, abdominoso e flácido; requestado dos salões; requestado do público; adorado das mulheres, foi o que se chama uma criatura feliz. E imagino-o no salão ou no *boudoir* de alguma condessinha do Boulevard Saint-Germain, recostado, tal como vem nas fotografias das grandes revistas e a parisiense *bas bleu* recostada, fitando-o nos olhos, chamando-lhe mestre e recitando-lhe os versos, que êle ouve entre sonhador e aborrecido...

Teve uma morte bem trágica. Parece que foi ainda ontem que o telégrafo, com a mesma brutalidade, nos transmitia a notícia da morte de Zola, vítima dum estúpido acidente num fogão. Parece que há horas êsse mesmo brutal aparelho nos dizia que Curie ficara debaixo duma carroça. É o Destino.

E vale a pena considerar. Futilidade da vida, geringonça que um diabo mau armou, digam-me com sinceridade se não merece um pensamento isto de acabar dum desastre, esmigalhado, exactamente

como um pobre pedreiro que tombou do céu dum sétimo andar, uma criatura eleita, aclamada dos deuses e que tratava por tu a Imortalidade?!...

Ironia da Sorte. Voltava dum baile. Mas não o esmaltara com ditos de espírito, ironias aceradas ou frases borboleteantes de mordências singulares, decotadas e perversas. Estivera triste, «melancólico, um pouco sonolento mesmo». Falara de projectos. ¿E quem sabe se a Dúvida, Dúvida sombria que costuma irritar as almas pela noite, se apossou do artista? Mistério. «Le poète croyait arriver à la station: il arrivait au port», diz Claretie. ¿Quem sabe, porêm, se êle *julgou?* Quem sabe?

Quem sabe se êle pensou um pouco na sua miséria, aquela miséria em que pensava o Freydet do *Immortel*, de Daudet: «Que miséria a nossa! por mais que tentemos superiorizarmo-nos às turbas, é para elas que escrevemos!» ¿Quem sabe se não foi uma hora má de aborrecimento, de tédio mau, de *spleen*, que o fêz friamente arremessar à via? Sabe-se lá! Pode-se lá saber!

Morreu a tempo Catulle Mendés. Era um dos raros sobreviventes do grande grupo da geração imortal. Poeta, o seu tempo tinha passado. Não se dirá que eu rejubile com a morte dum poeta. Não.

Mas versos hoje... Prosador, quem sabe se a última scena, a última imagem, a última frase êle a tinha vendido há pouco.

E então, como aquele milionário que pacientemente meteu um tiro nos miolos ao voltar duma *soirée* onde tinha ido para se divertir e donde voltava soberanamente aborrecido, Catulle preferiu morrer ali, em plena noite escura, sem scenário de grande homem, sem cartões de condolência, sem desejos de saber da saúdinha, sem o cortejo frívolo de todo o grande Paris. ¿Quem nos diz ainda que êle tivesse preferido a morte à admiração obstinada e incómoda de tôdas as suas leitoras?

Morreu a tempo, não haja dúvida. Se ainda ontem Fernando de Nápoles terminava uma guerra ao receber um manuscrito de Tito Lívio, amanhã os intelectuais morrerão de piolhos como Platão. Já a esta hora há duas dezenas de Barrabazes pensando dos poetas o mesmo que pensava aquele do *Anti-Cristo*, de Gomes Leal:

«Mais do que essas Rainhas das balatas,
que acenderam paixões, cavaram rugas...
eu prefiro as matronas, não beatas,
que fazem belos bifes com batatas
e cosem as peúgas».

Daí a insolvência dos homens de letras. Tudo isto, porêm, são conjecturas. Eu só direi que é brutal o telégrafo. Mas mais brutal ainda o Destino. Porque estava escrito no livro, o grande livro onde estão lançadas as amarguras e as alegrias das criaturas! Lá estão todos os Destinos, todos. Desde o de Petrónio, abrindo as veias num banho perfumado, respirando o ar impregnado de aloés e cinamomo e ouvindo a música das rosas caindo no mármore dos lagedos, cingido o pescoço pelo colar voluptuoso dos braços da sua Eunice, até ao dêste poeta morto trágicamente dum desastre de caminho de ferro, na solidão duma linha deserta e no ambiente duma noite fria. Mas o que não está no livro dos destinos, nunca estará talvez, é que a Morte, ao virar um grande homem do avêsso, em Portugal, lhe encontre na carteira 750 francos.

Pobre Catulle!

A conquista do céu

A AMBIÇÃO do homem não conhece limites. Nada a detêm. Assim, depois de ter profundado os arcanos dos infinitamente pequenos, com o microscópio, e de com o telescópio ter conseguido atravessar o espaço; depois de ter feito com que os oceanos se beijassem, como Lesseps, e de ter verrumado montanhas, como o Simplon, o homem, vendo um dia pairando na amplidão uma ave sobranceira, prometeu a si mesmo ir lá acima afugentá-la ou submetê-la.

Que incrível façanha era esta? ¿Não tinha êle já ido ao fundo dos mares, de escafandro e picareta, perseguir os peixes na quietação das águas? ¿Não chegara quási ao pólo? ¿Não sabia quási ao certo a hora em que a Morte lhe bateria à porta? ¡Ir lá acima espantar uma ave! Como êle o não faria!

E deitou mãos à obra. Ícaro voou, mas Ícaro morreu. Nunca a ambição subiu ao sol que êste lhe não crestasse as asas. E a Ícaro, depois de vários Ícaros, seguiu-se o Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão. Mas, oh destino triste dos inventores portugueses: Quando não morriam desprezados dos reis, morriam malsinados dos homens. E o Padre Gusmão, para não fugir ao seu destino, «morreu miserávelmente num convento, em Toledo, sem ter quem lhe velasse a agonia...»

É o assunto do dia o aeroplano do poeta João Gouveia, que vem de fazer as suas experiências diante de numeroso público. Durante uma hora, o poeta fêz cortar os ares uma esquadra de aeroplanos pequeninos e multicores, marcando antecipadamente a cada um, com mão temoneira e serena, a trajectória a seguir. E obedeciam fielmente, como se, dentro deles, houvesse uma criatura que lhes dirigisse a marcha e lhes orientasse as evoluções.

Foi assistindo a essas experiências que eu pensei um pouco na série inextinguível e infinita de possessos dessa mesma loucura de conquistar o céu. Passavam por mim, ante a minha retina embevecida e sonolenta, tôdas as máquinas voadoras,

todos os balões, todos os dirigíveis. Do antigo balão esférico alimentado pelo fumo de palha humedecida aos modernos Santos Dumont e Lebaudy e dêstes a êsse poderoso Zeppelin, de 4 motores, Mercedes.

Depois surgiam os aeroplanos. E via-os a todos, enchia-se o ar de monstros. Era o de Ader, exquisito e estranho passaroco; o de Kœchlin Pischoff, arqueado e níveo como um cisne; o de Esnault Pelterie, gafanhoto singular; o de Curtiss, que paira na serenidade dos seus planos como uma gigantesca ave de rapina. Vivificando esta vista retrospectiva, eu vi ainda, não como no dia de Juízo, um anjo descer com uma trombeta, mas surgir arrogante, ousado e monstruoso, o «Nautilus» dos ares, o navio de papel, a bordo do qual Júlio Verne pôs êsse não menos ousado e arrogante Robur, «o conquistador». Robur vinha com o seu barco, zombando dos tufões e das calmarias, dos homens e dos elementos, abrindo a golpes de holofote a escuridão da noite, e não se perturbando com altitudes. Dominar o céu, tal o desejo. À justa que êste Robur o dominava. Debaixo do convés de papel ficava o mundo, o mundo imenso reduzido a uma mancha indistinta, os rios fios de sêda,

as montanhas simples e pequeníssimas grainhas. Paris, Nova-York, Berlim, Londres eram lâmpadas eléctricas, vistas da imensidade. Ah! Mas era o sonho! Sabe-se lá onde êle termina e onde êle começa! Mas Robur? Uma utopia. E eu, que esquecera tudo, fiquei-me a considerar no tempo que falta ainda para que Robur, o Robur de Júlio Verne, seja uma realidade...

Mas falava eu de João Gouveia e de aeroplanos. João Gouveia, poeta cheio de sensibilidade, derivou para o campo scientífico sem perda das suas qualidades artísticas. A aviação tem muito de poesia e nada conheço de melhor para um poeta. ¿Pois não é a poesia uma coisa vaporosa, que vive do ar, da luz, do som: melindrosa, que o mais pequeno defeito a deixa estropiada? ¿Um aeroplano não é bem um ninho de poeta? A amplidão, o azul, o espaço, tudo o que antigamente o poeta cantava nos seus poemas tem-no agora ali, regulado por alavancas à sua disposição.

E assim, com um leve ruflar, pôsto o motor em movimento, já podemos realizar o sonho de Antero:

«A galope, a galope, à Fantasia».
«Armemos uma tenda em cada estrêla!»

E os pintores de oleografias deixarão de reproduzir os canais de Veneza, onde na água verde em reflexo de prata se esbate um luar de balada. Uma gôndola desliza, onde, numa canção sentida, um Romeu suspira e passa.

Agora, porêm, será na amplidão celeste, as estrêlas a piscarem maliciosas. Êle e ela em aeroplano vilegiaturam pelo espaço. Tudo morto à roda. Êle fita-a com ternura, diz-lhe frases de amor, rebate-as em beijos, escandalosos beijos que vão cobrir de pejo a cara dos serafins. E o pai do céu a pensar com os seus botões que se não houver alguma «panne» no motor, estão os lindinhos com muita sorte.

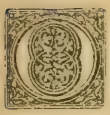
Ah! decididamente, o homem já nada tem a conquistar senão o céu. ¿ Não o escalaram titans sobrepondo montes, não chegaram lá as gerações edificando Babel, e, qualquer humano, amanhã, cómodamente sentado num aparelho extravagante, não baterá à porta do Paraíso, acordando S. Pedro para lhe perguntar se o Padre Eterno está... e recebe?

Anteriormente, o sr. José Miguel Anastácio inventara um dirigível muito engenhoso. Agora João Gouveia trouxe importantes modificações ao já clás-

sico aeroplano. Parece impossível, pois não parece? Em Portugal...

E quando será o tempo em que Robur seja um brinquedo atrasado e caduco, Robur o inatingível, Robur o inalcançável...

Os santos populares



MEU irritante, atrabiliário e malcriadíssimo padre José Agostinho de Macedo conta, referindo-se ao padre António Vieira, o seguinte: «n'huma coisa excedeu António Vieira os frades, os clerigos, e até os mesmos sacristães todos — na labia. O senhor rei D. João IV a conhecia, e com ella se zangava, pois, dando-lhe uma minuta sobre um negocio de estado, lhe mandou dar o seu parecer accrescentando: — mas sem labia. — Escapou esta ironia ao seu historiador André de Barros, porque comêo esta recommendação do judicioso monarca, como hum elogio feito ao seu calçudo confrade.»

Ora sucede-me a miúde buscar Vieira, já para lhe admirar a palavrosa imaginação, já na espe-

rança de conhecer um pouco a língua com que o jesuita tanto intimou. Devo confessar, porêm, que nunca o leio que não tenha sempre patente a frase de D. João IV. E antes do seu talento, do seu profundo conhecimento da língua, de suas razões, e de tôda a maravilhosa fábrica da sua prosa eu só lhe vejo a lábia. Lábia e lábia como devia ser a de jesuita.

«Mas sem lábia!» Não eram tolos de todo os antigos reis de Portugal...

Há seguramente três horas que o bom do jesuita me vem impingindo tretas sôbre as virtudes e mais partes que concorreram na pessoa do virtuoso Santo António, o Santo António de Lisboa, êsse mesmo Santo António de barro, à conta do qual a garotada nos maça pedindo cinco reizinhos para a cera. São oito ou nove sermões, mas de respeito. Oito ou nove sermões, em que êle pergunta, êle responde, êle faz, êle desmancha, nega, afirma, contradiz, rebate e inventa. Porque sim e porque não, são duzentas páginas compactas de virtudes, de proezas, de milagres e ninguêm o impugnou. Imaginem o que mais não diria o façanhudo prosista se lhe fôssem à mão?!

Santo António é maior do que Cristo, Santo

António é o maior dos Santos e o maior santo dos Antónios. Êle fêz parar as nuvens, suspendeu a chuva, acalmou as tempestades, ressuscitou os mortos, deu vista a cegos, ouvido a surdos e fala a mudos. Curou enfermos, ensinou os ignorantes. Maravilhoso santo! Com tantas aplicações, só os martelos que vende a casa Freire, gravador. «Pregam pregos, tiram calos, destapam garrafas, servem de caneta, de tesoura, de papa-môscas e atacam botões em botas de senhora.»

Certo dia, zangado com o desdêm dos homens que não queriam ouvir suas razões, voltou-se a prègar aos peixes: Não houve goraz, pescadinha marmota, lingùado, ou cabeça de pescada que não deitasse a dita de fora. Foi um acontecimento. E que compostura! Que circunspecção!

Outra vez, uma senhora quis ouvir o santo que prègava distante. Não a deixou o marido — incrédulo e ateu pela certa — sair de casa. Eis que distintamente começa a ouvir a voz do santinho prègador.

Vinte e dois «ladrões, bandoleiros», cairam um dia na arara de entrarem na capela onde Santo António prègava. Logo aí foram convertidos. Quando certo papa quis mandar picar a parede onde estava

a imagem do santo, para a fazer substituir por outra, o santo apenas recebeu a primeira pancada, tirou da mão e deu tamanho empurrão ao pedreiro que êste caíu e a capela tremeu. Mas, o mais espantoso milagre é o dum homem que em Nápoles estava condenado à morte por crime que não praticara. Não lhe valeram pedidos nem protestos de inocência. Iria, no dia seguinte, a justiçar. Mais morto do que vivo, roga à mulher que, com uma petição que lhe entregava, se dirigisse ao vice-rei a implorar-lhe o perdão. Não foi recebida a pobre e desanimada se dirigiu à capela de Santo António e aos pés lhe deixa o memorial que no dia seguinte, cedo, viria buscar. Veio e encontrou o perdão pelo punho do próprio vice-rei. Levado o papel ao carcereiro, êste o julgou falso e o apresentou ao secretário. Êste também, por seu turno, estranhando o caso, o foi levar ao vice-rei, que asseverou ser sua a letra. «Êle escrevera o despacho e o firmara por sua mão.» E mais disse que um fradinho de São Francisco o procurara e tais coisas lhe dissera que êle logo ali despachara o réu por sôlto e absolto.

Quando o Santo morreu, em segrêdo o quiseram os seus religiosos sepultar, temendo que o povo o

não deixasse fazer. Porêm, «os meninos, por divino instinto» começaram bradando por tôdas as ruas que o santo era morto.

Termino aqui a lista dos prodígios e não direi de várias outras enormidades milagrosas. Foram felizes nossos avós. Tiveram milagres dignos da sua miopia. E nós só devemos lamentar que os santos tenham desaparecido e se ache esgotada já a munição de milagres que nos podia caber.

De então para cá nunca mais a inspiração divina bafejou a face da terra. Como explicar tal coisa? ¿Como explicar que hoje não haja um enviado do céu que, não querendo ser incomodado no seu discurso, sustasse as tempestades e fizesse das nuvens sôbre-céu cobridor e bemfazejo?

Não, decididamente, Santo António, modêlo de austeridade, a-pesar-de entrar em funçanatas como a da quebra das bilhas, desamparou-nos. O céu faz vista grossa à terra e vê-se que os santos são todos os mesmos ratões: em se apanhando à mão direita do seu Eterno Padre, são modelos de ingratidão. Sucede isso de resto à maioria dos mortais.

Mas, de vez em quando, penso que os milagres fizeram mal em nos abandonar. ¿O que será da

Igreja, dos Povos e das nações sem um milagrezito oportuno? E penso tambêm que se os padres prègadores contaram esta soma de milagres a frio, do púlpito abaixo, muito se deveriam rir com a cara dos circunstantes.

Os santos populares! Porque o são? Porque muitos Vieiras o berraram do púlpito, sómente. Que de resto eu estou convencido de que se êles foram assim milagreiros, isso já nos não interessa; se não foram é conveniente que a fama se não estrague. À uma por causa da tradição, à outra porque, estragada a fama, iam-se nada menos de três dias santos em Junho. Ora pensem bem o que seriam três dias santos a menos nesta briosa terra onde tôda a gente, se fizesse folhinhas, poria, como o outro, três domingos em cada semana...

Santo António! Se não fôsse o dia santo dizia que tudo isto, milagres e tudo não passava duma invenção da lábia tambêm miraculosa do padre António Vieira. E grande coisa é a lábia! Tão grande que há até quem viva disso!

Revistas do ano

Todos os dias os jornais noticiam esta coisa: «O eminente dramaturgo Z entregou uma revista no Teatro Chalet. S. Ex.ª foi muito cumprimentado. V, ilustre nosso amigo, está preparando uma revista para a próxima época; X e Y, nossos amigos e preclaros bons rapazes, pensam numa revista para o Teatro D. Maria». E mesuram, convictos ou malandros, que dado o talento prometedor ou extraordinário de X e Y, «tudo nos leva a crer que será um sucesso». Imagine-se, por êste estendal, o que não será dos nossos teatros na época próxima!

Dramalhões, dramas e dramazinhos, alta comédia, comédia pacata e dita para homem só, farça, tragédia, opereta bufa ou não, tudo isso acabou,

tudo isso pereceu. Agora uma coisa só existe, vive e viça e deita a língua de fora a todos nós: — a revista.

Se investigarmos júliomardelescamente, até aos avós, veremos que a revista descende, em linha recta, de Gil Vicente. Os seus *autos* são revistas disfarçadas. Então, a revista, se assim lhe quiserem chamar, metia meia dúzia de personagens, que constituiam pela sua sátira ervada e constante, o cáustico aplicado aos vícios do seu tempo. Era o endôsso do truão, o gramofone do bobo. O actor dizia o que o autor escrevera, e êste não passava dum bobo mordaz que ninguêm via e todos aplaudiam. Ia-se ver o Gil Vicente, dos *autos*, porque se chamava Gil Vicente o chocarreiro que inventara aqueles dizeres que faziam rir. Era então o auto uma crítica intencional, quando não participava duma propaganda sábia.

Rodaram anos e a revista veio a ser o que ainda a gente aí a viu. Modêlo de graça com carapuças prontas, muito faiscar de lumes, muitas mulheres bonitas, *couplets* deliciosos, e fatos de se tirar o chapéu. A piada era uma coisa alada e penujosa, coceguenta e amelaçada. Não se embrulhava nem em cobertores de inverno nem em gazes imoral-

mente diáfanas. Uma coisa reinadia, com pândegos conhecidos, tão conhecidos que era uma seca da platea para o palco: «Olha o Ximenes! olha o Zaratrustra!» e assim por diante.

Um ou outro autor firmou nome e se impôs. Mas, género inferior em teatro, por êles mesmo reconhecido, breve se afastaram. Os que tinham talento, mudando de género, fizeram mais e melhor. Os que o não tinham ficaram olhando o passado e pensando que já não seriam capazes de fazer igual.

Com tudo isto, uma coisa se radicou na cachimónia das gentes: que era a revista um género eloqùente em questões de bôlsa, fácil de fazer, e para o qual nem era preciso ter talento. Um pouco de habilidade supria tudo. E vai daí, como se diz agora, a revista fêz-se, exactamente como se fêz a luz: do nada.

Para fazer uma revista não é preciso coisa alguma. Basta ver essas que andam para aí, e que fugiram decerto do frasco de alcool onde se acondicionavam, para gandaiar por êsses palcos. Está provado que o menor contingente de trabalho, em revistas, é do autor. São geralmente manipuladores da coisa o electricista, o aderecista, o maqui-

nista e o tipo que puxa o pano, para não dizer peor. Mas, valha a verdade, que o êxito de muitas se deve às pernas das coristas e ao algodão que as enche. O seu a seu dono e que Cesar não fique prejudicado.

O autor que faz, pergunta-se? Faz umas coisas que nem às vezes foi êle que as fêz, diz asneiras e é quási sempre quem tem a culpa da peça ir para o caixote. Tem alêm disso o direito aos direitos, nada mais. É preciso talento? Não, que se o tivesse iria pelo buraco do ponto em menos tempo ainda. Geito é que é. Entrecho tambêm se dispensa. Nada de entrechos, o que quere dizer sem pés nem cabeça. Não é preciso o mais pequeno fio a ligar. A música toca, e a música é que é preciso que seja boa, e logo desanda a aparecer a Mitologia em pêso. Mas vem um polícia e ao coice e à marrada leva o Olimpo para a cadeia, por não ter licença. O polícia é um elemento imprescindível. Revisteiro que tenha manhas de meter dois em lugar dum, tem a fortuna feita. Depois um *compère*, — é tambêm muito preciso um *compère*, — para dizer graças. Depois ainda uma apoteose. Toca a música, e cai o pano. À scena o autor, o maestro, o ensaiador, a mãe dele, a criada e o gato!

E vai a gente até lá fora ou lá dentro, fuma-se um cigarro, compra-se um jornalzinho ou vai-se até à *caixa*. Retine a campainha e ensandwicha-se a gente outra vez num *fauteuil* magrinho, entre uma dama gorda, que pela gordura devia ter adquirido na bilheteira *fauteuil* e meio, e um tipo careca e míope que cospe, tosse, pigarra e ensaia um ar de conversa. Levanta-se o pano, vem uma matula de coristas desafinar para as tábuas e entretemo-nos a ver os primores do *costumier*. De repente, sem mais tir-te nem guarte, apagam-se as luzes, aquilo desata aos guinchos, desce uma lona, acendem-se as luzes outra vez e é o quadro dos teatros. Musicata, piadas e segue-se, até que, ou a gente espera que a coisa acabe ressonando de assobio, ou às duas por três se escapuliu, levantando a gola, e foi ao chá. São tôdas assim. Em tôdas há um Saturno barbaças, um polícia malcriado, um *compère* alvar, o fado *liró*, o fado bairrista, um *carteirista*, uma espanhola que baila a *jota*, música gualdripada a tôdas as zarzuelas conhecidas e muita insipidez.

Autor há que em matéria de revistas inaugura ao mesmo tempo o pau de fileira a duas ou três. Outros que cortam a cada uma das que conhecem um bocadinho, alinhavam e está feita a coisa.

Rendoso ofício na verdade, êste de fabricador de revistas. Revistas do ano se chamavam antigamente. Hoje não. Do mês ou da semana, se quiserem, e vá lá... mas, revistas? Revistas de quê? pergunta um ratão. Ora! Das algibeiras do espectador e dos miolos do peçeiro. E ainda as mais felizes, aquelas que no fim da noite conseguem apresentar na bilheteira um produto avultado, essas mesmas não apresentaram dos miolos dos autores nem migalha. Que o talento está todo nas coristas. É quási sempre como o talento da crítica teatral, que está todo nas entradas de favor.

Ferrer

UANDO morreu o justo, naquela sexta-feira da Judeia, « rasgou-se meio a meio o véu do templo, tremeu a terra, e trevas espessas ensombraram a face do mundo». Não sei se algum escriba mais zeloso da Ordem, mais amante da Lei, clamaria que era de todo justa a morte do doce revolucionário. Não sei. Mas, ao certo, posso dizer que, se o foliculário existisse, êle teria, na injúria e na testarudez o tom azêdo, impertinente e rancoroso dos bons masmarros católicos de hoje.

Não mudou ainda a Ordem. Continua perseguindo inexorávelmente os generosos lutadores, que formam caracteres e consciências e consomem a vida lutando pela Verdade. Se antigamente os crucificava, hoje fuzila-os. Se o palco da tragédia

ontem se chamava Calvário, hoje denomina-se os fossos de Montjuich. Mas o mártir de ontem teve sôbre o mártir de hoje um suplício a menos. Nenhum padre o importunou. Morreu serenamente, entre as ironias dos soldados e os choros duma pecadora. A morte de Ferrer foi mais cruel. Não se limitaram a fuzilá-lo. Concederam-lhe é certo que morresse de pé. ¿Que tumultuaria no cérebro daquele novo Dreyfus? Mas talvez para que a sua alma se não evadisse, que o corpo só sairia daquelas alterosas muralhas no esquife dos justiçados, puseram-lhe de sentinela um padre que só o largou no limiar da morte. Emquanto um conselho de guerra *ad hoc*, para não dizer peor, lhe torturava o corpo, o sacerdote perseguia-lhe o espírito com as futilidades da vida futura e os consolos irrisórios da sua religião.

Ferrer, mártir de hoje, não foi só vítima da injustiça dos homens como Cristo. Foi vítima do seu rancor, da sua odiosa perseguição, da sanha carniceira que lhes é nativa. Se o tribunal que julgou o Nazareno era um tribunal de injustos, o que julgou Ferrer era um tribunal de maus. Vai dum ao outro a diferença de séculos. Vê-se, pois, que em séculos a maldade humana tem caminhado ovante...

Época de tragédias a nossa, nenhum crime excedeu a ferocidade dêste, e tão lúgubremente a empanou. É quási pequeno o século de Nero ao pé do de Montjuich, no século XX. E não terminou ainda a farçada. A ordem pôs o *lup* e vai começar a dança.

O monstro fabuloso de Troia devastava campos, devorava homens e exigia o seu tributo sem nunca se saciar. Matou-o Posêidon. Dêsses monstros, porêm, não os teve só a antiguidade. São vulgares no nosso tempo. Teve um a França, chamava-se Bastilha. Tem um a Espanha; o seu nome é Montjuich. Ao primeiro matou-o a Revolução. Para vencer o segundo vela as armas talvez a esta hora algum ignorado e novo Posêidon.

Assim como a violência gera o crime, e a tirania estrangula o Direito, assim a História ensina que o delito jamais quedou impune. A Consciência Humana escreve com o seu invisível dedo, molhado ainda no sangue quente, o ignominioso ferrete aos criminosos. Depois, as mãos misteriosas do Destino, êsse mesmo destino que desfolha as rosas, e unge os Deuses, e pródigo derrama as graças e os males, ligam-lhes ao tornozelo a braga do Remorso. E é como na fita cinematográfica da História, a gente

vê surgir lívidos, acabrunhados, todos os malditos.

Foi assim também que o dedo, que na sala do festim de Baltazar escreveu a sangrenta profecia, escreveu na fronte de Judas o lema de traidor, e, na de Henry, canalha. Foi assim que na fronte de Trepoff apareceu *sabujo* e na dos déspotas *assassino.* Assim, a Consciência universal, ignominiosamente as ferreteou. Será também assim, assassinos de Ferrer, quem quer que sejais, onde quer que vos acoiteis, que ela vos marcará!

Pode-se fuzilar um homem, é certo. Uma idea, porêm, não se estrangula. E dizei-me, vós que julgais desprezar os juízos dessa consciência; dizei-me, scelerados: ¿Por que misterioso rastilho, por que inaudita telepatia a mesma ânsia de vingança convulsiona as multidões, o mesmo clamorar de indignação ruge nos peitos e faz das bôcas vulcões de gritos para o céu? ¿Dizei-me por que misterioso acôrdo, por que estranha afinidade, os operários da Suíça e os estudantes da Argentina, os intelectuais da França e os descarregadores dos portos da Itália se levantam em uníssono para protestar, levantando as pedras da rua para que a sua voz seja melhor ouvida? ¿Dizei-me, ó potestades, homens togados,

sombrios carcereiros da verdade, filhos da vasa, escravos da ordem que manda fuzilar, dizei-me que novo sinal passou no céu dos continentes, senão a face hedionda do vosso crime, para que de tôda a parte vos metralhem a maldições?

Bandidos sinistros, a vossa fôrça? Onde está, aonde? Na bôca dos canhões? Na lâmina das baionetas? Nesse fôsso de sangue que nos separa? Os vossos canhões! Como se o estrondoso disparo de todos os canhões da terra fôsse capaz de afogar a simples voz dum homem — quando êsse homem se chama Zola ou se chama Galceran. Podeis fuzilar, podeis rir, podeis tripudiar. O eco de suas vozes ficará eternamente, lembrando o farrapo duma flâmula erguida no mastro, à vista dum velho navio submergido, ou uma montanha de diamante, onde impunemente todos os pássaros do globo, tôdas as aves de rapina da amplidão do céu, fôssem aguçar o bico sem a riscar sequer.

Se o crime foi grande, enorme tem sido o protesto. A simples morte dum homem bastou para pôr em armas os milicianos do velho e novo mundo e dar pezadelos sombrios ao sono dos apoderados.

À indignação deve suceder a acção. O homem deve dar ao homem ideas de Paz, de Justiça e de

Amor. E para que a usança velha do passado não subsista, devemos cavalgar os ombros da Rotiná de lima em punho para cortar a férrea venda que lhe tapa os olhos.

Leio os jornais outra vez. E, não sei porquê, lembro-me do velho de Guernesey: «Uma idea fixa é uma verruma. Cada ano entra uma volta. Se no-la quiserem arrancar no fim do primeiro ano, arrancam-nos com ela o cabelo; no fim do segundo a pele; no fim do terceiro os ossos; no fim do quarto os miolos».

Tambêm teem a sua idea fixa, os povos: chama-se Liberdade. E que os reis tenham cuidado. Como as paredes do poço inquisitorial que se uniam até ao precipício, repelindo impiedosamente a criatura, assim as consciências se vão unindo na mesma ânsia de libertação. Depois, ó reis, ouvi as palavras simbólicas do velho Guernesey. Não tardará que a verruma, que já vos toca o cabelo, vos arranque os miolos.

Camilo

Há vinte e dois anos — 4 de Junho de 1890 — escrevia o *Jornal da Manhã:* «No seu fato escuro — *par-dessus* usado, fraque e calça preta da mesma fazenda, costume que vestia quando se suicidou — tons roxeados a cercar-lhe as narinas e os olhos, o seu perfil macerado, fortemente vincado de rugas, o farto bigode caindo-lhe lasso, na bôca êsse estranho rítus que parece dar ao cadáver um riso de mofa, — o supremo escárnio da morte à vida, lá estava êle sereno como um adormecido, os pés salientes, a cabeleira negra e comprida, as mãos finas, cruzadas sôbre o peito, morto mal iluminado pelo clarão de duas velas, parecendo seguir com os olhos mal cerrados a dor da viscondessa que, aos pés do seu último leito, abismada na oração, velava sòzinha.»

*

Depois, o *Correio da Manhã* informou que «o cortejo era composto, apenas, de dezóito trens e atravessou a cidade no meio da indiferença geral e quási despercebido». Artistas nenhum, nenhum homem de letras. Só *repórteres* de jornais políticos, por dever de ofício, talvez. E aqui teem um grande homem, uma biografia inteira. Nota predominante: O abandono. Só na vida, absolutamente só, e só, duma solidão trágica, na morte. Afinal, talvez fôsse assim melhor...

Ter talento, ter génio: lutar, chorar, sorrir, sofrer, gargalhar. Escrever obras imortais. Ser ao mesmo tempo a «formidável corda das lágrimas e a formidável corda do riso». Ter dentro de si tôdas as demoníacas torturas dantescas e tôdas as fulgências das constelações; ser ao mesmo tempo o execrando e o amado. Cegar por fim e suicidar-se, isto é ser grande homem!? Triste sorte. Qualquer burguês ventrudo é bem mais feliz. «Ficou vencido». «Sirva isto de exemplo a futuros escritores.» ¿Mas qual de vós, sim, qual de vós não teria escolhido o burguês?!...

«A formidável corda das lágrimas; a formidável corda do riso». Diz tudo a frase de Silva Pinto.

Formidável, sim. Nunca adjectivo aplicado teve tanta precisão. Formidável em tudo. No romance, na história, na polémica. A comoção e a gargalhada; o sentimento e o vício; a abnegação, a bondade, a ironia, o sarcasmo, tudo a sua obra tem deslumbradoramente, no máximo poderio, no supremo esplendor.

Camilo não é um literato, é uma literatura. Mas uma literatura exuberantíssima, quási sem rival. Em língua portuguesa nunca se foi tão grande. Os seus romances, as personagens que criou, são inesquecíveis. E quando um cretino na câmara perguntava que alcance social tinha a obra do mestre, não sei se houve quem lhe respondesse que o de fixar inalterávelmente tôda a nossa terra na sua galeria de figuras. Que há de tudo nesse museu enorme. O desembargador, o brasileiro, a freira, a recolhida, os heróis, os amorosos, os padres, as maganas, os estoiradinhos e até os literatos. Há Calixto Elói e Guilherme Lira, há o Fístula e o João da Cruz.

Se como histórico o seu valor é também notável, como polemista é assombroso. ¿As suas polémicas o que são? Espectáculos de feras. ¡Ai do polemista que, revestido o escudo e empunhado o

gládio, o ia desafiar ao seu covil! Recordam-se do que era isso todos os que se lembram do *Cancioneiro*. A breve trecho, o contendor estava despojado de tôdas as ironias, de tôdas as indignações, de tôdas as zargunchadas. Era um pobre animal que caíra na ratoeira e que Camilo, «o formidável», se entretinha a beliscar pacientemente entre os seus dedos de gigante. ¡Ai dos que lá caíam! ¡Ai dos que lá caíram! E o velho de S. Miguel de Seide, quando se enfastiava de os desengonçar, ou os esmagava com um golpe de clava ou os soltava comíseramente. Mas vinham estropiados para todo o sempre...

De vez em quando, fala-se nas gazetas em um monumento ao grande solitário. ¡Pelo amor de Deus! que todos os homens sensatos, que tôdas as criaturas que ao Mestre devem uma lágrima ou uma hora de prazer, se oponham. Uma estátua!? Mas, deuses imortais, ¿será tão inexorável o Destino que permita semelhante crime? Camilo está bem no seu jazigo de empréstimo, sem visitas, sem amigos, emmudecido já, velho atrabiliário que continha em respeito, só com um olhar, uma geração. Nem lhe levantem monumento, nem o tragam para os Jerónimos. Monumento para quê? ¿Para não haver

«gato que não esguiche sôbre êle a sua injúria líquida»? Para quê o Panteão? ¿Para cevar a curiosidade dos *Baedeckeristas* arregaladores de olhos? Deixem estar o que está, quietinho, não vá o gigante ressuscitar para vos correr a pontapés.

As comissões liquidam? Teem razão. Para que servem? !Oh! Não obriguemos o leitor a tapar o nariz. E seria muita injustiça junta: sôbre a injustiça do Destino, perseguidora e atenazante, a injustiça dos homens, que não se pode emparelhar com aquela senão em ser a suprema injúria.

Antero de Figueiredo lembrou que a casa de Seide, «rodeada de pinhais gementes», como dizia Camilo, fôsse transformada em museu camiliano, onde os fiéis, os raros fiéis, fôssem dessedentar a sua admiração. É uma idea grande, cheia de justiça e de sensatez. Quanto ao resto, melhor será que o deixem ficar no cemitério da Lapa. Aí é o seu lugar, longe de profanadoras exibições a minutos de admiração por cabeça.

Mas a geração de amanhã que o faça ou que se esqueça. «A formidável corda das lágrimas; a formidável corda do riso»! O seu monumento é a sua obra enorme, inesquecível, deslumbrante. ¿Mas que

sei eu dizer do mestre? Sei admirar, admirar comovidamente, egoístamente.

E lembro-me, pobre rabiscador de colunas, de que mais poderia fazer? ¿Pois não é a nossa sorte, —uma velha frase de E. Zamacois — pois não é a nossa sorte como a dos actores? — «Pobres reis, sábios e conquistadores de tramóia, que, penetrados da instabilidade da sua glória, só aspiram a deslumbrar um momento a multidão que passa»?

Deuses

Como êsse velho Schopenhauer tivesse dito que «a Dor é universal e contínua» eu concluirei dizendo que nem os Deuses estão isentos de sofrimento. Os Deuses, produto da negregada fantasia dos homens, sofrem com êles, com êles padecem, com êles arrastam as suas vicissitudes, e não há Deus cuja fé se não haja extinto. ¡Pobres Deuses! Pobres sonhadores! Tão inofensivos, tão pacientes, tão bons!

Mudam os tempos ou, por outra, o tempo dos Deuses passou. Antigamente tinham seu nicho, sua peanha e seu altar. Tinham seus devotos, seus crentes, seus fiéis. Tinham seu culto e sua religião. Que teem hoje? Hoje nada se respeita, nada se venera. A multidão, a grossa matilha de crentes, essa mesma perdeu a fé.

Tenho defronte de mim um livro. Intitula-se a *Loucura de Jesus* e assina-o o professor dr. Binet-Sanglé, da escola de psicologia. Mão impiedosa, mão rígida e brutal de homem togatício de sciência, foi arrancar o Cristo dos últimos corações, foi expulsar Deus da alma dos derradeiros crentes. A Sciência, a pouco e pouco, moderno monstro, tudo vai arrancando e destruindo. Não conhece fronteiras a sua audácia, não conhece limites o seu atrevimento. Já Cristo jazia solitário, face curvada sôbre o peito, coroado de espinhos na sua cruz. Era sòzinho. Os últimos fiéis abandonaram-no. Os discípulos — que admira! — atraiçoaram-no.

Furtado uma vez ao sepulcro, às fugas, por caridosas almas, eis que a sciência vai, armada de suas lentes e sobraçando seus volumes, furtá-lo novamente. Não para o ungir de bálsamos preciosos, como José de Arimatea, mirra, aloés e incenso; não para lhe ensopar as feridas com seus cabelos e seus beijos como a chorosa Madalena, mas para o arrastar para o mármore anatómico, dissecar fibra a fibra, tendão a tendão, músculo a músculo; para rotular os seus sentimentos e ir procurar a golpes de bisturi a loucura e a ambição que

deviam existir no fundo do seu original e estranho ser.

Assim fêz a sciência. E estou a vê-la arvorar uma escada ao azul confiante, ir até à Cruz de Cristo, que tremulava lá em cima, entre um nimbo de santos e profetas, e, friamente, cofiando as barbichas à medida que o trabalho decorre, ir fazendo aos cravos o mesmo que se faz à rôlha das garrafas, até que o corpo do pobre sonhador tombasse do empíreo.

Depois de dizer que Cristo comia com bom apetite, que bebia, e que sucumbiu ao beber o líquido da esponja, precisar a hora exacta da tarde em que há quási dois mil anos o soldado judeu, com a ponta aguda da sua lança, lhe rasgou o tórax, atravessando-lhe a pleura e fêz com que daquele corpo inerme saisse o clássico sangue e água; estudar seus pais, seus irmãos, sua raça; inquirir testemunhas, para, como Pôncio Pilatos de sua janela, lançar o *veredictum*. Em nome da Sciência, sciência grave, sciência austera, pronunciar a sentença. E de novo põe às costas do pobre Jesus a cruz de suas degenerescências, de suas taras, e leva desdenhosamente o seu génio à craveira. ¡Pobres Deuses! ¡Pobres reis expulsos do Azul! Ashavérus errantes da am-

plidão. A sciência lavrou o seu decreto. Não mais vos acoite uma alma, não mais coração algum servirá de sacrário ao vosso nome. Expulsos, irremediávelmente expulsos. Ide! E, velho hábito, fruto de leituras que a memória vai puindo de páginas esquecidas de velhos livros, eu não posso furtar-me a dizer ao sonhador errante, não «que lavo daí as minhas mãos», mas «feita tôda de mágua e piedade» a frase eterna «Que a paz do Senhor seja convosco!» E sem sombras de sarcasmo penso que o seu reino já não é dêste mundo.

É o último Deus apeado, a última heresia arietante. Mas, já nem o corpo nem a obra do pobre Cristo combalido pode resistir a tanto. A Lógica e a Razão, a Moral em nome de Nietzsche, e a Sciência em nome de Binet-Sanglé deram com êle em terra. É o último Deus que tomba.

A multidão de há muito perdeu a fé, porque já Deus não faz milagres. E é dos versos de Junqueiro:

> «Como há de êle amparar os desgraçados
> Se tem os braços lívidos pregados
> Nos braços duma cruz».

A multidão, nos momentos de angústias buscou

os ídolos. E os pobres ídolos impassíveis, impassíveis escutaram os seus lamentos. Levou o eco seus clamores, extinguiu o espaço suas vozes. A multidão rugiu. E como os Deuses permanecessem quedos, ela desandou a fazer-lhes o que os chineses e a nossa gente do campo faz aos seus santos predilectos. Bateu-lhes primeiro, voltou-os depois de cabeça para baixo. Ainda, como o milagre tardasse, arrastou-os pela lama, arremessou-os aos excrementos e chamou-lhes filhos duma anónima heroína dos *Autos* de Gil Vicente e do Chiado. Por isso, quando o escalpelo e o monóculo crítico do médico francês foram lá acima pôr escritos no céu, já, é claro, os Deuses não tinham com que pagar a renda.

Os Deuses, já todos sabem, são imortais. E como imortais não estão isentos de sofrer. Morrem no coração da turba mas vivem no Tempo, atravessando as idades, num cortejo lúgubre e ratão. São como o orador que já não tem ouvintes, como o publicista a quem adormece o último leitor. Jesus, meu pobre Jesus, que viveste no coração dos supliciados e nos subterrâneos da Roma imperial; meu pobre louco que, como todos os sonhadores, tiveste a tua cruz e o teu Judas; que

foste a visão arroubadora dos lançados às feras, no Coliseu; que inspiraste êsses Evangelhos patranhosos mas interessantes; que deste a Sienkiewicz a ressurreição duma época morta, eu te saúdo!

Eras o Deus da minha mocidade; foste o Deus a quem todos nós aprendemos a rezar.

Não creio que haja crentes hoje, mas se algum existir extraviado, cem léguas do seu tempo, que se recolha a meditar: — Orai por êles, orai pelos Deuses mortos, expulsos, renegados!...

Pensai agora, vós todos homens de *élite* e homens de sciência, ateus e crentes pensai agora no martírio dos pobres Deuses sem uma alma amiga onde pedir pousio. Imaginai-os agora ao frio das madrugadas, aos ventos clamorantes dos tufões, à aguçada lâmina das nortadas, às regeladas chuvas do inverno. Imaginai-os agora, perdidos pelas florestas, cobertos de gêlo, famintos, as grandes barbas hirsutas e nevadas, apoiados ao seu bordão de caminheiros. Imaginai-os batendo a tôdas as portas sem que nenhuma se abra. Imaginai-os errantes, desgrenhados, o estômago frio e enrolado como um bicho de conta, a escudela vazia, vazia a bôlsa como saco rôto. Depois dizei-me, dizei-me se êles

não merecem que nos condoamos deles, reis sem trono, arrastando a púrpura esfarrapada pelos caminhos.

É por isso que eu vos peço piedade. É por isso que, ao passar por algum velho Buda que pede esmola ou algum Cristo, sonhador, louco e idealista, eu tiro o meu chapéu. E estas visões, que às noites conciliabulam na minha mente, são farrapos de velhas eras, retalhos de antigas histórias. Que eu, em verdade, sei lá se os Deuses existiram algum dia!

O museu instrumental

PORTUGAL pensa em criar o seu museu instrumental. É uma idea curiosa, velha já extra-fronteiras, mas que entre nós merece ser acarinhada e tratada, sabida a versatilidade dos governos em tudo quanto de mais perto à Arte toque e a engrandeça. E a talho de foice vem ver se se consegue que a preciosa colecção de instrumentos músicos, tão amorosamente forrageada por Alfredo Keil, o glorioso músico português, não seja dispersa nem saia fronteiras. Nem a colecção, onde há extraordinárias preciosidades, nem a Biblioteca Musical a ela apensa. Pequeníssimo dispêndio a sua aquisição representa, dadas as condições especiais em que o Estado pode tomar a sua posse, e muito ela vale se considerar-

mos que alêm dos museus serem óptimos sob o ponto de vista de turismo, êste é tambêm indispensável ao Conservatório ou à Escola de Música duma cidade como Lisboa.

*

* *

Em França, o museu instrumental data da Convenção. A lei de 3 de agosto de 1795 (16 termidor ano III), que organizou em Paris o Conservatório de Música, decide que se enriqueça êste estabelecimento duma Biblioteca «composée d'une collection complète des partitions et ouvrages relatifs à la musique, et d'une collection d'instruments antiques ou étrangers et de ceux à nos usages qui peuvent par leur perfection servir de modèles».

Todavia, como os instrumentos não caem do céu e é preciso paciência e tempo infinito para formar um museu, êle só se inaugurou a 20 de novembro de 1864. E formou-se, porque o Estado adquiriu a colecção de Louis Clapisson, que se compunha de 230 instrumentos. Bem se preocupa o Estado de que na feira da Ladra apareça um dos raios de Júpiter ou o ôlho de alguns dos ciclopes. É indispensável que a iniciativa particular dê o me-

lhor do seu sangue para que o Estado veja, para que o Estado olhe, para que o Estado considere.

Assim, a Bélgica formou o seu museu com a colecção Fétis, que se compunha de 74 peças, colecção que ela adquiriu e foi o fundo dum dos museus hoje mais ricos da Europa (Loi du 4 mai 1872), sendo o possuidor, à semelhança de Clapisson, nomeado seu conservador. Mas há mais. ¿ A célebre colecção Snoeck, de Gand, não foi vendida por 2.700:000 francos, parte ao museu de Berlim, parte ao museu de Bruxelas? Estrangeiros dão pela colecção Keil vinte contos de réis. Pois bem. A viúva do grande compositor cede-a a Portugal por menos e concede-lhe tôdas as facilidades de pagamento. É ainda o amor de Keil à sua terra! É ainda a sua alma nostálgica que vagueia errante, apegada ao som dos velhos instrumentos amados.

Nós temos sido um povo onde a música foi sempre apreciada, e isso vê-se pela livraria de música de D. João IV, pela passagem das crónicas em que D. Pedro I se levanta alta noite para ir pelas ruas tanger e bailar, pelo campo juncado de mortos e de guitarras de Alcácer-Kibir, pelas revelações de Souza Viterbo sôbre a música no tempo de D. Afonso V, em que se revela a existência

dum corpo de música: 1 tamboril, 1 tangedor de alaúde, 1 citaleiro e 1 organista, fora, é claro, charameleiros, trombetistas e cantores. ¿E que temos nos nossos museus sôbre isso? Nada ou quási nada. Se quisermos ver algo, vamos ao museu de Bruxelas. Lá encontraremos um cavaquinho de Manuel Pereira, das Portas de Santo Antão, e uma «guitarra de Flandres» de João José de Souza, da Calçada dos Caldas.

É certo, porêm, que a colecção Keil se impõe como indispensável para a formação do nosso Museu instrumental e certo é tambêm que, reunida ao que se pode alcançar, já ela constitui uma racolta digna de admiração e aprêço.

Não tem, é claro, nem a tíbia furada — *a prehistoric whistle* — do homem das cavernas, nem as harpas artísticas das civilizações faraónicas, com o seu pedestal terminando em esfinge de olhos imóveis, inquietantes. Não possui tambêm a deliciosa harpa que, obra preciosa de escultura, tem no pedestal dois galos fanfarrões preparando-se para jogar as cristas, que essa, que se diz ter sido da rainha Maria Antonieta, está no South Kensington Museum. Mas, que demónio! consolemo-nos, porque nem o Museu Instrumental de Bruxelas, nem o

South Kensington, nem o do Conservatório Nacional de Música de Paris, nem o de Berlim, nem o de Nuremberg, nem o de Munich, possuem a cítara de Apolo, a harpa de Terpsicore, a flauta de Pan e a lira de Orfeu, que constituiam o museu instrumental do Olimpo. Nem possuem a lira de Nero ou os chifres de Satan feitos em cornos de caça.

Nós poderíamos reunir às 365 peças da colecção Keil, ao seu *Quinton* de 1581, à sua viola de amor e às suas violas di gamba, à sua trombeta marinha e às suas teorbas, à sua «viola di bordone» e ao seu clavicórdio do convento de Semide, à sua trompa do conde de Farrobo e ao seu piano do século XVIII, onde Keil sonhou a *Portuguesa*, o cravo de Madre Paula, a última guitarra do senhor D. Carlos e o violoncelo de Stradivárius do paço da Ajuda.

A colecção Keil é pois um interessante museu, que cumpre guardar das cubiçosas garras dos judeus leiloeiros cosmopolitas e dos entendidos coleccionadores. Ela formaria o núcleo central. Viriam depois as dádivas e as compras. Assim é que o museu de Paris, que findara o seu catálogo em 1880 (Gustavo Chouquet) com 1006 números, já em 1899, no 2.º suplemento publicado por Leon Pillaut, fecha com 1463.

E vantagem extraordinária: Até o próprio catálogo, preciosamente anotado, se encontra pronto para a impressão, visto Keil haver deixado as primeiras 16 páginas já impressas. ¿É êsse género literário um género morto? Não. O catálogo do museu de Paris e o do Real Conservatório de Bruxelas, apesar dos seus 3 volumes, teem todos mais do que uma edição, outro tanto sucedendo ao do South Kensington Museum (Carl Engel), que insere uma curiosa *History of musical instruments.*

*

* *

Depois, um museu instrumental é indispensável para o estudo da música; já a Convenção, há um século, o reconhecia. E sendo a música, desde ou antes do dilúvio, indispensável ao homem, pouca conta de si dão os povos que ante a sua musa não genuflectem. Ainda sob o ponto de vista estético, como não seria curioso a criação dum museu do nosso mobiliário e da nossa indumentária? E neste instrumental, reviver e evocar tôda a série de instrumentos de tôdas as épocas: o corno etrusco lavrado e a lira grega, os saltérios, crótalos, cítaras,

marimbas, gongs, o trombone cabeça de bicha e a espineta seiscentista com a pintura de mitológicos amores, o violino de Guarnerius e o taki-goto aristocrático dos japoneses, o orféoréon italiano, onde se reproduz a composição célebre *Apollon et les muses*, feita em 1570, e a viola, obra de arte, feita para Francisco I.

Depois, ainda o espiritual devaneio que teria o visitante sabedor, conhecendo os instrumentos, nos instrumentos as famílias, nas famílias as gerações. Saber, ante uma rabeca vulgar de qualquer Lineu da música, que ela teve por avô o *rabad* dos Orientais, que a flauta descende da *fístula* e do *calamus* dos romanos e que a universalidade da harpa vai de pólo a pólo: da harpa grega das musas ao *boulou*, harpa dos negros da Senegâmbia.

É pois uma idea em que vale pensar um pouco, por tudo o que de grande ela representa e para que amanhã, quando algum sonhador patriota queira idealizar um pouco a figura do nosso Rouget de l'Isle, não tenha que ir visitar o piano onde pela primeira vez soou o nosso hino nacional aos museus da Bélgica ou da Alemanha.

O Ódio

---

o desfazer-se das últimas ilusões, o Homem, neste século feroz, hipocrisiado e astuto, deitou fora, heróicamente como o rei de Tule lançando a sua taça ao mar profundo, o Amor, a Amizade, a Lealdade, a Dedicação e outras velharias poeirentas e esquecidas. Mas conservou o Odio. Do ódio não se separou, nem se desfêz. Do ódio não pensou sequer em o deixar. De resto, era seu antigo companheiro. Partilhando dos mesmos interesses, acorrentado à mesma calceta, atravessou com êle tôdas as idades e foi talvez êle quem lhe ensinou a açacalar a brunidura do machado de sílex e a fabricar a espada de lâmina de aço de Toledo. O ódio e o Homem teem sido, pois, companheiros inseparáveis.

Quando o Homem parte para a Morte, êsse país, como diz Daudet, o sensitivo, « que coisa alguma fecha, campos e prados esplêndidos, mas tão longínquos e vastos, que nunca ninguêm de lá voltou», o ódio vai com êle. Já a criatura não vive. Mas o ódio vai alimentar os mil halos de podridão que corrompem e matam, e as mil seivas das plantas venenosas que embriagam e destroem.

O ódio não tem pátria. É antigo como o mundo e forte como os Deuses. É sempre novo, e se considerarmos o que diz Vítor Hugo, « é sempre enorme; conserva a estatura no mais pequeno ente, e permanece monstro. Um ódio é o ódio todo. »

*

* *

Acaba de publicar-se uma nova tradução de Mantegazza: *Fisiologia do ódio.* É um livro curioso e digno da leitura dos optimistas. Nêle se diz e com verdade que os vocabulários de tôdas as línguas «são mais ricos de maldições e pragas que de caridade e de carícias »; que há mais armeiros do que médicos e que as prisões são mais numerosas do que os asilos. Mais adiante encontra-

remos que «o verdadeiro carácter dos homens é odiarem-se» e que *homo hominis lupus*, que é como quem diz que o maior verdugo do homem não é senão êle próprio.

Mas o fisiologista italiano fala como uma escritura: É ouvi-lo: «No entanto, nós, povos civilizados, que sabemos ler e escrever e que protestamos contra o petróleo e a dinamite, chamamos selvagens a todos os povos que não sentiram ainda a necessidade de organizar corpos de carabineiros, os impostos da riqueza movel, a instrução obrigatória e o recrutamento. E quando nas nossas viagens encontramos um dêstes povos, pouco vestidos e sem códigos, sentimos o dever de o civilizar, ensinando-lhe com canhões e metralhadoras a usar calças e a adquirir a sífilis, a adoração dum Deus, o dinheiro, o uso das luvas e o manejo das espingardas de carregar pela culatra». ¿Pois não é uma fotografia minuciosa êste trecho?

Antigamente, na Pérsia, havia castigo para a Ingratidão. Então era esta um crime. Com o andar dos tempos, a Ingratidão tornou-se uma qualidade. O progresso acrescentou a gratidão a ponto de ser quási necessário hoje ser-se ingrato, para se ser homem do nosso tempo.

O ódio é uma fôrça e eu direi como Zola que «o ódio consola, o ódio faz justiça, o ódio engrandece». Quási todos os homens ao volver um olhar sôbre si mesmo poderão repetir talvez como o autor dos *Mes Haines:* «Se hoje valho algo, é porque estou só e porque odeio». E, como o dr. Storkman do *Inimigo do Povo*, de Ibsen, eu creio e curvo-me. Tenho-o sentido nas minhas horas de angústia. Só o ódio nos acompanha. Só o ódio nos não desampara.

Dois irmãos gémeos nos deram de companhia. O amor e o ódio. O amor, com o seu carcaz cupidíneo, deixou-se embalar pelo cântico das sereias e dizem que o mar arremessou o seu corpo amortalhado em espuma a uma praia distante; pobre fátuo que uma ilusão despedaçou.

O ódio, irmão sobrevivente, permaneceu sempre sombrio, Don Claudio Frollo de que a alma é *Notre Dame*. Mas nunca Esmeralda nenhuma o enfeitiçou, ódio intangível e forte. E ficou sempre o ódio companheiro do homem.

¿Que seria dessas pobres criaturas a quem o mundo tudo roubou, se não fôsse o ódio? Das criaturas condenadas a ver o Dinheiro, o Amor e a Saúde, como certos pequenos vagabundos vêem

manjares em montras de *restaurante:* atravez da fome e do vidro. Dos que não conheceram nunca o Amor senão de ouvido, ária decorada à fôrça de se ouvir trautear. Dos que não conhecem o dinheiro senão do exterior dos cofres fortes; dos que não conhecem a Felicidade, a Paz, a Alegria senão como uma história que a princesa Scherazada das *Mil e uma noites* adiava infindamente para amanhã e morreu sem ter contado?! ¿ Que seria de tôdas essas criaturas, se castradas de tôdas as ambições e de todos os sonhos, coçando a lepra da Esperança, como Job, com a telha da Desilusão, lhes roubassem também o ódio? E é afinal o único quinhão dos pobres. Teem mais, o Vento, o Frio e a Geada. Mas êsses são também uns pobres elementos perseguidos a que os ricos fecham os seus palácios.

Mas o ódio, misantropo e triste, prefere os pobres, se bem que não desdenhe os ricos. É nisso o mais igualitário dos quinhões distribuidos à humanidade.

Tudo na vida é ódio. Tudo é rancor. Mas às vezes o ódio anda desfigurado e crismam-no. Conta Tito Lívio o que fêz Cures, príncipe dos Piezenigos, a Suatislao, príncipe dos Ruthenos, que lhe queria assolar os domínios. Colheu-o num ardil,

matou-o e da caveira fêz uma taça «encastoada em oiro, por onde bebia» como Byron, e onde fêz gravar: Quœrendo aliena, propria amisit: Perdeu o próprio buscando o alheio. Não é ódio isto. Ódio é o que o velho Ursus praticava. Ódio é muitas vezes fazer bem. Ursus, filósofo e espiritualista, como tôdas as criações huguescas, ao encontrar um faminto saciava-o: Para que êle vivesse, para que êle continuasse a sofrer esta vida de misérias. E de Timão de Atenas se conta que uma vez subiu à tribuna para anunciar que tinha no seu quintal uma figueira. Dispunha-se a deitá-la abaixo. Quem quisesse enforcar-se não devia perder a ocasião. Mas não o dizem documentos coevos nem de agora: Timão de Atenas odiou. Timão de Atenas soube odiar. E quando alguns dos ouvintes se lhe dirigiram a casa para aproveitar a figueira, êle declarou-lhes simplesmente que antes de começar o seu discurso... já a havia feito cortar...

Os deserdados

OITE de inverno, fria e enorme com a ventania a ulular e a chuva roucamente tocando a sua marcha nas pedras da calçada. O rio distante, enfurecido, vem chofrar espumas no cais. Mal se avista a luz sanguínea dos candieiros e cortando a negridão e o silêncio da noite o silvo das locomotivas, o rodar surdo dos trens, perdem-se ao longe com o tom de fumo que se enovela, rola e lentamente morre. A cidade lá em baixo é um montão informe de casaria. Sem fim, persistente, açoutadora, a chuva cai.

É por entre os vidros que ressumam água que eu vejo os vultos que passam corridos do temporal. O meu egoísmo apaga-se um pouco e penso então na tragédia das noites de inverno. Não para os que

teem lar, uma sopa e cama quente, oh não! Para êsses uma noite de inverno é como uma ópera encantadora. O vento é o maestro, a chuva a orquestra. Mas para os outros, os que não teem onde repousar a cabeça, nem pão nem lar, para êsses uma noite de inverno é bem diferente espectáculo. Actores ignorados duma angustiosíssima tragédia.

Há nesta cidade, que já é enorme, entre os seus quinhentos mil habitantes, alguns milhares de criaturas que dormem ao relento e vivem ao acaso. Pense-se agora no que representa para elas uma noite de inverno. Escorraçadas dos bancos públicos, escorraçadas das ruas, da vagabundagem aborrecida, elas não encontram refúgio senão nalgum portal escuro, nalgum telheiro abandonado, nalguma furna da serra, conquistada sob a invernia. E pobres criaturas, o fato rôto e ensopado, os pés nus chapinhando água, tôda a noite tiritando, curtindo febres e enxugando com o seu calor a roupa, para elas a vida é coisa bem amarga.

Em noites estivais por prazer na rua se passa a noite. Mas quando o frio aperta não há *mirones*. Todos debandam, erguida a gola do sobretudo, concertado mais o *cache-col*. Os que ficam são quási sempre os que não teem nem sobretudo nem para

onde ir. Ficam e para dormir ou procuram o material da câmara nas traseiras do Teatro Nacional ou as arcadas do Terreiro do Paço. Há os que dormem nos portais, os que ficam nas escadas. Os que escalam prédios em construção para se encostarem sôbre um monte de aparas e os que se vão alapardar sôbre as mêdas de pinho no Atêrro. Os que procuram as furnas do Monsanto e os descampados da Ajuda ou os que vão dormir aos cais e a bordo das fragatas, sob a ponte dos vapores Lisbonenses ou no túnel do Rocio.

Mas noites há em que o frio intensa. E o pobre vagabundo procura algo de calor que lhe dê vida. Ah! êle não conhece os fogões eléctricos, os fogões a gás, a petróleo, a lenha. Êle não sabe o que é o calor dum fogão, dum fogareiro sequer. O mísero não tem cama, o mísero não tem fato, o mísero não tem de comer. Mas é preciso, é urgente, é indispensável buscar calor. Onde? E como a «necessidade é grande mestra em artes», dizia mestre Filinto, o camarada vai até à Ribeira Nova. Há lá, na descarga do peixe, a quentura dos archotes. Vai aquecer-se à tepidez do motor dos automóveis ou perto dos fornos de cozer pão. ¿E quantas vezes se não conchega com a misérrima

parelha dos trens de praça para que ela reparta com êle algo do seu calor?

Ainda com três moedas de vintêm iria a criatura ao pátio da Bica, atrás do Coliseu, um casarão enorme onde se tem enxêrga. Ainda se tivesse um vintêm faria parar um *tio pirilampo* para sorver a fumegante, deliciosíssima *carocha.* Mal qual? Tem casaco sim, mas o colete repousa por trezentos réis nalgum Monte da piedade, desde o tempo em que era novo. A roupa branca está no fio, e o calçado tem quási sempre, alêm de vários rasgões, a sola presa por cordéis e os tacões seguros a parafuso.

Ora isto é em noites de frio. Em noites de chuva é de morrer. Cogite-se um pouco no que não sofre essa criatura de fato a desfazer-se, calçado fazendo água por todos os lados, fustigado da chuva, empurrado pelas mãos brutais do vento. Depois, depois aquela miserável chuva que não cessa, aquele maldito céu que é negro, negro, duma negridão sem igual. Tudo parece combinado para perseguir o pobre. E até se se quere refugiar numa escada é certo tôdas as portas para êle se acharem implacávelmente fechadas. O mistério de certas vidas! E lembram os versos de Cesário Verde:

«A Dor Humana busca os amplos horizontes
E tem marés de fel como um sinistro mar».

Ainda há bem pouco tempo no parque Eduardo VII foi encontrado um homem que morrera de frio. E agora temos o caso daquele mendigo velho e pobre que, tendo feito um crime há 16 anos, foi bater a uma esquadra pedindo encarecidamente o calabouço. ¿Quantas dormidas ao relento, quantos dias sem comer? E o velho dentro de pouco abençoará o seu crime, o crime que ao fim de tanto tempo e de tanta miséria lhe permite comer a horas e alfim dormir sob telha. Foi o inverno que o empurrou. Foi talvez uma noite de chuva que o decidiu...

¡Nas grandes cidades, Londres, Paris, Berlim, o que não é! E não tem fim a lista dos entrados na morgue encontrados na rua, enrodilhados, cobertos de gêlo. ¡A Fome, a Miséria, e sobretudo o Inverno, Destino scelerado! ¡Haver criaturas para quem uma placa de cinco tostões seria a felicidade e haver quem desdenhosamente a atire ao regaço da futilidade!

Mas a chuva não pára, o frio aperta. ¿Quantos miseráveis estará a Angústia estrangulando, para que a Morte quando vier seja a libertadora abençoada?

*

A alma das coisas

ALMA das coisas! ¿¡ Com que então V. admite que as coisas tenham alma ?! ¿ V. considera que as cadeiras, as *consoles*, os jarrões de porcelana sejam iguais ao meu *groom*, ou ao meu cocheiro? Por êsse andar, teremos as peúgas fazendo comentários, o meu relójio botando filosofia! Ora não há!...

E o cavalheiro tinha um riso escarninho, emquanto machucava entre os dedos o ouro da sua corrente. Foi por essa altura que o poeta, na sua voz cantante, lhe disse:

— A alma das coisas, sim, meu amigo! Tudo tem alma. O verme, a estrêla, a árvore, a pedra. ¿Quem lhe garante que o fogo não tenha risos e a chuva não tenha soluços? ¿Quem lhe pode assegu-

rar que as árvores, eternas paralíticas, não sofrem angustiadamente? ¿Quem lhe diz que as pedras da rua, as areias da praia, a frontaria dos prédios não conciliabulem em noites de frio e vento? Tudo tem alma. V. nunca a achou? É que nunca a soube procurar.

*

* *

Noite morta, sentado à minha secretária, scismava. Sem amores, sem paixões, eu atravessara a vida inteira como fôlha em água de levada. Olhava o passado. E só a saudade me acompanhava. Saudade de quê? Não sei. Doutras saudades talvez. Sabe-se lá! Lembro-me perfeitamente. Uma rosa branca, opalescente, morria num jarrão. Era soberba, perturbante, singular. Lá fora, noite fria, enorme, noite de Dezembro com uivos de vento e gargalhadas, assobios, estridores. A rosa era linda, setínea, uma rosa adolescente, de carnação magnífica e aroma envenenante. Tão absorvido estava em espertar as cinzas do passado, que não via, não ouvia. Nem um amor! Beijos de mãe não tivera. Não tivera carícias de amante. Nem uma mulher!... Acabara há pouco de ler o romântico

que subtilmente êle lhe fugiu, se escapou e foi quebrar-se no *parquet.*

Julgará talvez que foi V. que o não segurou bem. ¿Mas quem lhe assegura que não fôsse um suicídio?

¿Quem lhe diz que não fôsse o seu copo, farto já de ser copo, que se não despenhasse? Mas V. não pode negar nem afirmar. ¿Por V. não ter achado a alma das coisas, segue-se que elas não tenham alma? ¿V. tem reparado na angústia estertorosa dos cartazes que as mãos da ventania descolaram e flagelam? ¿V. não tem ouvido no crepitar da lenha do fogão conversas estranhas, gritos, disputas? ¿V., alta noite, quando tudo dorme, não ouve as misteriosas conversas da madeira e das paredes, sobrados que rangem, estalidos, mil ruídos, mil rumores que são tôda uma linguagem? Ah meu amigo! Acredite. ¿Que lhe diria uma pedra da rua se V. a lograsse entender?! ¿Que leria V., se soubesse, no vidro dum velho lampadário? ¿Que escutaria V., se pudesse, numa velha rabeca descolada, num piano desconjuntado, num velho fraque puído?

Ah! Que V. o acredite! Tudo tem alma.

¿Quantas vezes, quando estou triste, o meu tra-

vesseiro me afaga a cabeça e se encolhe, me ameiga e embala? V. não sente, V. não vê. E quantos milhares, quantos milhões de criaturas vão por êsse mundo e vivem, e passam, e morrem a «tropeçar nas almas sem as ver...»

O público

É a mesma coisa. O *struggle for life* dá-se também na literatura...» dizia-me Tibério. Fumava um cigarro, seguia atentamente as caprichosas espirais de fumo e tinha um sorriso na face esclarecida.

«¿Qual é afinal a ânsia do homem de letras? A glória. Ser conhecido. Que o seu nome seja falado, que os seus livros se imprimam e depois de impressos se vendam. Saber que lá em baixo a egoísta multidão convulsionada roubou um instante ao seu repouso, descansou um pouco na peleja para o ler. Saber que ela murmura, conhece e discute o seu nome. Saber que o fruto das suas noites de trabalho será lido por milhões de olhos, recitado por milhares de bôcas, guardado por centenas

de almas. Para isso vive e por isso luta. É essa a única grilheta que o prende à vida.

«O público? Ah! O público. Êsse público tão amado e idolatrado é a tentação. O escritor só a êle vê, só a êle ama, só a êle sente. Não tem amores, não tem família, não tem outros cuidados. De resto o povo é a eterna esfinge. Sabe-se lá quando êle ri, sabe-se lá quando êle chora! ¿Quem o viu face a face? Supõe-se que seja caprichoso, voluntarioso, imperioso. Que tenha arrufos de bébé e caprichos de moça namorada. Que encante e sugue. Que arruine e inebrie. Que adore e mate. Vãs suposições! Sabe-se lá como êle foi; sabe-se lá como êle é; sabe-se lá como êle será! Animal estranho, ora tirano ora mimalheiro, criatura estranha que nunca ninguêm viu e que sentimos perto, esfinge eterna, eterna tentação.

«O público de resto tem uma psicologia difícil. ¿Leu V. a «Psicologia das multidões»? Pois Gustavo le Bon fê-la incompleta. O público é aquilo e não é nada daquilo. Tem tôdas aquelas virtudes e todos aqueles vícios. Mas ai do que se regular por êsse código. Encontrará uma coisa inteiramente desconhecida.

«Olhe V: Há criaturas, literatos, artistas, políti-

cos, homens do mundo que teem a pretenção de lhe bater, como se bate nas mulheres para que nos amem. Sim. Se V. transigir será espoliado, pisado e arremessado à lama. Cautela pois. Veja que há criaturas que passam a vida inteira a cortejá-lo, a fazer-lhe tagatés. Êle não olha. Mas tanto a criatura faz, tanto pede, tanto importuna que sempre se digna olhá-lo. A criatura promete-lhe mundos e fundos, oferece-lhe tudo, que êle tudo lhe exige, dá-lhe tudo, que êle tudo lhe rouba, e para quê? Para um *rendez-vous* dum quarto de hora, à pressa, numa reles casa de hóspedes. Depois ao ver a criatura-trapo enoja-se dela como certas mulheres se arrependem de terem tido na vida ligações efémeras. Então escusado é assediá-lo, lisonjear-lhe os vícios, estontear-lhe os caprichos, onanizar-lhe os apetites. Êle não cederá. Êle terá a impassibilidade augusta, gelada, egoísta do velho Xenocrates ante o corpo da magestosa Lais. Inútil! Quem um dia tombou tôda a vida será vencido.

« Mas quere V. triunfar? Ah! meu amigo, seja forte. Despreze o público. Seja como aqueles homens que passaram a sua mocidade a juntar dinheiro, indiferentes a gozos e a mulheres. Depois terão tôdas as coisas. Consagre a vida a uma grande

obra e não se lembre de que o público existe senão para o ferir, não saiba dele senão para o insultar. Êle virá como um rafeiro dedicado, subserviente e coitado. Êle virá como mulher que oferece um amor que se recusa. Então V. será o grande menino mimado e êle, se um dia você se dignar ter uma palavra grata, embandeirará em arco, levá-lo há em triunfo e coroará a sua cabeça de rosas se não houver à mão mirto ou louro. Lembre-se disto sempre»...

Cínico, scéptico, baforando fumo, traçada a perna, sorria. E eu sob a avalanche demagógica suava. Mas nem por isso esmorecia a sua loquacidade, nem por isso a sua língua deixava de taramelar conselhos e opiniões, pois eu voltava a ouvir:

«O público é a grande criança. Como as crianças, êle tem em alto grau o instinto da destrutividade. Como as crianças esquece fácilmente. ¿V. é hoje o amado das turbas, o triunfador, o herói? Pois bem. Amanhã, pelo mais fútil motivo, V. será o odiado, o inaturável, o esquecido. Ah! V. não conhece nada, V. não sabe nada. O público? Que irrisão!

«Há por exemplo, criaturas maniveladoras de reclamo que conseguem fazer em volta de si a ilusão

de que são lidas, escutadas, apreciadas emfim. Mas deixe V. o tempo gastar essa ténue camada de ilusão, êsse verniz de voga e verá aparecer o nada de tudo isso. Não. Se V. quere vencer, imponha-se por algo, mas não pense no público para nada. Êle não merece um real de atenção. Êle no fundo não sabe distinguir o bom do mau, uma abóbora duma lanterna, o claro do escuro. Se V. o desprezar buscá-lo há. E quanto mais V. o desconheça, tanto mais êle se esforçará por travar conhecimento consigo. É preciso, porêm, que V. tenha dentro da cabeçorra algo que algo valha. Senão nada feito.

«Note, que êle se apaixona quási sempre por coisas vulgares com aparências brilhantes. Êle não se interessará porque V. seja profundo: êle não quererá saber de que V. seja estudioso. V. será sempre e só um brinquedo. Nada mais. Camilo, chamava-lhe «o canalha de todos os tempos» e Camilo tinha razão.

«Eu para mim tenho, — e a espiral de fumo dum novo cigarro subia em volutas rendilhadas, que se perdiam arabescando o ar — que não vale a pena prender-se uma criatura. É torpe, ingrato, e em resumo, eu não simpatizo com êle. Actores e au-

tores, comediantes, *clowns*, cortesãs, tôdas as criaturas que dele vivem, como eu deploro a vossa sorte! Quanto ao que êle é, pergunte aos actores que envelheceram sem palco; aos escritores que o público já não lê: aos *clowns* de quem o público já não ri. E todavia, veja V., sinta V., como êles o amam ainda, como êles o desejam. Veja V. como êles lhe são fiéis, como êles se prestariam a tôdas as baixezas só para lhe sentir o hálito, só para o sentirem perto».

Era inesgotável o meu filósofo. Fumando e discorrendo estaria tôda a noite, se a minha paciência fôsse às toneladas. Cortei, dizendo: Pois amigo Tibério, creio que o melhor será não pensar no público para nada. Comer, dormir, eis tudo. Por causa de assim não ser é que Pascal morreu com 39 anos, e Spinosa com 45 e os outros por aí algures. Não, Tibério amigo, eu direi como o Padre Macedo:

«Para viver muito é preciso comer pouco; procurar vivenda em lugar elevado, montuoso e mais frio do que quente; exercitar-se, e trabalhar até à lassitude, sem fadiga; não passar por sítio onde tenha passado um médico, ainda que seja correndo a posta; fugir da habitação de cidades populosas;

não tomar muito a peito as coisas dêste mundo, julgando-se nascido para reformador do género humano; dormir quando lhe pedir a natureza, e deixar de filosofia que é a traça, e gorgulho que mais esfarela a triste vida humana».

E ainda, irónico, estou a ver a cara de Tibério que deitou discurso em saco rôto.

Gente moça

Se o amor, pela falta de cultivo, como uma planta rara se estiolou e morreu, a mocidade faliu fraudulentamente. Já não há novos, já não há criaturas de vinte anos. Parece um paradoxo? Não é. Os moços de hoje teem todos cinqùenta anos, o que não quere dizer que os velhos de cinqùenta anos sejam moços.

O homem tem evolucionado muito. Antigamente existia uma época na vida que se chamava mocidade. Nela não se sabia o que eram dores de dentes e enxaquecas. Não se dava valor ao dinheiro, e a vida era uma coisa que se arriscava, que se jogava com a confiança serena de quem não tem que morrer nunca. A alegria era a vida, e nos corações coroava-se de rosas a estátua que Licurgo mandou levantar ao riso. Era-se irreverente e con-

*

ta-se que várias vezes os muchachos passavam sem se prosternarem ante as estátuas dos deuses, antes maliciosamente lhes piscavam os olhos sorrindo com ironia.

Amava-se, amava-se a valer. Era a época da galantaria, da paixão. E o homem era nessa época como os heróis antigos. Tinha a firmeza inabalável dum rochedo que desafiasse os mares, os ventos, os temporais, os céus. Contavam-se histórias supremas, coisas tentadoras, loucuras sublimes, atrevimentos sem nome.

Tudo isto passou. A mocidade morreu. Hoje nasce-se velho. Ainda menino, logo se começa a deitar contas à vida. Assim, aos doze anos, já um fedelho conhece as mulheres como os seus dedos, começa a queixar-se do estômago, foi preso oito vezes com resistência ao captor, e com pronunciadas olheiras e a espinha curva sabe de experiência própria o nome e o resultado de certas especialidades farmacêuticas.

Fuma desabaladamente, já fêz um curso, tem uma côr lívida de tresnoitado, e por duas vezes ameaçou a mãe ou a amante porque ela lhe não queria dar dinheiro para a extravagância. Entra em casa às 4 horas da madrugada, dorme vestido,

e quando lhe falam em mulheres honestas ri, num riso cínico, onde parece haver amassada a torpeza de trinta gerações.

Não namora, mas também não casa. Se tem filhos, diz que sabe lá «se são dele», aproveitando-se da frase para os não proteger. E cotejando-se com um velho dos antigos tempos a gente assistiria pasmada a um concurso em que o velho seria incomparávelmente menino.

A Julieta, com estes cavalheiros seria impossível, Heloisa a fábula. Uma escada de sêda? Mas o Romeu de hoje começaria por informar-se do dote da sua dama. Depois veria se a janela era alta e a escada forte. Balancearia os seus nervos e veria se valia a pena arriscar-se a um trambulhão da altura de cinco metros. Veria se, dado o trambulhão, alguêm lhe acudiria e se existia algum pôsto próximo. E depois de ter visto, medido e ponderado, acharia enorme a fadiga, não compensador o sacrifício e poria um *ultimatum* à diva, o qual seria nada de escadas, nem de tretas. Que lhe abrisse a porta noite alta ou a mandasse abrir pela Josefa, a quem cinco tostões convenceriam fácilmente. Que cinco tostões novos são cinco tostões, e não vai o tempo para esquisitices.

Tal diria, tal faria. De resto, é raro hoje o moço que não tem um extremo cuidado na sua pessoa, e um mêdo terrível a perder a consideração dos outros. Aspira honras e proveitos, e espera reformar-se em qualquer sinecura choruda. Não ri porque se julga respeitável, perdeu as irreverências porque se tornou ferozmente conservador, e tomou uns modos tão comedidos que pode ser apontado como bom modêlo de manequins articulados. Tem na conversa o ar fatigado e erudito dum dos antigos conselheiros da coroa e a cada momento o seu interlocutor espera vê-lo sacar dos bolsos a caixa do rapé dos desembargadores e pitadeantes. Não ama, não estuda, não crê. É vaidoso, duma vaidade extrema; não chalaceia, não admite graças.

É duma sisudez irritante e chega a infundir piedade, à fôrça de ser tão caricato. O mêdo ao que dirão toma o carácter obsidente, fóbico.

Os seus passos são medidos, as suas palavras pesadas, os seus gestos aferidos pelo gesto das pessoas que *chegaram*. Se escreve, não há lugar comum que escape. E aos vinte e três anos o badameco é director geral de qualquer coisa, inspector geral, ou outro qualquer cargo de que a gente se admira. Ah! não haja dúvida. Já não há meninos...

É isto a mocidade? diria, pondo as mãos na cabeça, um velho de 1850. É isto, infelizmente. E não calculam, não se calcula como é lamentável ver um rapazote já vergado ao pêso de tão grandes e graves coisas. Como é lamentável vê-lo sombrio, taciturno, cheio de cuidados, tendo vivido mal e à pressa, passando pela vida como um combóio rápido por uma árvore, para chegar aos trinta anos e ser dispéptico, descrente e fóssil. Viveu? Não, vegetou. E nem dinheiro, nem talento, nem saudades, nem amores. É sêco, estátua do egoísmo e da saciedade.

As grandes alegrias onde ficaram? As afeições? ¿A vida livre, sem peias nem tributos? Tudo isso soterrado sob dias e dias de hipocrisias, de receios, de esperanças, de invejas, de lágrimas bebidas em silêncio, de vaidades amarfanhadas. E então a morte chega, arrola o seu espólio e a louza do esquecimento cai sôbre a criatura.

Mas a mocidade? Onde ficou? A mocidade morreu. A generosa, a ardente idade dos grandes amores, das grandes dedicações, dos atrevimentos, das irreverências, dos sacrifícios, já não existe. Suprimido o amor, o homem entendeu decretar a supressão da mocidade. Acho que fêz mal. A moci-

dade era útil, era precisa, quanto mais não fôsse para a gente a recordar com saudade ou se envergonhar dos seus desvarios quando chegasse a respeitável. Que era o caminho. Começar irreverente e acabar conselheiro. Agora o peor é que conselheiro se começa, conselheiro se fica e conselheiro se morre. Dizia António Nobre, ao falar das inegualáveis paisagens de Portugal, das suas árvores, dos seus regatos, dos seus poentes,

> Que é dos pintores do meu país estranho
> onde estão êles que não veem pintar.

Como valia a pena ter o seu talento para fazer a elegia da mocidade saudosa, da mocidade gloriosa que passou, que desterraram, que morreu...

FIM

Índice

	Pág
Dedicatória	5
Prólogo	7
«Quando o fado é rigoroso...»	9
O Fado	17
Fragmento duma carta	27
Políticos	35
A Dança	41
João Rosa	47
Chapéus e animatógrafos	53
Viagens	59
A questão ortográfica	67
Óscar Wilde	75
Teatro da Natureza	83
A gastronomia, sciência da vida	89
Scena primitiva	97
O Senhor Richepin	103
Na Boa Hora	109
Jornais & Jornalistas	117
A Religião do Riso	125

Pág.
Catulle Mendés 133
A conquista do céu 139
Os santos populares 145
Revistas do ano 151
Ferrer 157
Camilo 163
Deuses 169
O museu instrumental 177
O Ódio 185
Os deserdados. 191
A alma das coisas 197
O público 203
Gente moça. 211

Albino Forjaz de Sampayo

LISBOA TRÁGICA

1 volume com o retrato
do autor por António Carneiro, 500 réis

« Traz-me o correio um livro do moço escritor Albino Forjaz de Sampayo — *Lisboa trágica.*

Êste Albino, não tão célebre como o órfão Albino, é o terror dos burgueses alfacinhas. Escreve na *Luta* crónicas tremendas em que há tragédias, crápulas, meninas desventuradas, fantasmas, misérias, egoísmos, coisas pavorosas que, lidas ao almôço, fazem papejar as artérias e arripiar os cabelos, pondo em risco a vida do leitor. Quando sai à rua, em volume, é cada título que faz mêdo: *Palavras cínicas, Crónicas imorais, Lisboa trágica...*

No teatro só aplaude os dramas de faca e al-

guidar, em que os espectadores da primeira fila ficam salpicados de sangue, ou então os que metem pistola e tiranos de barba longa e alfange à cinta. É um homem perigoso. Quem o lê está a vê-lo terrível, membrudo, de fera catadura, comendo fígados de leão e bebendo peçonha. É pessimista, é cínico, é o diabo... Há leitores que sonham com êle e acordam aos gritos num pesadelo, como os meninos que viram papão. E afinal, um dia vem a gente a conhecê-lo e que encontra? Um magricelas, sem chorume nem substâncias, pálido, desolhado, amarelido de rosto, a rir em soluços como o Silva Pinto, e duma mansidão de génio que chega a parecer uma pomba sem fel. ¿E é isto o grande revoltado, o Marat dos literatiços, o azorrague dos burgueses? ¿Êle que não pode com uma gata pelo rabo e que vem ao cafézinho da noite com um sorriso engatilhado e os modos tímidos dum colegial entre estroinas? Ora bolas!

Pois é assim mesmo: um excelente moço, cheio de talento, alegre, bom cavaqueador, generoso e amável, cá fora, entre amigos.

Mas quando se apanha só, diante do tinteiro, todo êle se trasmuda e o manso Albino desaparece para dar lugar ao Albino terrível. E agora vereis o que é sangueira. Bordoada para a direita, zargunchada para a esquerda, vergalhando vaidades, arrebentando preconceitos, zurzindo, descompondo, tremebundo, implacável... E como o diabo

do rapaz tem talento e escreve bem, tudo aquilo parece verdade...

Esta *Lisboa trágica* que êle, em vez de estar a dormir na sua caminha, andou a ver, altas horas, estrenoitado e entanguido de frio, põe os cabelos em pé.

São quadros de crápula, de miséria, e de fome, ampliados amorosamente por um artista, sentimental e romântico, que tem a mania de coleccionar tristezas e pavores para a sua galeria de monstruosidades literárias, com o mesmo entusiasmo que uma menina ingénua colecciona selos ou borboletas...

MANUEL PENTEADO.

(Do *Jornal do Comércio*).

PQ
9261
F67P7

Forjaz de Sampaio, Albino
Prosa vil

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 03 04 004 3